



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Programa de Pós – Graduação em Linguística

**Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados
classificadores**

CLEOMASINA STUART SANÇÃO SILVA MENDONÇA

Brasília

2012

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós – Graduação em Linguística – PPGL

**Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados
classificadores**

CLEOMASINA STUART SANÇÃO SILVA MENDONÇA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes

Brasília – DF

Julho

2012

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós – Graduação em Linguística – PPGL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CLASSIFICAÇÃO NOMINAL EM LIBRAS: UM ESTUDO SOBRE OS
CHAMADOS CLASSIFICADORES

Orientador: Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes

Banca examinadora:

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes (LIP/UnB)

Profa. Dra. Audrei Gesser (UFSC)

Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva(LIP/UnB)

Profa. Dra. Marina M. S. Magalhães (LIP/UnB)

CLEOMASINA STUART SANÇÃO SILVA MENDONÇA

CLASSIFICAÇÃO NOMINAL EM LIBRAS: UM ESTUDO SOBRE OS CHAMADOS
CLASSIFICADORES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília para obtenção do título de Mestre em Linguística (Área de Concentração Gramática: teoria e análise)

Aprovada em Julho de 2012

Comissão examinadora constituída por:

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes
Universidade de Brasília – UnB (LIP – PPGL)
Orientador e Presidente da banca

Prof.^a Dr.^a Audrei Gesser
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (CCE)
Membro titular da banca/ Membro Externo

Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva
Universidade de Brasília – UnB (LIP – PPGL)
Membro titular da banca/ Membro Interno

Prof.^a Dr.^a Marina Maria da Silva Magalhães
Universidade de Brasília – UnB (LIP – PPGL)
Membro Suplente da banca

*Dedico esta dissertação
à comunidade surda de Brasília que tanto me ensinou nesses anos, contribuindo assim para o
meu amadurecimento e formação profissional. Aos meus amigos surdos de Brasília meu
muito obrigada!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à Maria que durante todo esse tempo colocaram em meu caminho verdadeiros anjos, pois nas horas em que eu mais precisei estavam ao meu lado. Aos meus anjos amigos presto as minhas homenagens:

À agência CAPES pelo financiamento;

Às secretárias do PPGL Renata e Ângela que sempre me receberam bem;

Aos meus pais Mendonça e Socorro, por me aturarem quando eu estava estressada e pelas vezes que, com raiva, disse ou fiz algo que eles não gostaram. Obrigada pelo silêncio de vocês e por acreditarem no meu sucesso;

Ao meu irmão Cleodoberto, Shake para os íntimos, por me ajudar com Comitê de Ética. Sei que foi um saco ter me corrigido e aconselhado, mas muito obrigada;

À minha irmã Cleoduvirgem, pela ajuda com o photoshop e pelas noites em claro. Sei que você não aguenta mais a palavra ‘classificador’ e que, depois de mim, você é a segunda especialista no assunto;

Ao Paulo Roberto Barbosa de Andrade pelo apoio técnico, como o Elan, e nas gravações dos demais vídeos. Por estar comigo nos momentos difíceis, sempre com carinho e compreensão, me ensinado que é preciso ter Fé em Deus para conseguirmos as coisas;

À família Barbosa de Andrade, nas pessoas de Roberto Audy, Cida e Renata; que sempre torceu por mim nessa minha caminhada;

À minha madrinha Telma, Bernardo, Lilian e Alex que suportaram a minha ausência e, mesmo à distância, torceram por mim;

À Família Pimenta, nas pessoas da dona Socorro, seu Luiz, Larissa e Eduardo, por me acolher, aconselhar e pelo apoio nas horas difíceis. Muito obrigada, me sinto da família!;

À amiga de graduação Elaine Batista Paulino, que me ensinou que com a humildade e determinação somos capazes de fazer nosso próprio caminho sem depender de terceiros para abrirem as portas, mas de Deus e dos verdadeiros amigos que nos apoiam;

Às amigas de graduação, pós e de viagens Eugenia, ops! Lia, e Renatinha, valeu a pena todas as aventuras, alegrias, tristezas e experiências vividas durante a jornada;

À amiga Joice Oliveira Ventura pelas viagens, em cima da hora, pelas aflições e confidências que compartilhamos ao longo desses anos.

À comunidade surda, que muito me ensinou nesses anos de convivência, amadureci muito com vocês;

À irmã Helena pela confiança, carinho e bondade, pois me deixou realizar a pesquisa no INOSEB;

Às professoras de graduação Daniele Grannier, Orlene Sabóia, Raquel Dettoni e Cibele Brandão, que são verdadeiros exemplos de pesquisadoras, se um dia eu for um terço de cada uma delas eu serei uma profissional competente;

Ao Professor Dionei Moreira Gomes, que acreditou nesta pesquisa e na pesquisadora, e com muita paciência me orientou nesses quatro anos de vida acadêmica; durante esse período, tivemos muitas alegrias, discussões e atritos, mas, lembrado essas ocasiões, com muita ternura e sem mágoa, percebo o quanto elas foram valiosas para o meu crescimento pessoal e profissional. Obrigada, professor, agora eu sei que sou sua orientanda favorita! (kkkk)

Aos Padres José Alexander Chacón Rondon, José Ángel Revilla Guitierrez e Marcos Luis Erustes Polonio meus agradecimentos pelas horas em que eu pensei em desistir de tudo e vocês, com toda a compreensão, me ajudaram a superar os meus medos, as minhas angústias e a minha falta de coragem. Obrigada por me ensinarem que antes de SER alguém e preciso SERVIR a alguém. Obrigada por todos esse anos de luta, de confidências, de alegrias por nós compartilhadas, pelas lágrimas, mais da minha parte, e pelas palavras de conforto e amizade. Vocês, assim como a comunidade surda, foram verdadeiros exemplos de superação na minha vida;

À Doutora em psicologia pela UnB, professora, intérprete e mui amiga, Meireluce Leite Pimenta, que foi responsável pelo meu ingresso na pós, que me ensinou a ética de ser uma boa intérprete, que me motivou nos momentos difíceis dizendo: “o bom é que você vai sobreviver, Cléo!”; e por fim por compartilhar comigo sonhos, realizações, angústias e esperanças.

CLASSIFICAÇÃO NOMINAL EM LIBRAS: UM ESTUDO SOBRE OS CHAMADOS CLASSIFICADORES

RESUMO

Os classificadores são descritos pela literatura em língua de sinais como um fenômeno que decorre de uma classificação de paradigmas verbais ou formas usadas para descrever um determinado item lexical que não há língua. Contudo, as pesquisas sobre línguas orais demonstram que, dentro do sistema de classificação nominal, os classificadores desempenham um processo que vai além das formas linguísticas. Nesse caso, estamos diante de uma forma de pensar, cognitivamente, voltada para a criação de esquemas mentais e de uma classificação das palavras que se origina nas experiências dos falantes. Outra característica fundamental dos classificadores em línguas orais é a correlação com aspectos sociais e culturais. Se por um lado os estudos funcionais descrevem essa complexidade em línguas orais, em Libras as análises não apresentam essas características. É com essa questão que a presente pesquisa analisou os ‘classificadores’ em Libras segundo o funcionalismo-tipológico, analisando-os dentro do *continuum* de gramaticalização. Os resultados evidenciam que em Libras: a) os sinais classificadores de segurar-X tipo de objeto, X-tipo de objeto, entre outros são itens lexicais ou termos de classes, e b) os ‘predicados complexos’ na verdade são verbos com forte motivação imagética, se assemelhando com os verbos ideofônicos. Embora o que se chame de ‘classificadores’ em Libras não apresente as características do sistema de classificadores, o qual consideramos dentro do suporte teórico usado, a Libras não se desconfigura como língua, visto que ela é mais rica em motivações imagéticas do que as línguas orais.

Palavras – chaves: morfologia, funcionalismo – tipológico, classificação nominal, classificadores, *continuum*, gramaticalização, semântica cognitiva e Libras

CLASSIFICAÇÃO NOMINAL EM LIBRAS: UM ESTUDO SOBRE OS CHAMADOS
CLASSIFICADORES

ABSTRACT

The classifiers are described by literature in linguistics by signs as a phenomenon which follows from a classification of verbal paradigms or forms used to describe a determined lexical item that does not contain linguistics, however, oral language researchers demonstrate that, in the nominal classification system, the classifiers play a role that goes beyond formal linguistics. In this case, we are up front with a form of cognitive thinking, forwarded to the creation of mental schemes and a classification of words that origin within the experiences of the speaker. Another fundamental characteristic, within the oral classifiers, is the interconnection with the social and cultural aspects. On one hand the studies describe the functional complexity on oral languages, on sign language the analysis don't represent these characteristics. It is this issue that this research examined the "classifiers" in sign language according to the typological-functionalist, analyzing the *continuum* of grammaticalization. The results show that sign language: a) The signs classified for holding X type of object, among others are lexical items or class terms, and b) The 'complex predicates' are actually verbs with strong motivation imagery, resembling with the ideophonic verbs. Although what is called "classifiers" in sign language don't represent the systematic characteristics of a classifier, which we consider within the theoretical framework used, sign language does not sets down such as in language, it is richer in imagery motivations than spoken languages.

Keyword: morphology, typological-functionalist, nominal classification, classifiers, *continuum* of grammaticalization, cognitive semantics and Libras

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
LISTA DE ESQUEMAS.....	v
LISTA DE FIGURAS	v
LISTA DE QUADROS.....	vi
LISTA DE TABELAS	vi
LISTA DE ABREVIACÕES	vi
0. INTRODUÇÃO	1
0.1. Objetivo Geral	3
0.2. Objetivos Específicos.....	3
0.3. A formação do <i>corpus</i>	4
0.3.1. A Língua Brasileira de Sinais: Libras	7
0.3.2. Perfil dos colaboradores surdos	8
CAPÍTULO 1 – ESTRUTURA DAS LÍNGUAS DE SINAIS	13
1.1. Os precursores nos estudos fonológicos na ASL.....	13
1.2. Um pequeno percurso na fonologia da Libras.....	20
1.3. Os processos morfológicos da Libras	24
1.4. Considerações do capítulo.....	33

CAPÍTULO 2–OS CLASSIFICADORES EM LÍNGUAS DE SINAIS: PANORAMA DA ARTE	34
2.1. Panorama dos estudos sobre classificadores nas línguas de sinais	34
2.1.1. Os classificadores em algumas Línguas de Sinais	43
2.2. Os classificadores em Libras	47
2.3. Considerações do capítulo.....	58
CAPÍTULO 3–OS CLASSIFICADORES SOB O ENFOQUE FUNCIONAL-TIPOLOGICO	59
3.1. O estudo funcional-tipológico: iconicidade, tipologia morfológica e o <i>continuum</i> de gramaticalização	59
3.1.1. Iconicidade	61
3.1.2. Tipologia Morfológica	63
3.1.3 O <i>continuum</i> de gramaticalização.....	65
3.2. O sistema de classificadores e o social	69
3.3. A semântica cognitiva e os classificadores	72
3.4. O <i>continuum</i> de gramaticalização dos classificadores.....	77
3.5. A tipologia dos classificadores.....	81
3.6. Considerações do capítulo.....	85
CAPÍTULO 4–CLASSIFICADORES EM LIBRAS?	86
4.1. Os itens lexicais e os termos de classes em Libras	87
4.2. Os Ideoqueremas em Libras <i>versus</i> os predicados complexos.....	107
4.3. Esboçando uma tipologia morfológica para Libras	127
4.4. Considerações do capítulo.....	136

CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	139
APÊNDICE A.....	149
APÊNDICE B	150
APÊNDICE C	151
APÊNDICE D.....	154
ANEXO A.....	155

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1: Cline de gramaticalidade	66
Esquema 2: Sistema de classificação nominal	78

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ilustração da notação de tab e dez (STOKOE, 1976 [1960], p. xix)	15
Figura 2: Sinais diferindo apenas pela região de contato (KLIMA e BELLUGI, 1979, p. 49) 18	
Figura 3: Sinais diferindo apenas pela orientação da palma (KLIMA e BELLUGI, 1979, p. 48)	18
Figura 4: Sinais com diferentes arranjos de mão (KLIMA e BELLUGI, 1979, p. 49)	19
Figura 5: As 46 Configurações de Mãos da Libras (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 220)	21
Figura 6: Pares mínimos na língua de sinais brasileira (QUADROS & KARNOPP, 2007, p. 52)	22
Figura 7: Morfemas lexicais e gramaticais	25
Figura 8: Verbos com incorporação de negação enquanto sufixo (FELIPE, 2006, p.213).....	30
Figura 9: Verbos com incorporação da negação enquanto infixos (FELIPE, 2006, p. 214)	31
Figura 10: Organização de alguns SASSes estáticos (SUPPALLA, 1986, p. 206).....	37
Figura 11: Sequência de verbos de movimento em ASL (SUPPALLA, 1986, p. 206).....	38
Figura 12: Classificadores de membros do corpo (SUPPALLA, 1986, p. 208-209)	39
Figura 13: Organização de alguns classificadores de instrumento (SUPPALLA, 1986, p. 211)	40
Figura 14: Sinais de textura e consistência (SUPPALLA, 1986, p. 212-213)	41
Figura 15: Descrição das formas geométricas na IPSL (ZESHAN, 2003, p.115)	44
Figura 16: Configuração de mão em forma de ‘Y’	49
Figura 17: Configuração de mão em forma de ‘B’	49

Figura 18: Configuração de mão em forma de ‘G’	50
Figura 19: Configuração de mão em forma de ‘F’	50
Figura 20: Configuração de mão em forma de ‘S’	51
Figura 21: Verbos com flexão para gênero (FELIPE, 2002, p. 212)	53
Figura 22: Os círculos concêntricos (FOLEY, 1997, p. 238).....	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparação entre os Classificadores na Língua de Sinais Tailandesa e os Classificadores em Tailandês (TUMTAVITIKUL et. al, 2009, p.41-42).....	46
Quadro 2: Classificadores Nominais Descritivos (tipos de atributos) (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p.119).....	55
Quadro 3: Classificadores Nominais Especificadores (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p.121)	56
Quadro 4: Classificadores Homônimos (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p.127).....	57
Quadro 5: Gênero vs. Sistema de classificadores (DIXON, 1982b, 1986, <i>apud</i> GRINEVALD, 2000, p. 62).....	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Classificação dos classificadores em Línguas de Sinais (ZWITSERLOOD 1996 <i>apud</i> SCHEMBRI, 2003, p.10)	42
Tabela 2: Restrições do uso de ‘pernas’ e ‘pessoa’ (ZESHAN, 2003, p. 121)	45
Tabela 3: Parâmetros de processos de gramaticalização (LEHMANN, 1985, p. 05).....	68
Tabela 4: Escala do sistema de classificadores em Tailandês	71

LISTA DE ABREVIACÕES

	Movimento de cima para a direita
	Movimento de cima para a esquerda
	Movimento de fora para dentro
	Movimento de dentro para fora
	Movimento de cima para baixo
	Movimento de um lado para outro
(...)	Indica quem se está falando
+	Indicando uma composição
1	Primeira pessoa
¹	Tom mais alto
²	Tom meio alto
2	Segunda pessoa
³	Tom meio baixo
3	Terceira pessoa
⁴	Tom de laringalização
7	Glotal
ABS	Absolutivo
ANTIPASS	Antipassiva
ASL	American Sign Language
CEAL	Centro Educacional de Audição e Linguagem Ludovico Pavoni
CL	Classificador
COMP-	Completivo
dact.	Dactilologia
ELAN	Eudico Linguistic Annotator
gen.	Genitivo
INOSEB	Instituto Nossa Senhora do Brasil
IPSL	Indo-Pakistani Sign Language
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira

N	Nome
NFC	Nome em função classificadora
OBJ	Objeto
p.	Pessoa
PAST.	Passado
PBSL	Português do Brasil como Segunda Língua
pl.	Plural
PERF	Aspecto perfectivo
PUNC	Aspecto pontual
R1	Indicador de determinante contíguo
R2	Indicador de determinante não-contíguo
RaizM	Raiz Movimento
SASS	Size and Shape Specifiers
sg.	Singular
SING	Singular
SUJ	Sujeito
Thai SL	Thai Sign Language
UL	Unidade Lexical

0. INTRODUÇÃO

“-Para se entender Libras é necessário que o intérprete saiba usar os classificadores!”

Conversa entre intérpretes, DF 2006

“-Qual o sinal para mineração?”

-Não, não tem. Acho que você tem que usar um classificador!”

Intérpretes dialogando na hora da aplicação de prova, DF 2010

Desde a publicação do livro *A dictionary of American Sign Language on linguistic principles*, de William Stokoe, em 1960, os estudos linguísticos das línguas de sinais vêm ganhando mais espaço nas discussões acadêmicas acerca dos modelos educacionais, os processos de aquisição da modalidade escrita das línguas orais por surdos ou da própria língua de sinais e descrição dessas línguas. Se outrora as línguas de sinais foram consideradas como linguagem ou mímica, atualmente elas alcançaram o *status* de língua. Após sete anos do lançamento do livro *Por uma gramática da língua de sinais*, de Ferreira-Brito¹ (1995), um exemplo desse reconhecimento foi a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

Contudo, por serem estudos recentes, o que percebemos nas análises linguísticas sobre a Libras é a falta de estudos, voltados para a própria língua, que não se ancoram em modelos já estabelecidos para outras línguas de sinais e/ou sirvam para constatar ou não a presença de um mesmo fenômeno ou elemento comum a todas elas. Especificamente nos estudos voltados para a morfologia, assim como nas análises fonológicas, ainda falta análises descritivas detalhadas das características morfológicas como o morfema, os processos de formação dos sinais, de flexão e derivação e a tipologia morfológica. No campo da sintaxe, embora sejam relativamente inúmeras as pesquisas, ainda há muito que se analisar. Já para a semântica e a pragmática não encontramos, até o presente momento, uma análise.

¹ Atualmente a autora é citada como Ferreira, porém mantemos aqui a forma de citação antiga, pois as publicações por nós lidas ainda constam o sobrenome Brito.

Especificamente, esta dissertação tem como objeto o estudo de morfemas que estão intimamente relacionados com o sistema de classificação nominal da língua brasileira de sinais (Libras). Para tal propósito, faremos uso da teoria funcional-tipológica, cuja escolha se dá pelo fato de ela considerar que a língua emerge de um fator social de interação dos indivíduos entre si e com o meio em que vivem, e que o ser humano é o agente de sua história e cultura.

Dentro dessa perspectiva, a língua é o instrumento usado na comunicação das experiências humanas, e as estruturas são geradas pelas nossas experiências ou pelos nossos modelos culturais (DELANCEY, 2000). Como as línguas variam segundo as suas respectivas comunidades, os estudos funcionais-tipológicos² permitem vislumbrar tal processo, com a finalidade de descrever os diversos fenômenos linguísticos existentes nas línguas a partir das interações sociais e da troca de experiências humanas entre si e o meio em que vivem.

O motivo desse tema decorre do fato de que durante os anos de graduação em Letras Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL), na Universidade de Brasília, muitas vezes frases como as listadas no início desta introdução foram ouvidas em congressos, palestras, cursos e em conversas entre surdos e intérpretes e, em contrapartida, a apresentação desse fenômeno era, e continua sendo, difusa.

A impressão passada por esses enunciados é que hoje só se sabe uma língua de sinais quando se usa os classificadores. Por conta disso, é adequado, e ideal, que tanto surdos quanto intérpretes tenham o domínio dessa língua com uma visão mais linguística. Então, nos perguntamos o que é um Classificador em Libras? O termo CLASSIFICADOR, usado pela literatura em Libras, apresenta definições e descrições pouco claras; e o resultado é uma compreensão superficial de como funciona o sistema de classificação nas línguas de sinais, e como identificá-lo. Ao nos referirmos a esse tipo de sistema, desencadeamos outras análises que abarcam os aspectos sociais, culturais, semânticos e morfológicos. Nas palavras de Grinevald (2004, p.97), “ classificadores oferecem uma janela única no que concerne aos estudos de como os seres humanos constroem representações do mundo e de como eles as codificam nas palavras em suas línguas”³ (Tradução nossa). E é essa representação do mundo em sinais que ainda carece de mais descrição.

² Sobre o assunto ler DeLancey (2000) e Givón (1995, 2001)

³ Classifiers offer a unique window into studying how human beings construct representations of the world and how they encode them into the words of their languages

Por essa razão, a presente pesquisa, iniciada ainda na graduação em 2008, analisa os denominados classificadores em Libras, com a finalidade de descrevê-los. O que nos propomos a fazer é estudar os processos morfológicos da Libras como o morfema, os itens lexicais – nesse caso os sinais – e, concomitantemente, rever e analisar, nos moldes da teoria funcional-tipológica, as construções com classificadores na língua brasileira de sinais, a fim de identificar se, de fato, esse fenômeno ocorre na Libras. Caso se confirme a presença deles, queremos identificar o seu *locus*, o seu tipo, as suas motivações semânticas e funções dentro da língua. Dessa forma, esperamos compreender como é a sistematicidade dos classificadores na língua brasileira de sinais, além de os aspectos interacionais que podem motivá-los.

Estruturalmente, no capítulo 1 fazemos um pequeno apanhado dos dois estudos fonológicos da ASL e da Libras, e de como é dado o tratamento no quesito morfologias em Libras. Já no capítulo 2, buscamos mostrar quais são as pesquisas sobre classificadores em ASL e demais línguas até chegarmos à Libras; no capítulo 3, apresentamos o aporte teórico que usaremos para a análise dos dados, e como os classificadores em línguas orais são descritos. No capítulo 4, analisaremos os dados segundo os critérios já estabelecidos anteriormente e, por fim, apresentaremos as considerações finais às quais chegamos com esta pesquisa.

0.1. Objetivo Geral

Documentar, descrever e analisar os chamados classificadores em Libras, demonstrando propriedades fonológicas, morfológicas e tipológicas dessa língua.

0.2. Objetivos Específicos

- a) Identificar o sistema de classificação nominal presente na Libras, com o intuito de:
 - descrever o processo de classificação nominal em Libras;
 - analisar na Libras o que a literatura atual apresenta como sendo classificadores ou construções classificatórias; e

- analisar os itens lexicais (sinais) dentro do *continuum* de gramaticalização.
- b) Analisar os enunciados que, de acordo com a literatura, apresentam classificadores a fim de:
- analisar os verbos que, segundo a literatura, são originados com a presença dos classificadores dentro do período.

0.3. A formação do *corpus*

Os dados utilizados para a formação do *corpus* da pesquisa foram de duas fontes: (i) os dados que se encontram na literatura vigente sobre classificadores ou construções classificadoras, que foram averiguados por nós junto a falantes surdos a fim de constarmos a existência de classificadores, o *locus* por ele ocupado e a(s) sua(s) função(ões) morfossintática(s); e (ii) os dados oriundos de filmagens, questionários e discussões que foram propostos aos colaboradores. Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, submetemos a pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Humanas da Universidade de Brasília, que a aprovou (ver Anexo A).

Nesta pesquisa, as entrevistas foram com grupos focais, pois “neste método de entrevista os participantes levam em conta os pontos de vista dos outros para a formulação de suas respostas e também podem tecer comentários sobre suas experiências e a dos outros” (BAUER & GASKELL, 2002 *apud* BONI & QUARESMA 2005, p. 73). Dessa forma, pudemos coletar não só os dados necessários para a pesquisa, mas obter também uma gama de informações sobre julgamento de valor; por exemplo, quando pedíamos para que os colaboradores narrassem uma cena, eles julgavam as atitudes dos personagens e expressavam suas opiniões acerca de determinado tema.

Foram entrevistados oito surdos divididos em três grupos de acordo com a faixa etária e o nível de escolaridade, o que nos proporcionou encontrar variações diastráticas. A coleta de dados aconteceu da seguinte forma:

- a. assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (ver Apêndices A e B);
- b. preenchimento de questionário sociolinguístico (ver Apêndice C); e
- c. filmagem dos participantes conversando em Libras.

O termo de consentimento livre e esclarecido é um dos documentos necessários para a realização de pesquisas que envolvam seres humanos. Nele, a pesquisadora se compromete com os participantes a não divulgar as imagens gravadas e prestar, junto ao comitê de ética e aos participantes, esclarecimentos de todas as etapas da coleta de dados.

O objetivo do questionário sociolinguístico foi fazer um levantamento do perfil sociolinguístico dos falantes surdos selecionados para esta pesquisa, buscando, dentre outras coisas, conhecer melhor a sua trajetória linguística durante o processo de aquisição da Libras e o aprendizado do português por escrito e falado. Com ele, observamos os ambientes em que os surdos mais usam a sua língua e com quem, quando e como se deu essa aquisição (se foi dentro de alguma associação ou instituição religiosa, em escolas de surdos ou no contato com outros surdos fora de qualquer instituição).

Para as filmagens, utilizamos vídeos e textos que abordaram diversos temas a fim de motivar discussões nos colaboradores, pois assim gravamos os surdos interagindo ora sozinhos, ora entre si.

Os textos usados para motivar o debate foram extraídos de vídeos da internet com temas da atualidade como: educação, política e sociedade. O uso dessa metodologia ancora-se na teoria dos Gêneros Textuais, pois:

Dependendo dos nossos objetivos e da imagem que temos dos nossos interlocutores, fazemos nossas opções lingüísticas, tanto de nível de formalidade da linguagem como de vocabulário, por exemplo. Também, dependendo da situação, escolhemos como vamos organizar a seqüência textual – ou seja, definimos qual gênero será o mais adequado para a comunicação. Gêneros textuais são realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas; é a situação de produção de um texto que determina em que gênero ele é realizado. (COROA, 2008, p. 29)

Como o nosso objetivo era coletar dados que fornecessem sinais ‘classificadores’, os gêneros escolhidos foram narração, opinião e instrução. Dos textos filmados e analisados, constam nesta dissertação só aqueles que, segundo a literatura, apresentam classificadores.

Como ferramenta de análise, utilizamos o software ELAN, desenvolvido na Holanda, em Nijmegen, pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck. Essa ferramenta é utilizada para anotações em áudio e vídeo. As anotações podem ser feitas em fases ou camadas e cada uma fica disposta no programa hierarquicamente. Com ele, há a possibilidade de interligação entre outros vídeos ou áudios, o que facilitou ao transcrevermos as glosas e interligarmos os vídeos.

Como a filmagem em uma instituição escolar atrapalharia as atividades dos surdos, decidimos optar pelo Instituto Nossa Senhora do Brasil (INOSB). Razão disso é que lá há um grande número de surdos das mais diversas idades, credos e de diferentes lugares do Distrito Federal, que frequentam a instituição para se socializar com os demais surdos e com os intérpretes. O INOSB está situado na 714/914 Asa Sul, na cidade de Brasília.

Sempre aos sábados, no período da tarde, há catequese e missa em Libras. Essa é uma instituição religiosa sem fins lucrativos, que tem como objetivo central promover a integração dos surdos com a sociedade. Dentre as atividades propostas pela instituição à comunidade surda estão o reforço escolar dos alunos nas séries iniciais, a catequese de jovens e adultos, grupo jovem, encontro de casais surdos, missas em língua de sinais, apoio às festividades e/ ou às reuniões da Associação dos Surdos do Distrito Federal, atendimento às famílias carentes, apoio às famílias e aos familiares dos surdos e interpretação em Libras em hospitais e em entrevistas de emprego, entre outros.

As filmagens nos permitiram analisar a construção das significações a partir das estruturas morfológicas e sintáticas da Libras. Com isso, quisemos averiguar se há a possibilidade de ter nela classificadores, e como esses se apresentam na língua e qual o seu *locus*. Quando analisamos os dados, contamos com o apoio dos próprios surdos e, dessa forma, obtivemos explicações de usos linguísticos utilizados pelos surdos, que ajudaram na formulação das explicações aqui dadas.

Cabe ainda esclarecer que as imagens mostradas aqui não são dos colaboradores da pesquisa, pois segundo a resolução do Conselho Nacional de Saúde número 196 de 10 de outubro de 1996, parágrafo IV. 1 letra 'g' é de responsabilidade do pesquisador “a garantia do sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa”, e mesmo que eles tivessem autorizado a exposição de suas imagens, decidiríamos por não fazê-lo em respeito à resolução. A fim de preservar a integridade e o direito dos meus colaboradores, tivemos que colocar outro surdo que reproduzisse os trechos filmados.

Por isso, as imagens postadas aqui são do surdo Paulo Roberto Barbosa de Andrade, que gentilmente aceitou nos auxiliar, comprometendo-se a não divulgar o que viu e nem expressar qualquer juízo de valor a respeito dos dados. Esse foi o meio a que tivemos que recorrer, já que as línguas de sinais não dispõem de um sistema de descrição que atendesse aos nossos objetivos, uma vez que os existentes são complexos e pouco explicativos, além de requerer da parte do leitor um curso específico para compreendê-los.

0.3.1. A Língua Brasileira de Sinais: Libras

Segundo a Lei nº 10.436/ 02, a língua brasileira de sinais (Libras) é reconhecida como língua de natureza visual-motora e exerce todas as funções comunicacionais, cabendo às instituições públicas apoiarem o uso e difusão da língua. Já o decreto 5.626/ 05 discorre sobre as disposições preliminares, garantindo aos surdos a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação de professores e instrutores, o acesso às escolas bilíngues, entre outros direitos de acesso.

Institucionalmente, a língua da comunidade surda do Brasil é a Libras, como consta no decreto de 2005 “Art. 2º. Para os fins desse Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.”. Sendo esse o nome oficial da língua, nesta dissertação optamos por usá-lo com as seguintes justificativas: a primeira decorre da lei, como acabamos de ver, a segunda por conta da comunidade surda na qual eu estou inserida. Quando comecei a aprender a língua de sinais com os surdos do Distrito Federal, em meados de 1996, o nome dado a ela pelos surdos era, e ainda é, Libras. Ao iniciar esta pesquisa perguntei a um dos colaboradores surdos qual o nome que deveria colocar no questionário e na dissertação, prontamente ele virou e me questionou: ‘você aprendeu Libras?’ respondi que sim, ele continuou: ‘Esse é o nome da língua que você aprendeu, mas por que você está me perguntado?’. No transcorrer da aplicação do questionário sociolinguístico nenhum surdo pediu que mudasse o nome da língua.

Digo isso, pois vários foram os questionamentos feitos durante a graduação e na pós-graduação quando optamos em usar Libras ao invés de LSB. Não intenciono com isso inviabilizar as pesquisas de quem usa LSB, mas acredito que “A lingüística nos tem ensinado que as línguas não podem ser decretadas, mas que são produtos da história e da prática dos falantes, que elas evoluem sob a pressão de fatores históricos e sociais” (CALVET, 2007, p. 85). A decisão pelo nome ‘Libras’ na lei de regulamentação e no decreto partiu da própria comunidade surda, como relembra Pimenta (2008, p. 31):

As comunidades de surdos de todo o Brasil intensificaram discussões organizadas sobre a garantia dos seus direitos lingüísticos, educacionais, saúde, acessibilidade aos meios de comunicação e entretenimento cultural. A Federação Nacional de Educação e Integração dos surdos – FENEIS foi uma das entidades consultadas no processo de elaboração da proposta da Lei n.º 10.436/02. Em Brasília, a Diretora

Administrativa da FENEIS, atualmente autora desta tese, juntamente com Coordenadores de Centro de Educação e Estudos em Libras – CEEL, também da FENEIS, e representantes da comunidade surda desenvolveram reuniões sistemáticas de conscientização e discussão da Proposta de Regulamentação da referida Lei. As sugestões advindas dessas reuniões, amplamente discutidas, resultaram em documento enviado para a Casa Civil. Muitas delas são vislumbradas no texto atual do Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamentou a Lei n.º 10.436/02.

Manteremos essa nomenclatura Libras. Dentre as sugestões aceitas pela Casa Civil está esse nome⁴, sendo assim, não usaremos a sigla LSB, que começa a ser usada principalmente no meio acadêmico, e ficaremos em sintonia, não só com a Lei, mas também com a comunidade que gentilmente me incluiu no mundo da Libras. O termo Libras se refere, então, à língua falada pelos surdos de todo o Brasil, e embora leigos conjeturem que haja uma uniformidade linguística na Libras, esse nome abarca todas as variedades linguísticas regionais, etárias, socioeconômicas e de gênero. A variedade da Libras apresentada aqui é a do Distrito Federal.

0.3.2. Perfil dos colaboradores surdos

Com base no questionário sociolinguístico (ver Apêndice C), pudemos traçar um perfil dos colaboradores como interações sociais com o uso da Libras, natureza da surdez e a aquisição do português escrito. Ao todo, filmamos oito surdos divididos em três grupos, essa divisão em grupos tem como base dois critérios; (i) a idade e (ii) o grau de escolaridade. Esses dois critérios foram utilizados para percebermos como foi o processo de escolarização, quando e com quem aprenderam a Libras e em que interações sociais, como família, igreja, escola ou trabalho, nossos colaboradores usam sua língua.

Os colaboradores serão denominados por nomes fictícios, pois assim estaremos de acordo com a resolução do Conselho Nacional de Saúde e com a vontade dos nossos colaboradores que gentilmente se dispuseram a serem filmados com a condição de não terem suas imagens colocadas neste trabalho.

Grupo 1: é constituído dos seguintes colaboradores:

⁴ Essa informação me foi passada pela professora Meireluce Leite Pimenta em comunicação pessoal.

Marina: tem 20 anos de idade, nasceu em Brasília, tem o segundo grau completo e é do sexo feminino. Nasceu com surdez profunda em ambos os ouvidos, pois durante a gestação a mãe teve rubéola e recém-nascida pegou meningite, na família não há outros surdos. Ela não sabe com que idade foi diagnosticada como surda. Até os 2 anos só teve contato com o português e, ao ingressar na escola, aprendeu Libras. Da 1ª até a 8ª série frequentou o CEAL⁵ e, em turno contrário, uma escola inclusiva; já o ensino médio foi cursado em escola de ouvinte. Da 1ª até a 4ª o professor usava português oralizado no CEAL e na escola Libras, da 5ª a 8ª o professor utilizava Libras e no 2º grau só português oralizado. Na maior parte, a interação com os colegas de sala e com os professores essa colaboradora usava gestos⁶. Tem pouco domínio do português escrito e de leitura. Ela aprendeu Libras na escola oralista com um professor ouvinte. Na interação com os pais, demais familiares, exceto com uma prima que sabe Libras, e colegas, amigos não surdos, ela usa o português oralizado. Na interação no trabalho e na igreja, nossa colaboradora usa Libras.

Regina: tem 18 anos de idade, nasceu em Brasília, tem o segundo grau completo e é do sexo feminino. Nasceu com surdez profunda em ambos os ouvidos, pois durante a gestação a mãe teve rubéola e a recém-nascida pegou rubéola, na família não há outros surdos. Ela não sabe com que idade foi diagnosticada como surda. Até os 4 anos só teve contato com o português e, ao ingressar na escola, aprendeu português oralizado. Da 1ª até a o ensino médio frequentou o CEAL e, em turno contrário, uma escola de ouvinte. Da 1ª até a 8ª, o professor usava português oralizado e no 2º grau alguns professores usavam português oralizado e outras sabiam um pouco de Libras. Na maior parte, na interação com os colegas de sala e com os professores, essa colaboradora usava Libras e/ ou português oralizado. Tem pouco domínio do português escrito e de leitura. Ela aprendeu Libras na escola de surdo com professor surdo. Na interação com os pais, demais familiares, exceto com algumas primas que sabem Libras, e colegas, não surdos, ela usa o português oralizado. Na interação no trabalho, no STJ, e na igreja, nossa colaboradora usa Libras e/ ou português oralizado.

Juliana: tem 18 anos de idade, nasceu em Brasília, tem o segundo grau completo e é do sexo feminino. Nasceu com surdez severa em ambos os ouvidos, durante a gestação a mãe teve rubéola e recém-nascida pegou rubéola, na família não há outros surdos. Ela foi diagnosticada como surda aos 2 anos. Até os 4 anos não sabe com qual língua teve contato primeiro, se a

⁵ Centro Educacional da Audição e Linguagem Ludovico Pavoni, situado na SGAN 909, Módulo B - Asa Norte, Cidade/UF: Brasília.

⁶ Entende-se gesto como mímica, não é Libras

Libras ou o Português. Da 1ª até 4ª série frequentou o CEAL e, em turno contrário, uma escola inclusiva. Da 5ª ao ensino médio, frequentou só escola de ouvinte. Da 1ª até 4ª série, o professor sabia um pouco de Libras. Da 5ª à 8ª, a colaboradora não respondeu e no 2º grau o professor usava português oralizado. Na maior parte do tempo, na interação com os colegas ela utilizava gestos⁷ e com os professores só o português oralizado. Tem pouco domínio do português escrito e ela não consegue ler livros, jornais etc, em português. Ela aprendeu Libras na escola de surdo com professor surdo. Na interação com os pais, demais familiares e colegas, amigos surdos, ela usa Libras. Na interação na igreja, nossa colaboradora usa Libras e/ ou português oralizado.

Grupo 2: é constituído dos seguintes colaboradores:

Elias: tem 28 anos de idade, nasceu em Planaltina, Distrito Feral, cursou até a 8ª série e é do sexo masculino. Nasceu com surdez moderada em ambos os ouvidos, esse colaborador não soube informar se durante a gestação a mãe teve algum tipo de doença, e nem sabe se quando recém-nascido teve alguma doença que ocasionou a surdez. Ele foi diagnosticado como surdo quando tinha entre 6 e 9 anos. Até os 4 anos, teve contato primeiro com o português oralizado e aprendeu Libras na escola. Da 1ª até a 4ª série, frequentou escola de ouvinte. Da 5ª à 8ª série, frequentou escola especial com professores surdos. Da 1ª até a 4ª série, o professor utilizava o português. Da 5ª à 8ª, o professor usava Libras. Na maior parte do tempo, a interação com os colegas de sala e com os professores esse colaborador usava Libras e português oralizado. A escrita em português é limitada e ele não consegue ler livros, jornais etc, em português. Ele aprendeu Libras no INOSEB, na escola de surdo com professores surdos, professores ouvintes, associação de surdos, com amigos surdos fora do ambiente escolar e na igreja com professor surdo. Diz que não conversa muito com os pais e demais familiares e com colegas, amigos, ele usa Libras e/ ou português. Na interação na igreja, nosso colaborador usa Libras e/ ou português oralizado.

Mateus: tem 35 anos de idade, nasceu em Taguatinga, Distrito Federal, tem o segundo grau completo e é do sexo masculino. Nasceu com surdez profunda em ambos os ouvidos, esse colaborador não soube informar se durante a gestação a mãe teve algum tipo de doença, e nem sabe se quando recém-nascido teve alguma doença que ocasionou a surdez. Ele foi

⁷ Entende-se gesto como mímica, não é Libras

diagnosticado como surdo por volta dos 2 anos. Aos 4 anos, aprendeu Libras. Da 1ª até a 4ª série, frequentou o CEAL. Da 5ª ao ensino médio, frequentou só escola de ouvinte. Da 1ª até 4ª série, ele não informou como era a sua interação com o professor. Da 5ª ao 2º grau, o professor usava português oralizado. Na maior parte do tempo, a interação com os colegas e com os professores era só em português oralizado. Não consegue escrever em português e não consegue ler livros, jornais etc., em português. Ele aprendeu Libras na escola de surdo com professor surdo, na Associação de Surdos com intérpretes, com os amigos surdos fora do ambiente escolar e na igreja com instrutor ou professor surdo. Na interação com os pais e demais familiares, ele usa o português oralizado; já com os colegas e amigos ele só usa Libras, exceto no trabalho no STJ em que ele faz uso do português oralizado. Na interação na igreja, nosso colaborador usa Libras.

Grupo 3: é constituído dos seguintes colaboradores

Pedro: tem 34 anos de idade, nasceu em Jaraguá, Goiás, tem o ensino superior completo e é do sexo masculino. Mudou-se para Brasília quando tinha 5 anos. Nasceu com surdez profunda em ambos os ouvidos, esse colaborador não soube informar se durante a gestação a mãe teve algum tipo de doença, e nem sabe se quando recém-nascido teve alguma doença que ocasionou a surdez. Ele foi diagnosticado como surdo aos 2 anos. Aos 4 anos aprendeu português oralizado e na escola aprendeu Libras e português oralizado. Da 1ª até 4ª série frequentou o CEAL. Da 5ª à 8ª série frequentou escola de ouvinte e escola de oralização. No ensino médio, frequentou só escola de ouvinte. Da 1ª até 4ª série o professor só usava português oralizado. Da 5ª ao 2º grau o professor usava português e Libras. Na maior parte do tempo, a interação com os colegas ele utilizava a Libras e com os professores só o português oralizado. Lê e escreve bem em português. Ele aprendeu Libras na escola de oralização com professor ouvinte, na Associação de Surdos com os amigos surdos fora do ambiente escolar e na igreja, com instrutor ou professor surdo. Na interação com os pais e demais familiares, ele usa o português e Libras, na família o pai e as irmãs sabem Libras; já com os colegas e amigos ele só usa Libras, no trabalho na NovaCap, ele faz uso do português e da Libras. Na interação na igreja, nosso colaborador usa Libras e o português.

Lucas: tem 41 anos de idade, nasceu no Gama, Distrito Federal, tem o ensino superior completo e é do sexo masculino. Nasceu com surdez moderada em ambos os ouvidos, esse colaborador não soube informar se durante a gestação a mãe teve algum tipo de doença, e nem sabe se quando recém-nascido teve alguma doença que ocasionou a surdez. Ele foi diagnosticado como surdo entre 2 e 5 anos. Aos 4 anos aprendeu Libras e na escola aprendeu português oralizado. Da 1ª série até o 2º grau frequentou escola de ouvinte e a escola de oralização. Durante o seu percurso escolar, nas interações professor-aluno e aluno-surdo com aluno-ouvinte, esse colaborador sempre utilizou o português oralizado. Lê e escreve pouco em português. Ele aprendeu Libras com os amigos surdos fora do ambiente escolar quando ingressou na escola aos 4 anos. Na interação com os pais e demais familiares, ele usa o português oralizado e não se relaciona com os colegas e amigos no trabalho. Na interação na igreja, nosso colaborador usa Libras e o português oralizado, já no trabalho, como professor, ele só usa Português oralizado.

Arthur: tem 48 anos de idade, nasceu em Santos, São Paulo, tem o ensino superior completo e é do sexo masculino. Nasceu com surdez profunda em ambos os ouvidos, esse colaborador tem um histórico de surdez na família, no caso os bisavôs são surdos e por conta dos pais serem primos consanguíneos, ele e os outros dois irmãos são surdos. Ele foi diagnosticado como surdo quando recém-nascido. Aos 4 anos aprendeu Libras e na escola aprendeu português oralizado. Da 1ª à 4ª série, estudou no CEAL e da 5ª série até o 2º grau frequentou escola de ouvinte e escola de oralização. Durante o seu percurso escolar, nas interações professor e aluno, esse colaborador sempre utilizou o português oralizado ou escrito, mas com os colegas ouvintes, que sabiam Libras, ele também utilizava a Libras. Lê e escreve pouco em português. Ele aprendeu Libras com os amigos surdos na associação de surdos. Na interação com os pais e demais familiares, ele usa o português escrito, mas com os irmãos, que são surdos, ele usa a Libras. É professor e na relação com os colegas e amigos no trabalho, ele faz uso do português e da Libras. Na interação na igreja, nosso colaborador usa Libras.

CAPÍTULO 1 – ESTRUTURA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

“(...) é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua; os homens poderiam também ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas.”

Fernand de Saussure

Neste capítulo, faremos uma pequena revisão dos principais estudos linguísticos sobre a fonologia e a morfologia das línguas de sinais. Os autores aqui apresentados foram precursores nas análises linguísticas e seus estudos são um referencial para os pesquisadores que se interessam pelo assunto. Faremos um percurso sobre os primeiros estudos fonológicos em uma língua de sinais, nesse acaso a ASL, em seguida veremos a fonologia da Libras e como a linguística tem analisado os processos morfológicos em Libras.

1.1. Os precursores nos estudos fonológicos na ASL

Em uma época em que toda e qualquer forma de se comunicar fazendo uso das mãos era encarada como um defeito – pois só se entendia língua como a vibração das cordas vocais – a obra *A dictionary of American Sign Language on linguistic principles*, de William Stokoe (1960), causou um impacto na tradição oralista de educação de surdos e nas análises linguísticas. Começava com Stokoe o primeiro estudo linguístico a respeito das unidades constituintes de uma língua de sinais que, desprovida de sons, é capaz de exercer as mesmas funções comunicacionais que uma língua oral:

A natureza da estrutura da língua de sinais não é muito diferente da natureza da língua oral, sem desprezar a diferença vocal-visual. A língua de sinais não usa os sons, mas unidades elementares distintivas de um ponto de vista visual. Vista de um ângulo apenas diferente, a atividade sinalizar pode mostrar uma variedade infinita. No entanto, a língua de sinais, assim como outra língua, categoriza essa infinidade de elementos. Análogo ao fonema temos o querema, na língua de sinais. (CARE-e

em, a primeira sílaba da palavra grega homérica que significa ‘mão’). (STOKOE, (1976[1960], p. xxix)⁸ (Tradução nossa)

Os estudos *querológicos*⁹ da American Sign Language (ASL) fizeram com que as línguas de sinais ganhassem o *status* de língua, mudando assim a situação dos surdos norte-americanos e, anos mais tarde, a dos surdos em todo o mundo.

Em seu modelo estruturalista, se assim podemos defini-lo, Stokoe (1976[1960], p. vii) previa três componentes que constituem os sinais, são eles: *designator* (*dez*) para as diversas formas que a(s) mão(s) assume(m); *tabula* (*tab*) para o lugar onde se realiza o sinal; e *signation* (*sig*) para o movimento realizado pela(s) mão(s). Segundo o autor, a união desses três componentes, independente da ordem em que aparecem, forma os sinais ou palavras na ASL. Outro fator destacado por ele é que, diferentemente do que ocorre nas línguas orais, na ASL os componentes querológicos são realizados simultaneamente e não linearmente.

⁸ The nature of sign language structure is not very different from that of spoken language structure, once account is taken of the vocal-visual difference. Sign language uses, not sounds, but visible distinct elemental units. Looked at simply as different things to see, the activity of signing can show infinite variety. However, sign language, like other language, puts these many things into classes. Analogous with the *phoneme* is the sign language *chereme* (CARE-e em, the first syllable from a Homeric Greek word meaning ‘handy’). (STOKOE, (1976[1960], p. xxix)

⁹ No original, o autor usa o termo *cherology* (querologia) em analogia às línguas orais, o que seria o estudo da fonologia das línguas de sinais. Encontramos o termo *chereme* traduzido para o português ora como *quirema*, ora como *querema*.

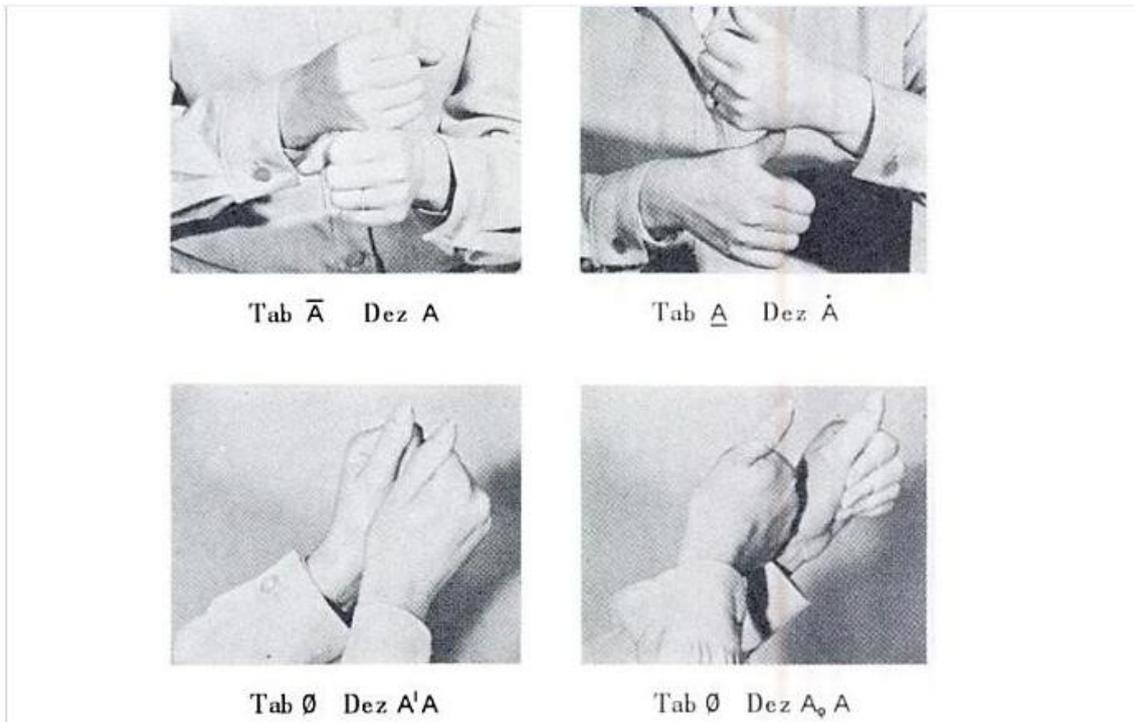


Figura 1: Ilustração da notação de tab e dez (STOKOE, 1976 [1960], p. xix)

Segundo Stokoe, ao transcrever o sinal deve-se começar com o *tab* e o *dez* da(s) mão(s), caso tenhamos um sinal que é realizado com as duas mãos é preciso estabelecer a relação entre elas. Como quando se tem o *dez* em forma de ‘A’ como na Figura 1 em que as duas mãos têm a mesma forma (*dez*); entretanto a direita está por cima da esquerda sendo necessário o uso do diacrítico $\bar{\quad}$ para demonstrar essa sobreposição. Porém, se a direita está embaixo da esquerda usa-se o diacrítico $\underline{\quad}$. Já o diacrítico \emptyset para a ausência de *tab* (ou local de sinalização), o | indicando que as duas mãos estão juntas e \circ indica que as mãos estão se tocando, mas que uma está atrás da outra.

Assim como nas línguas orais, há variação dos fonemas na ASL; por isso Stokoe, em seu dicionário, fez questão de exemplificar os alofones, ou nas palavras dele os *allochers*. Para ele, era preciso descrever o maior número possível de sinais para poder estabelecer o que seria um *chereme* frente ao que seriam seus *allochers*.

Essas unidades, aloques, podem parecer diferentes na língua que eles perdem a essência deles mesmos. Por exemplo, o querema dez, simbolizado neste dicionário como ‘Y’, pode ser parecido com a configuração de mão ‘y’ do alfabeto manual, ele

é um aloquer. Ele pode ter os três dedos em ângulo reto com a palma.¹⁰ (STOKOE, 1976[1960], p. xxix) (Tradução nossa)

Segundo o estudioso, os *allochers* estão em distribuição complementar ou em variação livre conforme o *tab* ou *sig* e são usados na formação dos sinais. Como qualquer língua, a ASL também apresentava variação dialetal e etária, por essa razão mapear tais distinções contribuiria para uma análise mais completa da língua.

A pesquisa realizada por Stokoe não só deu à língua de sinais o seu devido *status*, mas possibilitou que a linguística criasse uma metodologia para analisar essas línguas. Os estudos posteriores ainda carregam as noções básicas estabelecidas por Stokoe; embora, como veremos a seguir, com nomenclatura diferenciada: os constituintes primários das línguas de sinais dizem respeito à forma da mão, ao local da realização do sinal e à sua movimentação.

Em 1979, Edward Klima e Ursula Bellugi em parceria com outros pesquisadores lançaram o livro *The signs of language*. Para os autores, “O objetivo geral da nossa pesquisa são os fundamentos biológicos da linguagem humana” (Tradução nossa)¹¹, por isso “Nossa pesquisa procura entender os fundamentos da linguagem humana como uma parte da dotação biológica do homem”¹² (KLIMA e BELLUGI, 1979, p. v) (Tradução nossa). Para se alcançar o objetivo proposto pelos autores, tal obra não só faz considerações descritivas de cunho linguístico, mas também se baseia na neurociência para as investigações que ajudaram a compreender melhor a ASL. Por essa razão, os autores se propuseram a estabelecer criteriosos métodos de análises que ratificassem a ASL dentro do campo das línguas naturais. Assim, a obra não só desfaz a falácia de ela ser de origem pantomímica, como mostra a sua estrutura fonológica, morfológica e sintática. No que diz respeito às questões fonológicas, o trabalho desses autores complementa o de Stokoe; porém, com o intuito de aproximar as análises fonológicas da ASL com as das línguas orais, os autores propõem uma nova nomenclatura; assim, o termo *parâmetro*¹³ passa a ser usado para se referir aos três componentes

¹⁰ These units, *allochers*, may look so different to one unaccustomed to the language that he misses the essential fact that they are the same. For example, the dez chereme symbolized in this dictionary as 'Y' may look like the hand configuration for 'y' in the manual alphabet—that is one allocher. It may have the three middle fingers only loosely curled—that is another allocher 'Y'. It may have the three fingers at right angles with the palm—still another. (STOKOE, 1976[1960], p. xxix)

¹¹ The general objective of our research is the biological foundations of human language.

¹² Our laboratory seeks to understand the foundations of human language as a part of man's biological endowment. (KLIMA e BELLUGI, 1979, p. v)

¹³ No livro *The signs of language*, de Klima e Bellugi (1979), há um capítulo sobre as propriedades da língua de sinais que foi escrito com a colaboração de Don Newkirk e Robbin Battison; nele, os autores usam o termo *prime* e *parameters* ao se referirem aos elementos constitutivos da língua americana de sinais.

constituintes dos sinais, que passam a ser denominados da seguinte forma: “a configuração de mãos na realização do sinal, (2) a localização do sinal em relação ao corpo do sinalizador, e (3) o movimento da mão ou mãos. Chamamos estes três parâmetros de configuração de mão (CM), Local de Articulação (LA) e Movimento (MOV)¹⁴. (KLIMA E BELLUGI, 1979, p. 40) (Tradução nossa).”

Além desses três parâmetros, os autores consideram ainda as seguintes dimensões do uso da mão na formação de alguns sinais: a Região de Contato ou foco, a Orientação e o Arranjo ou disposição¹⁵ da Mão. E as Intitulam como *minor parameter*.

Para descrever completamente um sinal e distingui-lo dos outros, é necessário especificar as informações em três dimensões segundo o uso da mão: região de contato ou foco, orientação e arranjo da mão. Essas dimensões na formação sinal são denominadas de parâmetros menores, desde que sejam subclassificações da configuração da mão; Considerando que os parâmetros principais classes de distinguir muito grandes de sinais, os parâmetros de menores distinguir conjuntos limitados de pares mínimos, ainda mais diferenciar sinais.¹⁶ (KLIMA e BELLUGI, 1979, p.45) (Tradução Nossa)

A região de contato ou foco está relacionada com a parte da mão que é utilizada como foco do contato ou ponto durante o movimento do sinal. Em ASL, enquanto em GIRL a ponta do dedo polegar toca a bochecha, em EVERDAY o mesmo movimento é realizado pelo dorso da mão. (Figura 2).

¹⁴ The configuration of the hands in making the sign, (2) the location of the sign in relation to the signer's body, and (3) the movement of the hand or hands. We have called these three parameters Hand Configuration (HC), Place of Articulation (PA), and Movement (MOV) (KLIMA E BELLUGI, 1979, p. 40).

¹⁵ Termo usado por Brito (1995, p.41)

¹⁶ To fully describe a sign and distinguish it from all other, it is necessary to specify information about three additional dimensions of hand use: contacting region or focus, orientation, and hand arrangement. These dimensions of sign formation are termed minor parameters, since they may be viewed as subclassifications of hand configuration; whereas major parameters distinguish very large classes of signs, minor parameters distinguish limited sets of minimal pairs, yet further differentiate signs.

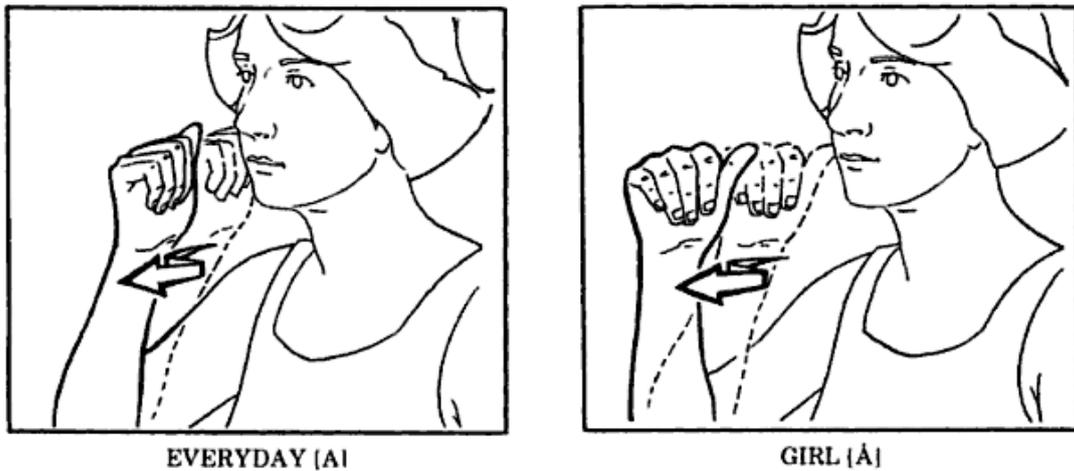


Figura 2: Sinais diferindo apenas pela região de contato (KLIMA e BELLUGI, 1979, p. 49)

Ao se ter sinais com a mesma configuração de mão e o ponto de articulação, como os sinais CHILD e THING na ASL, a orientação da palma da mão para baixo ou para cima distinguirá os sinais (Figura 3).

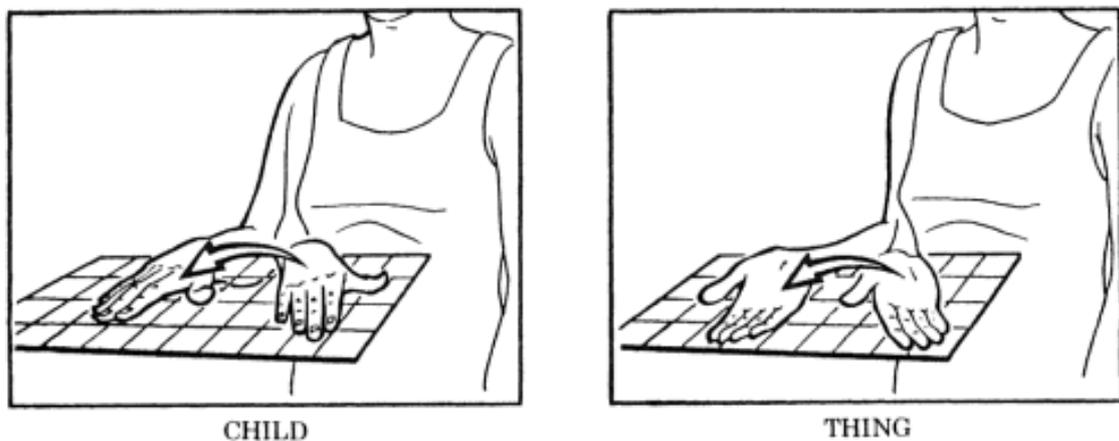


Figura 3: Sinais diferindo apenas pela orientação da palma (KLIMA e BELLUGI, 1979, p. 48)

Por fim, o arranjo ou disposição da mão está relacionado com o uso e a relação das mãos na realização dos sinais. Por exemplo, os sinais na ASL de a) DEVIL, SUMMER e WRONG fazem uso apenas de uma mão, os sinais b) FAMOUS, QUIET e MEET são

sinalizados com as duas mãos, e os sinais c) YEAR, PAPER e SIT têm uma mão que executa a ação, ou dominante, e a outra não (Figura 4).



Figura 4: Sinais com diferentes arranjos de mão (KLIMA e BELLUGI, 1979, p. 49)

A proposta de Klima e Bellugi de separar os parâmetros em maiores e menores encaminha os estudos fonológicos a patamares mais descritivos, demonstrando a complexidade e a necessidade de mais análises sobre línguas de sinais. De Stokoe passando

por Klima e Bellugi, autores como Padden (1992), Padden e Perlmutter (1987) e Sandler (1989, 2003, 2006,) entre outros têm estudado e aprofundado suas pesquisas sobre o assunto com o objetivo de explicar como uma língua de modalidade distinta da oral-auditiva pode estruturar seus fonemas ou queremas.

1.2. Um pequeno percurso na fonologia da Libras

Como reflexo do quadro internacional, os autores, ao se referirem à Libras, também apresentam o mesmo quadro fonológico que as demais línguas de sinais. Por essa razão, apresentaremos dois estudos que são referência em fonologia da Libras.

O primeiro estudo linguístico da Libras é o de Ferreira-Brito (1995). De acordo com ela, embora haja outras classificações fonológicas para a ASL e as demais línguas de sinais, para a Libras tem-se “como parâmetros primários a Configuração da(s) Mão(s), o Ponto de Articulação e o Movimento, e como parâmetros *secundários* a Região de contato, a Orientação da(s) Mão(s) e Disposição das Mãos” (FERREIRA-BRITO, 1995, p.36).

A configuração da(s) mão(s) corresponde às diversas formas que a(s) mão(s) assume(m) na realização do sinal, no caso da Libras são 46 configurações (Figura 5). O ponto de articulação é a região onde é realizado o sinal; e o movimento, como o próprio nome diz, é a movimentação do pulso, dedos ou da mão na produção do sinal. Segundo a autora, o movimento é um dos parâmetros mais complexos, esse pode ser classificado como: (i) movimento interno, quando os dedos se movem ocasionando a mudança na configuração da mão;, (ii) o movimento da(s) mão(s), produzido no espaço ou no corpo em linha reta, curvas e círculos e (iii) os movimentos direcionais que traçam direções no espaço da sinalização. Com relação aos parâmetros região de contato, orientação da(s) mão(s) e a disposição das mãos, as noções são as mesmas que as de Klima e Bellugi (1979).

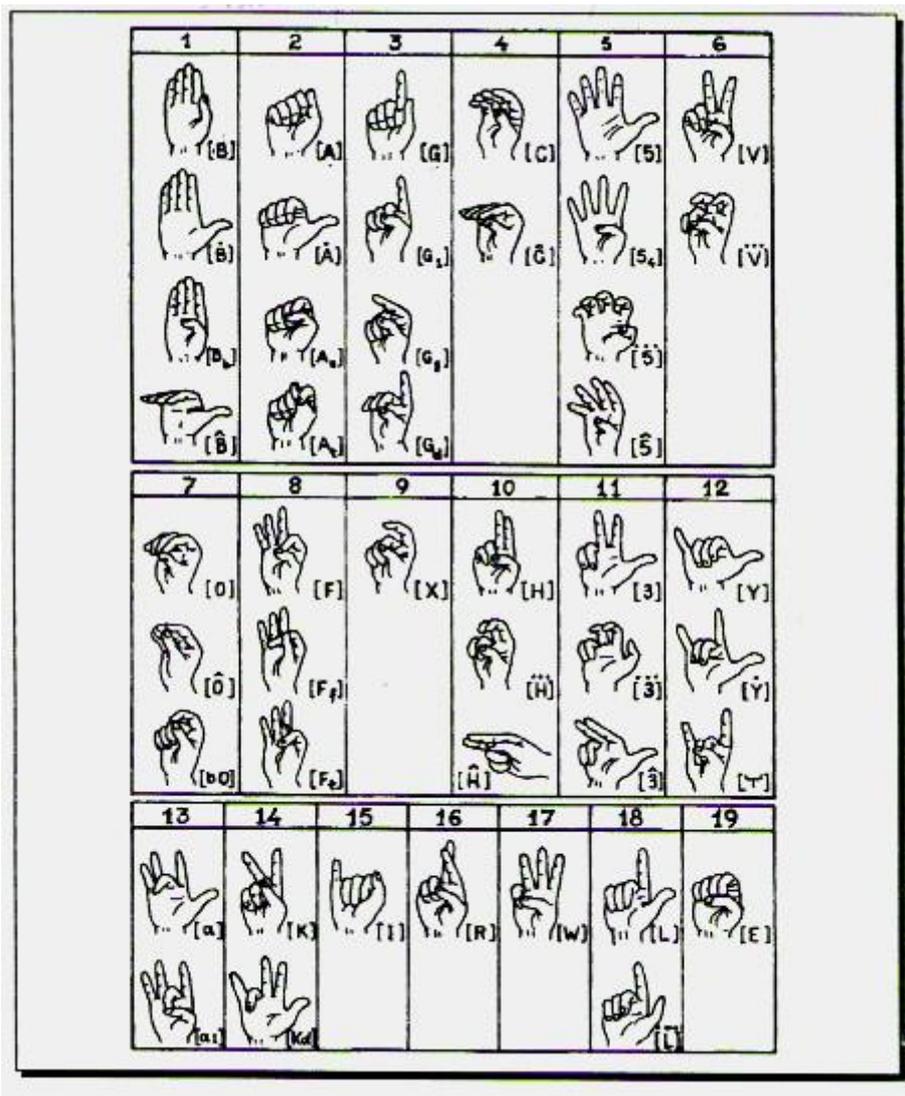


Figura 5: As 46 Configurações de Mãos da Libras (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 220)

Ao lado desses parâmetros, a autora ainda destaca a importância dos Componentes Não-manuais:

São elementos muito importantes, ao lado dos parâmetros primários e secundários. Existe mesmo a possibilidade de que a expressão facial ou o movimento do corpo sejam outros parâmetros, dada a sua importância para diferenciar significados. [...] É importante notar que tanto os parâmetros primários, como os secundários e os componentes não-manuais podem estar presentes simultaneamente na organização do sinal. (FERREIRA-BRITO, 1995, p.41)

Nota-se, com isso, que Ferreira-Brito mantém a mesma proposta de análise de Klima e Bellugi para os parâmetros na Libras; embora, em um primeiro momento, a autora coloque como parâmetro secundário a orientação da(s) mão(s), que será considerado como parâmetro primário por Quadros e Karnopp (2007)

Já os estudos de Quadros e Karnopp (2007) não apresentam a distinção entre os parâmetros primários e secundários. Elas consideram que os constituintes da língua de sinais brasileira são: a configuração de mãos, movimento, localização ou ponto de articulação, orientação da mão e expressões não-manuais ou componentes não-manuais. Sendo que os três primeiros são os principais.



Figura 6: Pares mínimos na língua de sinais brasileira (QUADROS & KARNOPP, 2007, p. 52)

De acordo com Quadros e Karnopp (2007), as línguas de sinais, embora sejam de modalidade distinta, não deixam de ter as mesmas características que uma língua de modalidade oral:

O fato de as línguas de sinais mostrarem estrutura dual (isto é, unidades com significado (morfemas) e unidades sem significado (fonemas)), apesar de o conjunto de articuladores ser completamente diferente daquele das línguas orais, atesta a abstração e a universalidade da estrutura fonológica nas línguas humanas. (QUADROS e KARNOPP, 2007, p.53)

Para elas, as línguas de sinais, assim como as línguas orais, apresentam os três principais aspectos que podem ser investigados: “os princípios e universais lingüísticos compartilhados entre línguas de sinais e línguas orais; as especificidades de cada língua; e as restrições devidas à modalidade de percepção” (QUADROS e KARNOPP 2007, p.62). Em decorrência disso, segundo elas, autores já vêm propondo – para a fonologia – o estudo dos traços distintivos em que os sinais são um feixe de elementos para formar a configuração de mão, o movimento e a localização; e esses resultaram na constituição dos itens lexicais. Essa análise tem tentado saber quantos traços existem nas línguas de sinais em contraste com as línguas orais.

Outro modelo usado nas descrições fonológicas, segundo Quadros e Karnopp (2007), é a fonologia da dependência que consiste em analisar a assimetria binária entre o elemento regente, núcleo, e o dependente. Essa relação núcleo-dependente busca generalizações neutras que respeitem a modalidade de percepção e produção (QUADROS e KARNOPP, 2007, p. 65). Outra proposição desse modelo é a discussão sobre a importância do movimento na formação dos sinais e a sequencialidade dos elementos, a fim de explicar como eles são ordenados e distribuídos de forma linear.

Mais recentemente, o modelo autosegmental de Liddell (1984) e Liddell & Johnson (2000[1989]) foi utilizado por Xavier (2006) para analisar a Libras com a seguinte prerrogativa:

Aqui cabe ressaltar uma das mais significativas diferenças entre o modelo de Stokoe e seus seguidores, e o modelo de Liddell & Johnson. Para os primeiros, configuração de mão, localização, orientação da palma e movimento equivalem, em função, aos fonemas das línguas orais, diferenciando-se destes por serem estruturados e realizados simultaneamente. Para Liddell & Johnson, os três primeiros aspectos equivalem aos traços articulatorios que constituem conjunta e simultaneamente cada um dos fonemas das línguas sinalizadas (que podem ser do tipo movimento ou suspensão), enquanto que o último deles representa um dos dois tipos de segmentos existentes nessas línguas (XAVIER, 2006, p. 24-25)

Para Xavier, o modelo de Liddell e Johnson faz conexão entre os aspectos concretos e os abstratos da estrutura fonológica das línguas de sinais. Nele os sinais são constituídos de um único segmento de suspensão ou movimento, ou uma sequência desses dois tipos.

A organização interna tem dois conjuntos ou feixes de traços: feixe segmental, que especifica o movimento da mão, e articulatório, que descreve a configuração da mão, localização e orientação. Ao que tudo indica, todos os segmentos dos sinais deveriam ter uma organização interna com os dois tipos de feixes e uma representação de matriz de traços, essa é modificada por conta dos segmentos de suspensão e movimento. Segundo o autor, essa é uma análise vantajosa por capturar a sequencialidade de alguns segmentos e a simultaneidade de outros.

Enfim, aqui buscamos abordar de modo bem introdutório os modelos fonológicos que estão sendo utilizados para descrever a Libras e também as línguas de sinais. As pesquisas nessa área ainda precisam se expandir e sanar algumas questões fonológicas.

1.3. Os processos morfológicos da Libras

Na proposta de Martinet (1967 *apud* DUBOIS, 1993), os enunciados são articulados em dois planos, o primeiro corresponde às unidades significativas das línguas, morfemas ou monemas, que, no eixo paradigmático, podem ser substituídos e, no eixo sintagmático, se relacionam com outras unidades. Já a segunda articulação diz respeito às unidades desprovidas de significado ou unidades distintivas, fonemas.

Ferreira-Brito (s.d) considera haver na Libras, assim como no português, morfemas lexicais e gramaticais:

		
FALAR SEM-PARAR FALAR PELOS COTOVELOS FALAR + aspecto continuativo	FALAR (pontual)	PEGAR + CI: 5
		
PODER/POSSÍVEL	NÃO-PODER	IMPOSSÍVEL
		
SABER	NÃO-SABER	

Figura 7: Morfemas lexicais e gramaticais

Ao que parece, na Libras, alguns dos parâmetros apresentam aspectos morfológicos. Entretanto não é possível distinguir quais são os morfemas lexicais e os gramaticais, por exemplo, o sinal para FALAR, em que o movimento se repete, pode ter dois sentidos: TAGARELA ou o FALAR SEM PARAR. Isso nos leva a questionar até que ponto estamos diante de um processo gramatical e/ ou um lexical? Torna-se mais confuso quando a autora diz que esses são exemplos de formação de palavras por derivação e por composição. Segundo ela “Através desses exemplos, pudemos observar que as primeiras palavras são

formadas a partir de seus radicais aos quais se juntam afixos ou morfemas gramaticais, pelo processo de derivação.” (FERREIRA-BRITO, s.d)

Já os sinais abaixo são o resultado de composição¹⁷:

CASA	+	CRUZ	=	IGREJA
MULHER	+	PEQUENO	=	MENINA
HOMEM	+	PEQUENO	=	MENINO

As explicações de Ferreira-Brito são pouco elucidativas, tendo em vista que nos dados apresentados ela não distingue os processos morfológicos e os morfemas de derivação e flexão.

Sobre a morfologia em Libras, Quadros & Karnopp argumentam que a Libras, assim como a ASL, tem a mesma organização morfológica dos sinais descritos por Klima e Bellugi (1979).

As línguas de sinais têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas. Entretanto, as línguas de sinais diferem das orais no tipo de processos combinatórios que freqüentemente *cria palavras morfológicamente complexas*. Para as línguas orais, palavras complexas são muitas vezes formadas pela adição de um prefixo ou sufixo a uma raiz. Nas línguas de sinais, essas formas resultam freqüentemente de processos não-concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização. (KLIMA & BELLUGI 1979 *apud* QUADROS & KARNOPP, 2007, p. 87)

O primeiro ponto a se destacar a respeito dessa citação é a não-especificação do que são as unidades mínimas com significado ou morfemas e como esses morfemas se combinam de fato, para assim poderem dar suporte para a criação de novas formas lexicais. Outra questão obscura é como essa “raiz” é enriquecida? Ou seja, que tipo de processo morfológico temos aí? O que seriam esses movimentos e contornos? Seriam que tipos de morfemas já que não são prefixos e sufixos? E o que seriam processos não-concatenativos? Reduplicação? Alternância (*ablaut*)?

Os mesmos questionamentos surgem quando a literatura apresenta o processo de formação dos sinais por meio do que se tem chamado de “incorporação”. A seguir, vejamos o que as autoras falam sobre incorporação em Libras:

¹⁷ Esses dados são da própria autora e em seu texto, exclusivamente nesses exemplos, ela não disponibiliza figuras.

Parece que, de fato, a formação de sinais envolve também uma espécie de incorporação de vários elementos que são expressos através da combinação elementos (*sic*), por exemplo as informações parecem estar dentro do verbo através do movimento das mãos. Esse fenômeno parece ser análogo ao que acontece com as línguas semíticas. Nestas, os verbos preservam a ordenação das consoantes e mudam as vogais:

Árabe

Kataba “ele escreveu”

Kaataba “ele correspondeu”

Kutib “estava escrito”

No exemplo em Árabe, as informações que modificam o verbo estão dentro da palavra, assim como se observa nos verbos e nos classificadores das línguas de sinais. Assim, parece que há um paralelo entre as línguas semíticas e as línguas de sinais a este processo. (QUADROS & KARNOPP, 2007, p. 95)

Nessa citação dois fenômenos distintos são mencionados sem que haja a devida distinção entre eles. O primeiro fenômeno é o possível processo de incorporação, que, para as autoras, é a combinação de vários elementos. Já o segundo está relacionado a um processo morfológico em que afixos são adicionados ao longo da raiz; esses afixos são denominados de transfixos (Petter, 2005), pois transpassam a raiz para derivar palavras ou flexionar o verbo, no caso do Árabe a flexão verbal é feita por transfixos vocálicos em raiz consoantal. Ainda para elas, o processo de incorporação está mais presente nos verbos e, nos uso de classificadores, consiste na inserção de informações dentro dos verbos por meio do movimento das mãos, assemelhando-se, assim, com as línguas semíticas. Mas onde seria a raiz em Libras?

Segundo as autoras, é consensual que na Libras e nas demais línguas de sinais, os processos de derivação e flexão podem envolver a combinação de aglutinação e incorporação. O processo de aglutinação em Libras é o mesmo que ocorre em línguas concatenativas, como o Húngaro. A derivação de novos sinais pode ocorrer quando o movimento se repete ou é encurtado para derivar nomes a partir de verbos, sendo esse processo denominado nominalização, pois “é o movimento que cria a diferença no significado entre os dois tipos de sinais” (QUADROS e KARNOPP, 2007, p. 100).

A composição de sinais também é um processo morfológico muito presente na Libras e é caracterizado por Quadros e Karnopp (2007, p. 102) como “um processo de formação de palavras que utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais”; contudo, isso não parece corresponder ao que a literatura diz:

Um termo usado amplamente nos estudos LINGUÍSTICOS DESCRITIVOS para se referir a uma UNIDADE linguística, que é composta por ELEMENTOS que funcionam de forma independente em outras circunstâncias. De modo particular, são nas noções de composição que encontramos as 'palavras compostas' (composta por

dois ou mais morfemas livres, como nos ‘SUBSTANTIVOS compostos’ como quarto, chuva e máquina de lavar roupa) (CRYSTAL, 2008, p. 96)¹⁸ (Tradução nossa)

Segundo as autoras, em Libras – como observado em ASL por Liddel – ao se criar novos itens por composição três regras devem ser obedecidas, sendo elas: a de contato, quando há contato com o corpo ou a mão passiva na realização do sinal como no sinal de ACREDITAR; a sequência única, “o movimento interno ou a repetição do movimento é eliminada”, assim como em PAIS; e a antecipação da mão não-dominante, quando a mão passiva antecipa o segundo sinal, como em BOA-NOITE. Os processos de incorporação de numeral e de negação envolvem morfemas presos, que, ao serem combinados, criam outros significados. Quanto aos processos flexionais Quadros e Karnopp (2007, p.11-112), com base em Klima e Bellugi (1979), os detalham da seguinte forma:

Pessoa (*dêixis*): flexão que muda as referências pessoais no verbo.
 Número: flexão que indica o singular, o dual, o plural e o múltiplo
 Grau: apresenta distinções para ‘menos’, ‘mais próximo’, ‘muito’, etc.
 Modo: apresenta distinções, tais como os graus de facilidade.
 Reciprocidade: indica a relação ou ação mútua.
 Foco temporal: indica aspectos temporais, tais como ‘início’, ‘aumento’, ‘graduação’, ‘processo’, ‘conseqüência’, etc.
 Aspecto temporal: indica distinções de tempo, tais como ‘há muito tempo’, ‘por muito tempo’, ‘regularmente’, ‘continuamente’, ‘incessantemente’, ‘repetidamente’, ‘caracteristicamente’, etc.
 Aspecto distributivo: indica distinções, tais como ‘cada’, ‘alguns especificados’, ‘alguns não-especificados’, ‘para todos’, etc.

Já de acordo com Felipe (2006, p.200), no processo de formação de palavras em línguas de sinais, assim como nas orais, deve-se levar em consideração o *input*, a estrutura fonológica da língua, que são as regras de modificação da raiz pela adição ou subtração de afixo. A composição ocorre quando duas ou mais bases formam outras palavras.

Os *inputs* nas línguas de sinais são compostos por cinco parâmetros, sendo eles: a Configuração de Mãos (CM), o Movimento (M), a Direcionalidade (Dir), o Ponto de Articulação (PA) (STOKOE, 1960) e as Expressões Faciais e Corporais (ou não-manuais segundo Ekman, 1978; Aarons; et al, 1992). Esses podem expressar, de acordo com Felipe (2006), morfemas por meio “de algumas configurações de mãos, de alguns movimentos direcionados, de algumas alterações na frequência do movimento, de alguns pontos de

¹⁸ A term used widely in DESCRIPTIVE LINGUISTIC studies to refer to a linguistic UNIT which is composed of ELEMENTS that function independently in other circumstances. Of particular currency are the notions of **compounding** found in ‘compound WORDS’ (consisting of two or more free MORPHEMES, as in such ‘compound NOUNS’ as *bedroom, rainfall* and *washing machine*) (CRYSTAL, 2008, p. 96)

articulação na estrutura morfológica e de alguma expressão facial ou movimento de cabeça” junto ao sinal, que para Felipe (1998a), serão morfemas lexicais ou gramaticais nas línguas de sinais.

Na figura 8, a autora apresenta os sinais com modificação em sua raiz por adição de afixo, ou *inputs*, como QUERER/ QUERER-NÃO; (variante de São Paulo); GOSTAR/ GOSTAR-NÃO e SABER/ SABER-NÃO/. As formas negativas por terem os movimentos contrários aos das formas positivas, segundo Felipe, incorporaram o sinal de negação e essa passou a ser um sufixo.



Figura 8: Verbos com incorporação de negação enquanto sufixo (FELIPE, 2006, p.213)

No caso de infixos, de acordo com a autora, eles podem ser incorporados simultaneamente na raiz verbal, com alternância no movimento ou expressão corporal. São os sinais de SABER/ SABER-NÃO, PODER/ PODER-NÃO e TER/ TER-NÃO, Figura 9.



Figura 9: Verbos com incorporação da negação enquanto infixo (FELIPE, 2006, p. 214)

Para Felipe (2006, p. 202) dentre os processos de flexão de pessoa, aspecto verbal e a de gênero, esta última ocorre por meio de uma configuração específica de mão que funciona como um classificador. O mesmo acontece com a incorporação do intensificador MUITO ou casos modais, eles alteram a RaizM pela frequência do movimento, incorporando um

advérbio ou intensificador.

Ainda segundo Felipe (2006), por ser uma língua gestual-visual, outro processo de formação de palavra produtivo na Libras é o mimético, já que faz uso de expressões faciais e corporais na complementação de itens lexicais; e, embora sejam icônicos, eles respeitam as regras fono-morfo-sintáticas e estão no plano da expressão. A partir dele podem-se derivar outros verbos quando acrescentamos à RaizM expressões faciais e corporais, como é o caso dos verbos SALTITAR, DESFILAR, CAMBALEAR derivados de ANDAR.

E por fim, Felipe apresenta três tipos de composição por justaposição¹⁹: o de justaposição de dois itens lexicais, como nos exemplos de CAVALO^LISTRA-PELO-CORPO (CAVALO + LISTRA-PELO-CORPO = “zebra”); MULHER^BEIJO-NA-MÃO (MULHER + BEIJO-NA MÃO = “mãe”); CASA^ESTUDAR (CASA + ESTUDAR “escola”). ASSINAR^SEPARAR (ASSINAR + SEPARAR = “divórcio”); COMER^MEIO-DIA (COMER + MEIO-DIA = “almoço”)²⁰, justaposição de um classificador e item lexical, em que o classificador é um clítico, por exemplo nos sinais, coisa-pequena^PERFURAR “alfinete”; coisa-pequena^APLICAR-NO-BRAÇO “agulha”; DORMIR^pessoa + “alojamento”²¹, e justaposição da datilologia da palavra, como em COSTURAR-COM-AGULHA^ A-G-U-L-H-A “agulha”.

¹⁹ Infelizmente, não foi possível recuperar as imagens fornecidas pela autora, já que os links para elas não estavam disponíveis.

²⁰ Nota de rodapé de Felipe (2006, p. 206): “O símbolo ^ (circunflexo) está sendo usado para especificar palavra compostas em LIBRAS. Ver Sistema de Transcrição (Felipe, 1988).”

²¹ Nota de rodapé de Felipe (2006, p. 206): “O símbolo + está sendo usado para representar a marca de plural, que na Libras pode acontecer através da repetição do item lexical ou do classificador”.

1.4. Considerações do capítulo

Neste capítulo, apresentamos os precursores nos estudos fonológicos em ASL, e mesmo que não tenhamos feito uma revisão exaustiva – pois não trabalharemos essa questão nesta pesquisa – pode-se perceber que vários são os modelos propostos que visam explicar os arranjos das línguas de sinais. Contudo ainda há muito que se descrever sobre esse assunto. Cabe, então, aos foneticistas e fonólogos abraçarem esse desafio para que, assim, tenhamos um quadro fonológico das línguas de sinais o mais detalhado possível. O mesmo acontece em relação à morfologia das línguas de sinais, pois percebemos que ainda falta clareza na descrição dos morfemas, dos processos de derivação e flexão em Libras; os subsídios apresentados pela literatura nos dizem pouco sobre a morfologia da Libras.

CAPÍTULO 2—OS CLASSIFICADORES EM LÍNGUAS DE SINAIS: PANORAMA DA ARTE

“(...) línguas de sinais assemelham-se às línguas orais em todos os aspectos principais, mostrando que verdadeiramente há universais da linguagem, apesar de diferenças na modalidade em que a língua é realizada.”

Fromkin e Rodman (1993 apud Quadros e Karnopp, 2007)

Neste capítulo faremos uma revisão dos principais trabalhos que analisam os classificadores nas línguas de sinais. Essa trajetória se faz necessária, pois assim compreenderemos como foi a evolução dos estudos linguísticos das línguas de sinais e o impacto que teve nas pesquisas brasileiras. Por essa razão, primeiro abordaremos os classificadores na literatura internacional e, em seguida, apresentaremos a literatura sobre a Libras.

2.1. Panorama dos estudos sobre classificadores nas línguas de sinais

Dentre as primeiras pesquisas realizadas acerca de uma língua de sinais, talvez um dos primeiros relatos sobre classificadores tenha sido apresentado por Klima e Bellugi, em 1979; embora os autores não os tenham descrito com detalhes, pois na época as análises linguísticas estavam mais voltadas para estudos fonológicos e sintáticos das línguas de sinais. Mesmo assim os autores já falavam da existência de tal fenômeno na ASL e que ele desempenhava um papel importante na língua; contudo, eles apresentam o fenômeno, mas não a definição. A princípio eles dizem que:

Os classificadores, em particular, são usados para especificar localização espacial e arranjos, e maneiras, direções, e as cadências de movimento. Os classificadores podem demonstrar, por exemplo, o caminho e o modo pelo qual uma pessoa, animal ou objeto se movimentam de um lugar para outro - saltando, galopando, se arrastando, tropeçando, tecendo dentro e para fora, enrolando, movendo para cima,

para baixo, ou do outro lado.²² (KLIMA e BELLUGI, 1979, p.13-15) (Tradução nossa)

Outro estudo que analisou os classificadores em ASL foi o de Liddell (1980), no livro *American Sign Language Syntax*. Nessa obra, o autor descreve a ordem sintática da ASL que, segundo ele, é SVO; embora o objeto possa ser topicalizado e formar a sequência OVS. O autor ainda aponta outra sequência possível em que o classificador está presente e que altera a ordem SVO. De acordo com ele, essas construções são do tipo OBJETO-SUJEITO-VERBO e não há marcação de tópico; sendo, portanto, denominadas de estruturas complexas ou verbos complexos em que se têm uma sentença encaixada dentro de si. Além disso, os classificadores, para esse autor, estabelecem uma relação espacial de localização entre os elementos da cena.

Em suma, para ele, as construções sintáticas com classificadores simplesmente desempenham a função de localizar espacialmente os elementos e a relação entre eles. A análise realizada por Liddell e a noção de predicados complexos até hoje estão presentes nos estudos linguísticos em línguas de sinais; porém, o autor não apresentou um conceito explícito dos classificadores em ASL e como é a sua formalização, deixando vaga a forma como essas sentenças se encaixam.

É com as análises de Suppalla (1986) que os classificadores na ASL têm um estudo mais sistemático. Para ele, essa língua faz uso das mãos e do corpo para articular a marcação dos classificadores nominais nos verbos de movimento e localização. Segundo o autor,

Obrigatoriamente afixados à raiz do movimento é um conjunto de morfemas articulados, consistindo de uma mão ou outra parte do corpo, formando uma forma particular, localizado num local particular e orientação ao longo do percurso de movimento. A configuração de mão é tipicamente o morfema classificador do verbo de movimento ou de localização.²³ (SUPPALLA, 1986, p. 183) (Tradução nossa)

Na ASL, as formas ou configurações das mãos dos verbos de movimento são morfemas classificadores que marcam a classe ou categoria dos nomes a que se associam. Pelas análises do autor, a ASL incorpora os significados visual-tátil pertencentes ao objeto a

²² Classifiers, in particular, are manipulated to specify spatial locations and arrangements, and manners, directions, and rates of movement. Classifiers can mirror, for example, the path and manner in which a person, animal, or object moved from one place to another – leaping, loping, meandering, stumbling, weaving in and out, winding, moving up, down, or across. (KLIMA e BELLUGI, 1979, p.13-15).

²³ Obligatorily affixed to the movement stem is a set of articulator morphemes, consisting of a hand or other body part, formed into a particular shape and located in a particular place and orientation along the movement path. The handshape is typically the classifier morpheme of the verb of motion or location. (SUPPALLA, 1986, p. 183)

que se refere. Estudos têm demonstrado que essas similaridades semânticas também podem ser encontradas nas línguas orais. Supalla lista os classificadores da ASL com base no sistema de classificadores proposto por Allan (1977):

2.1.1. Especificadores de Tamanho e Forma (*Size and Shape Specifiers – SASS*); as mãos ou parte delas são morfemas dos verbos de movimento ou de localização que classificam diferentes aspectos ou dimensões da estrutura visual-geométrica dos nomes a que se referem, como: longo, fino, redondo, etc. De acordo com Supalla, esses classificadores são subdivididos em (i) especificadores de forma e tamanho do primeiro nível estático; (ii) especificadores de forma e tamanho do segundo nível estático; (iii) especificadores de forma e tamanho do terceiro nível estático e (iv) especificadores de forma e tamanho traçado. Cada uma dessas subdivisões representará as características dimensionais dos objetos, para isso é necessário que seja adicionado fonologicamente à mão mais um dedo. Exemplo disso é que, ao sinalizar com o dedo indicador, temos o sinal para ponto ou algo com aspecto de linha reta; mas, ao acrescentarmos o dedo polegar, o sentido expresso por esse novo classificador é de que o objeto é redondo. Supalla (1986, p. 187) ressalta que:

As demais configurações de mão em SASS são derivadas dos próximos dois níveis morfofonológicos. Os classificadores de níveis superiores são tanto semântica e fonologicamente mais complexos do que as anteriores que são formas derivadas. O conjunto de características semânticas incorporados nos primeiro e segundo níveis derivacionais indica que a hierarquia semântica dos níveis anteriores só pode representar objectos de no máximo duas dimensões.²⁴ (Tradução nossa)

No caso dos especificadores de forma e tamanho (SASS), Figura 10, as representações semânticas dos objetos ocorrem pela estrutura interna de parte da mão. O que não acontece com os demais classificadores como veremos a seguir.

²⁴ The rest of the SASS handshape are derived at the next two morphophonological levels. The higher-level classifiers are both semantically and phonologically more complex than the earlier derived forms. The set of semantic features incorporated in the first and second derivational levels indicates that the semantic hierarchy in the earlier levels can only represent objects in at most two dimensions.

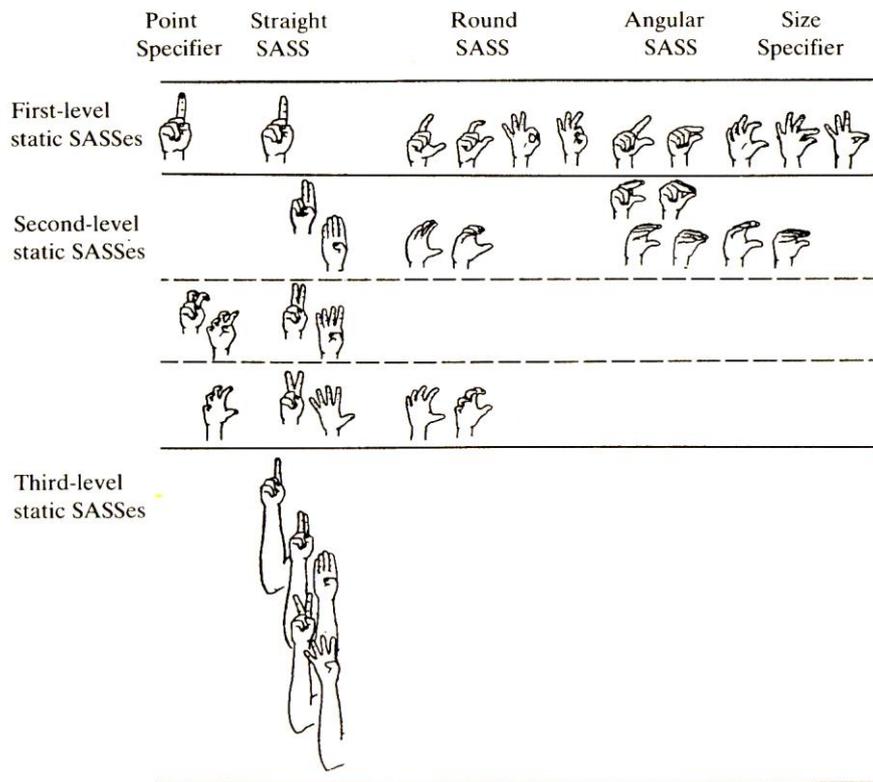


Figure 3. The organization of some static SASSes

Figura 10: Organização de alguns SASSes estáticos (SUPPALLA, 1986,p. 206)

2.1.2. Os classificadores semânticos, Figura 11, são mais abstratos que os de forma e tamanho (SASS), por representarem um único morfema com a mão inteira, além de serem de movimento. Eles estão subdivididos em: (i) classificadores de objetos com perna ou patas, os quais representam a maneira que um objeto, animal ou homem se locomove em uma trajetória; (ii) classificadores de objetos manobráveis, os quais requerem diferentes morfemas para representar o curso da trajetória do objeto que pode ser na horizontal ou na vertical e (iii) classificadores de objetos de coluna, em que o antebraço é combinado com a mão e os dedos para se referir a uma árvore.

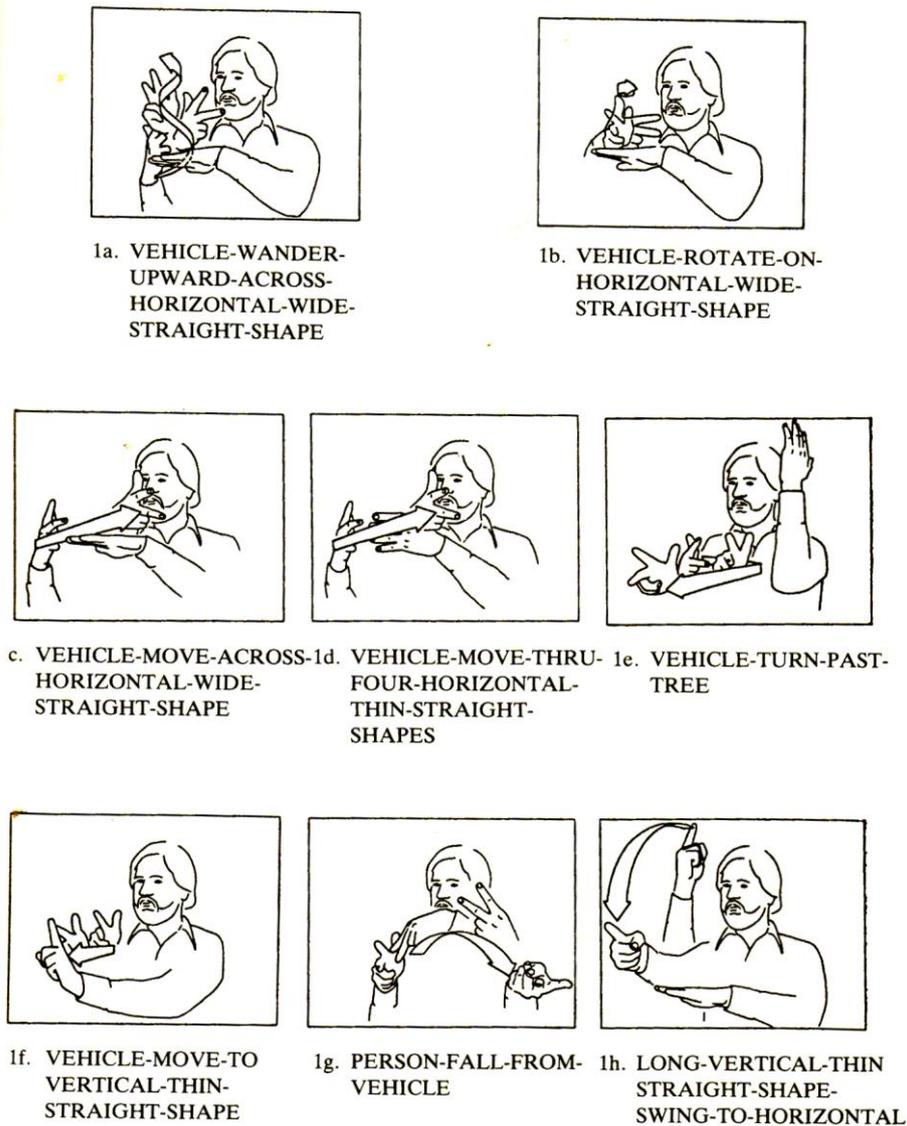
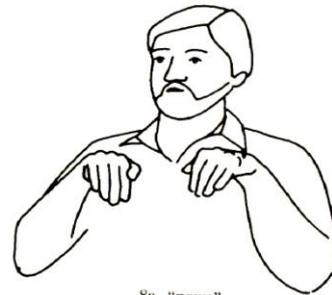


Figura 11: Sequência de verbos de movimento em ASL (SUPPALLA, 1986, p. 206)

2.1.3. Os classificadores de corpo, diferentemente dos outros, são morfemas articulados independentes para marcarem o argumento nominal que se refere a uma pessoa. Eles podem ser: (i) classificadores de parte do corpo, em que a mão marca a parte do corpo, enquanto o componente de localização é o próprio corpo para marcar a orientação espacial, por exemplo, dar um soco no olho (Figura 12 HIT-IN-THE-EYE); (ii) SASS de parte do corpo é a união de SASS com localização no corpo, por exemplo, o sinal de zebra ou onça; e (iii) classificadores de membro que se referem a algum membro do corpo de um ser animado, representando a sua postura ou atitude, como o sinal para coelho ou urso, Figura 12 “CLAWS e PAWS”.



Figure 7. HIT-IN-THE-EYE



8a. "paws"



8b. "claws"

Figure 8. Some examples of limb classifiers

Figura 12: Classificadores de membros do corpo (SUPPALLA, 1986, p. 208-209)

2.1.4. Classificadores de instrumento: dizem respeito à forma como o objeto é manipulado, sendo divididos em (i) classificador instrumental de mão em que a configuração de mão representa vários sólidos de diferentes formas e tamanhos – esse classificador demonstra a interação do agente com a ação de manipular o objeto – e (ii) classificador de ferramenta, que incorpora características miméticas de como se manipular um instrumento; nesse caso, o classificador demonstra a interação entre a “mão do agente” e o objeto, por exemplo chave de fenda, tesoura e faca (cf. Figura 13).

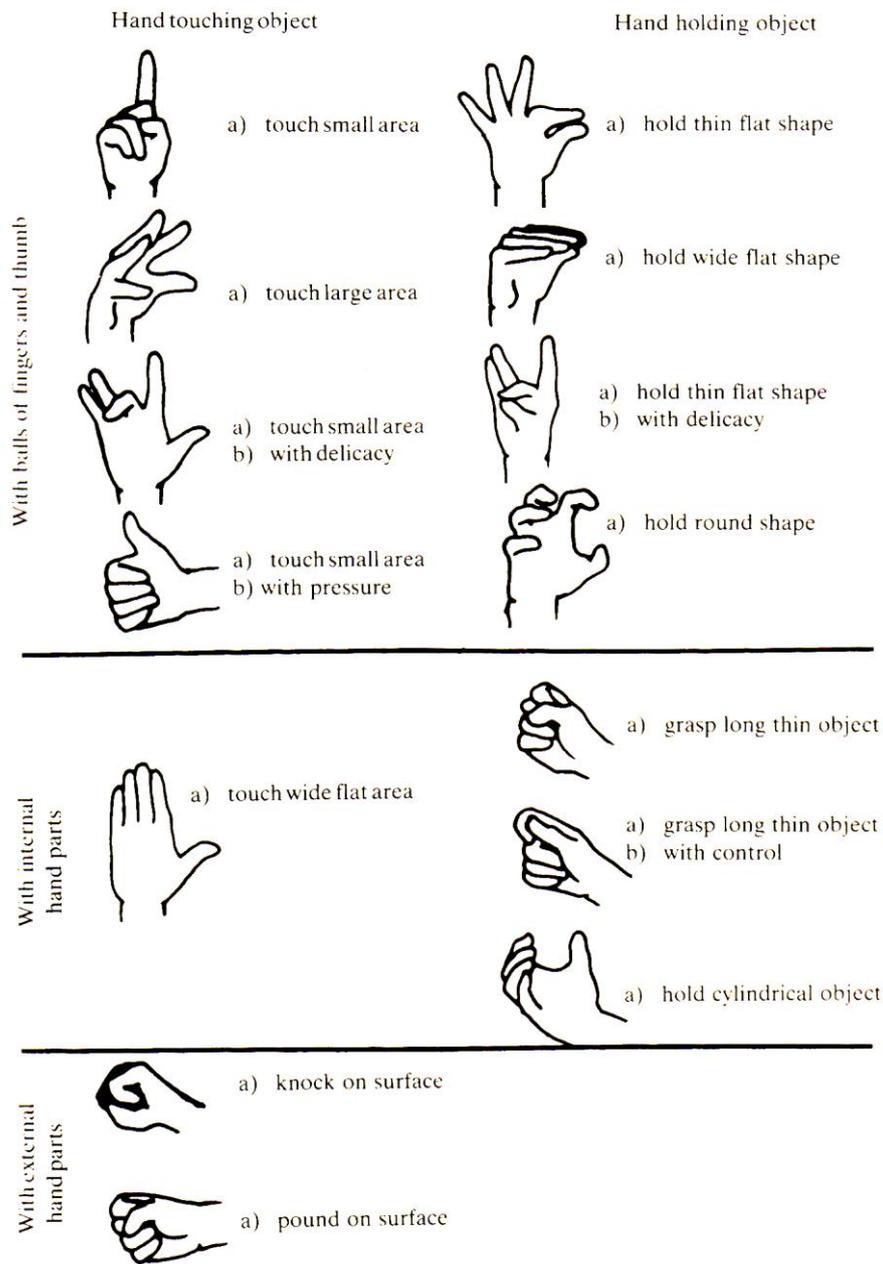


Figure 10. The organization of some instrumental hand classifiers

Figura 13: Organização de alguns classificadores de instrumento (SUPPALLA, 1986, p. 211)

2.1.5. Classificadores de textura, consistência e textura tátil (ou morfema classificador de textura): são classificadores de forma e tamanho (SASS) que descrevem propriedades de solidez e rigidez (Figura 14).



Figure 11. Four examples of visual texture morphemes.

Figure 12. Three examples of tactile texture morphemes

Figura 14: Sinais de textura e consistência (SUPPALLA, 1986, p. 212-213)

Em decorrência da tipologia proposta por Supalla (1986), houve uma proliferação de categorias e terminologias nas análises em línguas de sinais, como Zwitterlood (1996 *apud* Schembri, 2003, p.10) nos apresenta na Tabela 1.

Classificação dos classificadores em Línguas de Sinais²⁵

	Forma da mão que denota entidade	Forma da mão que denota manipulação	Forma da mão em SASS
Supalla	SASSes estáticos, semânticos, parte do corpo, alguns classificadores de instrumento	Alguns classificadores de instrumento	SASSes não-estático
McDonald	Alguns classificadores de x-tipo de objeto	Manipulador de x-tipo de objeto	Alguns x-tipo de objeto
Shepard-Kegl	Classificadores de Forma/ objeto	Classificadores de Manipulação	–
Johnston	Substituidores/ proformas	Alguns de Manipulação	Alguns de Manipulação
Corazza	Classificadores de superfície, alguns de garra, perímetro e alguns de quantidade (?)	Alguns classificadores de garra	Alguns classificadores descritivos, de perímetro e de quantidade (?)
Brennan	Classificadores Semânticos e alguns SASSes	Manipuladores, Classificadores Instrumentais e de Toque.	Classificadores de traço e alguns de SASSes
Schick	Classificadores de Classe e alguns SASSes	Classificadores de manipulação	Alguns SASSes
Engberg-Pedersen	Todas as raízes que denotam entidade e algumas raízes que denotam membros	Raízes que denotam manipulação e algumas que denotam membros	Raízes que denotam extensão
Liddel & Johnson	Todas de entidade, de superfície e alguns classificadores de medida (?)	Classificadores de Instrumento	Profundidade e altura, perímetro-forma e classificadores de medida(?)
Zwitserslood	Objeto	Manipulação	–

Tabela 1: Classificação dos classificadores em Línguas de Sinais (ZWITSERLOOD 1996 *apud* SCHEMBRI, 2003, p.10)

Vejamos na seção a seguir um breve panorama de como são as análises e a tipologia dos classificadores em algumas línguas de sinais.

²⁵ Tradução nossa

2.1.1. Os classificadores em algumas Línguas de Sinais

Na língua suíça de sinais, os morfemas classificadores são formas livres e geralmente ocorrem depois de nome (BERGMAN e WALLIN 2003, p. 35). Sua função é a de introduzir os participantes no discurso, por exemplo, os classificadores para pessoa, “O CL-PESSOA é usado com substantivos que denotam Ser Humano, como homem, mulher e profissões, por exemplo, em DOUTOR CL-PESSOA e UM HOMEM CL-PESSOA HOMEM”²⁶ (Tradução nossa)

Dentro dos classificadores nominais há também os usados para expressar período, CL-PERIOD²⁷, como em ONE ONE-WEEK CL-PERIOD, e classificadores de lugar, CL-AREA, como em HUMBURG CL-AREA, CENTER CL-AREA. Há ainda os que denotam objetos como superfícies planas e salientes ou SASS, CL-SQUARE, para MIRROR, GLASS, MAIL, CERTIFICATE, PAPER e TELEVISION.

O classificador verbal é denominado predicado polimórfico e denota movimento e localização. Em uma narrativa, ele é usado para reintroduzir e manter os referentes, como para dizer que há muitas pessoas na festa, MANY-ENTITIES-IN-MOTION, o sinal mostra a mão fazendo círculos horizontais com o balançar dos dedos.

Já sobre a língua de sinais Indo-Paquistânês (IPSL), Zehan (2003, p. 114) diz que há uma grande variedade de formas geométricas (Figura 15) e a relação espacial dessas formas são representadas basicamente de três maneiras: i) a mão, ou as mãos, traça(m) o contorno do objeto, nesse caso, o sinal tem um caminho; ii) a mão ou as mãos são, ou traça(m), o contorno do objeto; iii) a mão representa o objeto em si e não o seu contorno - usa-se esse mecanismo para falar de objetos que não têm um sinal na língua, mas pode-se descrevê-los.

²⁶ “CL-PERSON is used with nouns denoting human being, such as MAN, WOMAN and professions as, e.g., in DOCTOR CL-PERSON and ONE MAN CL-MAN PERSON”

²⁷ Os autores não disponibilizam imagens em seus exemplos.

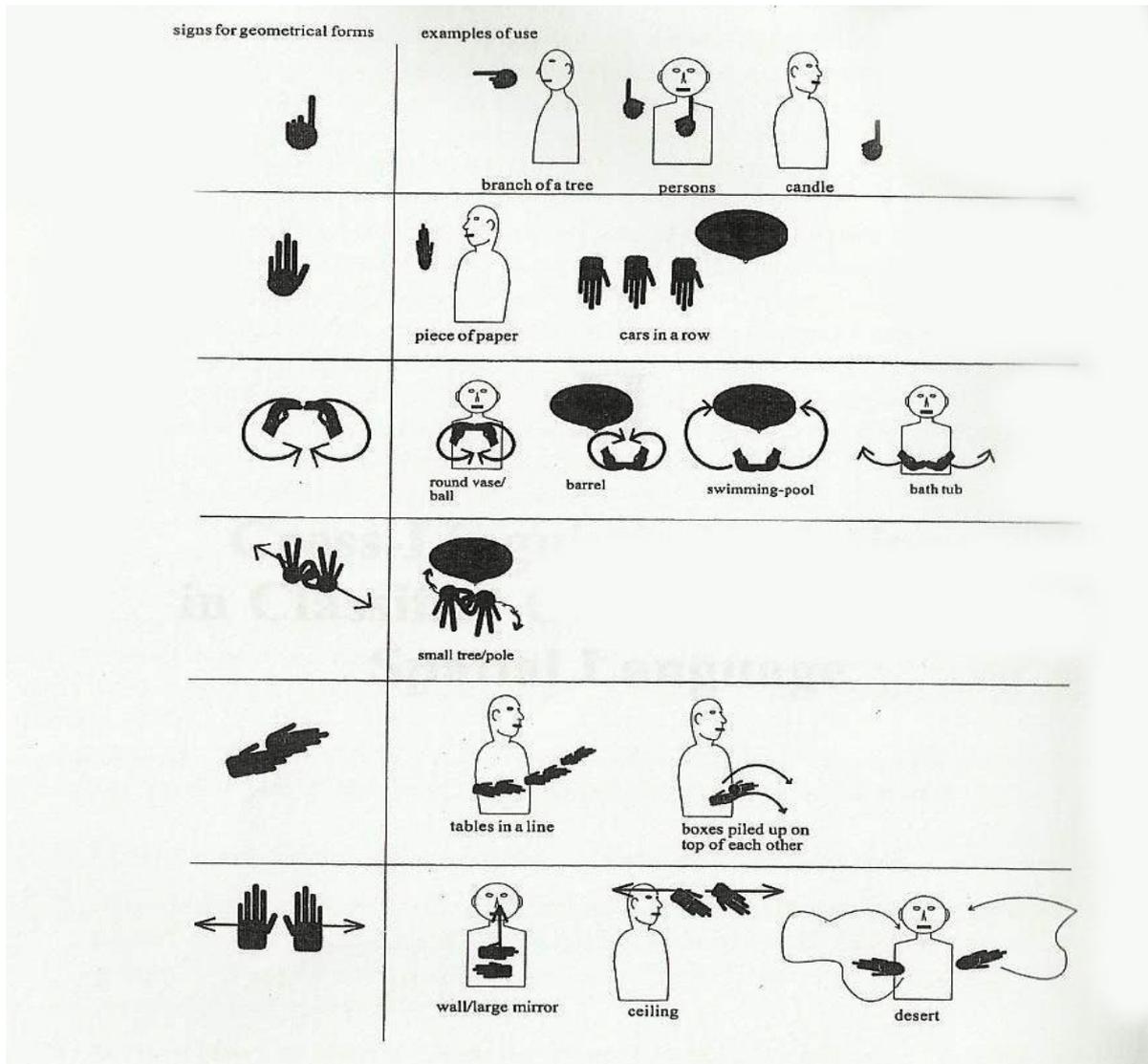


Figura 15: Descrição das formas geométricas na IPSL (ZESHAN, 2003, p.115)

Segundo Zeshan, é difícil a diferenciação de morfemas ou componentes sublexicais que são classificadores, dos componentes sublexicais que não são classificadores nas línguas de sinais. Outra dificuldade apresentada pelo autor é fazer uma organização desses morfemas sublexicais classificadores em um conjunto bem definido de morfemas gramaticais que, ao se contrastarem, ocupam uma posição na estrutura. No caso das línguas de sinais, o ‘paradigma de classificadores’, que ocupa essa posição, é a configuração de mão que escolhe a forma da mão a ser usada para se referir a uma entidade, como é o caso dos classificadores ‘pernas’ e ‘pessoas’. Esse dois classificadores, contudo, têm algumas restrições de uso, como aponta Zeshan na Tabela 2:

O Tipo de Construção ²⁸	‘pernas’	‘pessoa’
Posição referente ao espaço	+	+
Movimento simples (linha, curva, acaso, etc).	+	+
Tipo de movimento (andar, pular, cair, etc)	+	-
Orientação Variável (em pé, deitar, etc)	+	-
Plural inespecífico (4 and 4-4)	+	-
Interações complexas entre dois referentes (V-V)	+	-
Combinação de uma forma geométrica na mão passiva	+	-
A forma da mão para ‘manipulação’ combinado com a mão passiva	+	-
Combinação em V-4	-	-
Combinação ‘pernas’ e ‘pessoa’	-	-
Combinação com sinais de movimento não-classificatório	-	-
Não-singular específico (incorporação de numeral)	-	+
Objetivo do predicado direcional	-	+

Tabela 2: Restrições do uso de ‘pernas’ e ‘pessoa’ (ZESHAN, 2003, p. 121)

Por fim, Zeshan (2003, p. 123) analisa as construções ‘segurar objetos’ e conclui que elas não possuem classificadores, mas se tratam de sinais lexicais convencionados. Segundo ele, são “Um subsistema pré-classificatório ou um caso de classificação incipiente, com o potencial de se desenvolverem em uma construção classificatória fidedigna” (Tradução nossa)²⁹.

Na língua de sinais Tailandesa, Tumtavitikul *et. all* (2009, p. 29) argumenta que, assim como na ASL, a estrutura silábica da língua é mais complexa do que de uma língua oral, em que o componente movimento da configuração de mão estabelece a trajetória e a relação temática entre o verbo e os seus referentes nominais.

Contrastando o Tailandês com a Língua de sinais Tailandesa (Quadro 1), Tumtavitikul *et. all* concluíram que o classificador da primeira língua, diferente da segunda,

²⁸ Tradução nossa

²⁹ “pre-classificatory subsystem or a case of incipient classification, with the potential of developing into a bona fide classificatory construction”

ocorre de forma simultânea, não-linear, além de não refletir os aspectos sociolinguísticos de estratificação social, como faz a língua Tailandesa. Aqui encontramos outra incongruência na literatura em línguas de sinais. Como veremos na próxima seção, a função dos classificadores ultrapassa os aspectos morfossintáticos e vai ao encontro de fatores sociais e culturais que fazem parte do sistema de classificação nominal das línguas.

Classificadores na língua de sinais Tailandesa ³⁰	Substantivo	Correspondente com os classificadores em Tailandês
 <p>número 2 (SASS)</p> <p>Para objeto redondo, tamanho pequen</p>	<p>- pérola, botão</p> <p>- Peça de xadrez</p> <p>- borracha</p> <p>- Laringe (pomo de Adão)</p> <p>- alho</p> <p>- olho</p> <p>- Charcoa</p> <p>b- intestino</p> <p>- abscesso</p> <p>- Pequeno sino</p> <p>- Filme (papel)</p> <p>- Sementes de jaca</p>	<p>-[mét] ‘เม็ด’ (SASS)</p> <p>-[tua] ‘ตัว’ (geral)</p> <p>-[kôn] ‘ก้อน’ (SASS)</p> <p>-[tʰæŋ] ‘แท่ง’ (SASS)</p> <p>-[ʔan] ‘อัน’ (geral)</p> <p>-[lɔ:k] ‘ลูก’ (SASS)</p> <p>-[tʰúk] ‘ลูก’ (SASS)</p> <p>-[duá] ‘ดวง’ (SASS, repetição parcial do substantivo)</p> <p>-[kôn] ‘ก้อน’ (SASS)</p> <p>-[tʰôn] ‘ท่อน’ (SASS)</p> <p>-[tʰɔ:] ‘ท่อ(ลำไส้)’ (SASS)</p> <p>-[hùá] ‘หัว’ (SASS)</p> <p>-[lɔ:k] ‘ลูก’ (SASS)</p> <p>-[múan] ‘ม้วน’ (SASS)</p> <p>-[mét] ‘เม็ด’ (SASS)</p>

Quadro 1: Comparação entre os Classificadores na Língua de Sinais Tailandesa e os Classificadores em Tailandês (TUMTAVITIKUL et. all, 2009, p.41-42)

³⁰ Tradução nossa

Em suma, os autores até aqui apresentados analisaram as línguas de sinais sob a mesma perspectiva. Alterando a nomenclatura, todos ressaltam que as configurações de mãos são morfemas classificadores que salientam as características das entidades e estão afixados nos verbos, colocando-os em algum paradigma gramatical.

2.2. Os classificadores em Libras

Em 1995, é lançada no Brasil a obra *Por uma gramática de línguas de sinais*, de Ferreira-Brito. Tal obra é considerada um marco nos estudos sobre a língua brasileira de sinais (Libras). Essa publicação impulsionou outros estudos, já que se tratava de um estudo pioneiro no Brasil. Ferreira-Brito buscou fazer em seu livro uma “breve descrição linguística da LIBRAS”³¹ (FERREIRA-BRITO, 1995, p.11) ; dentre os tópicos por ela analisados há um capítulo sobre classificadores em Libras. Tal capítulo tem como objetivo a descrição de classificadores na Libras em contraste com as línguas orais e a ASL, sem deixar de considerar as diferenças e as semelhanças entre a língua oral e a de sinais.

Com base em McDonald (1982), Ferreira-Brito considera que os sinais na língua de sinais são “multimorfêmicos”. Os parâmetros ora são considerados morfemas, ora “as características dos parâmetros são fonológicas e as ações musculares do sinal são os traços distintivos” (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 101-102).

Entende-se, do ponto de vista de Ferreira-Brito, que morfema, unidade mínima de significado, é o parâmetro configuração de mãos, e os classificadores na Libras são configurações de mãos que podem se afixar a um verbo. Se apoiando em Allan (1977, p. 288), a autora entende que “um classificador é concatenado com um quantificador, demonstrativo, ou predicado para formar um elo que não pode ser interrompido por um nome que ele classifica” (tradução da autora)³². De acordo com ela, por atribuir características ao nome a que se refere, o classificador tem significado e é um morfema afixado a um item lexical organizando-o em uma determinada classe. A autora, seguindo a tipologia de Allan, diz que as

³¹ Ferreira-Brito (1995) sempre que se refere à língua brasileira de sinais em sua obra a faz em caixa alta.

³²“A classifier concatenates with a quantifier, locative, demonstrative, or predicate to form a nexus that cannot be interrupted by the noun which it classifies”

línguas de sinais são línguas do tipo de Cl-predicado³³, pois os classificadores têm a possibilidade de desempenhar a função de nome, adjetivo, advérbio de modo ou de locativo, porém eles só ocorrem incorporados aos verbos ou aos adjetivos.

Para Ferreira-Brito, na Libras e na ASL, os morfemas classificadores se ligam aos verbos de movimento e localização a fim de indicar o movimento do objeto ou a sua localização. Com isso, a relação entre os significados dos verbos e os classificadores é transparente ou icônica; contudo essa transparência semântica tende a se estratificar, ou seja, o morfema deixa de ser produtivo. Tal perda de transparência semântica não muda o *status* dos classificadores, pois segundo Kegl e Schley, com base em Aronoff (1976), o morfema não precisa veicular significado; sendo assim, tanto os classificadores produtivos quanto os estratificados são morfemas.

Ferreira-Brito afirma que os classificadores mais produtivos na Libras são os de X-tipo de objeto e o segurar X-tipo de objeto, cujos conteúdos semânticos referem-se às formas dos objetos concretos e à maneira de seu envolvimento no evento.

2.2.1. Os classificadores de X-tipo de objeto:

Segundo Ferreira-Brito (1995, p. 109), “são usados para descrever a forma e o tamanho dos objetos ou seres referentes e também a maneira como a ação se dá”. Ainda segundo ela, esse tipo de classificador incorpora-se ao verbo, descrevendo e substituindo o nome; e também localiza os referentes. Um exemplo é o classificador com a configuração de mãos em “Y”, representado na Figura 16, que indica:

peessoas gordas, objetos altos e largos de forma irregular (bomba de gasolina, lata de óleo, gancho de telefone, bule de café ou chá, sapato de salto alto, jarra, veículo aéreo, submarino, ferro de passar roupa, chifre de touro ou vaca), roupas, comidas e outros objetos da casa variados, bonitos e bons.

³³Alguns autores, como Felipe (2002, p. 3), chamam de línguas de classificador de predicativo, no original “the predicate classifier type” (ALLAN, 1977, p. 287)



Figura 16: Configuração de mão em forma de ‘Y’

Já a configuração de mão em “B” (Figura 17) é usada para superfícies planas, lisas ou onduladas, como “porta, parede, borda de estrada, rua, mesas, ponto de referência ou qualquer superfície em relação à qual se pode localizar um objeto (em cima, embaixo, à direita, à esquerda)”. Ainda para Ferreira-Brito (1995, p. 109), essa configuração pode ter sua orientação mudada, fazendo com que o classificador funcione como substituto do nome ou superfície plana para localizar outros seres.



Figura 17: Configuração de mão em forma de ‘B’

O classificador “G”(Figura 18) teria como principal função descrever, localizar e representar objetos segundo sua forma e tamanho. Ele

descreve com a extremidade do indicador, com as duas mãos, objetos ou locais (quadrados, redondos, retangulares, etc.), fios ou tiras (descrição de uma alça de bolsa); localiza com a ponta do indicador cidades, locais e outros referentes (buraco pequeno); o indicador representa objetos longos e finos (pessoa, poste espeto, prego, rabo de animais). (FERREIRA-BRITO, 1995, p.110).



Figura 18: Configuração de mão em forma de ‘G’

De acordo com a autora, o classificador “F” (Figura 19) representa sinais icônicos por ser descritivo quanto à forma, tamanho e à maneira de segurar os objetos. Segundo Ferreira-Brito (1995, p. 111), ele funciona:

Com apenas a mão direita: objetos cilíndricos, planos e pequenos (botões, moeda, medalhas, buraco de fechadura, pingo ou gota de água); maneira de segurar objetos pequenos e finos (botões, moedas, palitos de fósforo, asa da xícara de café, folha de papel). Com as duas mãos: objetos cilíndricos longos (longos finos, suporte de estante e cadeira de ferro ou metal).



Figura 19: Configuração de mão em forma de ‘F’

2.2.2. Os classificadores de segurar X - tipo de objeto:

Para Ferreira-Brito, esses classificadores “representam o modo como certos objetos são segurados” e “funcionam como parte do verbo e representam o objeto que se move ou é localizado” (FERREIRA-BRITO 1995, p. 111). O exemplo que Ferreira-Brito nos dá desse tipo de classificador é a configuração de mão em forma de “S”(Figura 20) que indica: “segurar objetos tais como buquês de flores, faca, carimbo, sacola, mala, guarda-chuva, cano cilíndrico longo e fino, caneca de chope, pedaço de pau, etc.”.

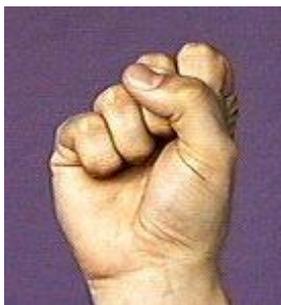


Figura 20: Configuração de mão em forma de ‘S’

Por se tratar de uma análise preliminar, Ferreira-Brito afirma que é necessário um estudo mais aprofundado para se estabelecer se esse fenômeno é universal a todas as línguas; ou se, pelo fato de as línguas de sinais serem de modalidade espaço-visual, tal fator favoreceria a existência de classificadores.

Já nas análises de Felipe (2002), o argumento é de que a Libras é uma língua de classificadores de predicado e coordenantes. Dentro do quadro exposto por Allan (1977), a subclassificação para número e gênero se dá ao acrescentar, à raiz principal, um classificador com quanta³⁴ simultaneamente, como em pessoa PASSAR, 2 pessoas PASSAR e 3 pessoas PASSAR. No caso dos verbos classificadores em Libras, os classificadores para forma de longo e arredondado são prefixos desses verbos, variando de acordo com a classe dos argumentos verbais. Se o verbo for intransitivo, o prefixo varia segundo a classe do sujeito; se o verbo for transitivo, o prefixo variaria segundo a classe do objeto.

Para Felipe (2002), o sistema de classificação na Libras, assim como nas demais línguas gestuais-visuais, estaria relacionado ao gênero que é marcado em uma subclasse de verbos por morfemas morfossintáticos obrigatórios, presos às raízes verbais para concordar com o argumento do verbo. Sintaticamente, morfemas classificadores “ocupam o lugar específico para a concordância (I), onde também ficam os clíticos” (FELIPE, 2002, p.09). E, segundo a autora, os morfemas classificadores de gênero “não têm uma função sintática, eles se realizam como desinências que vêm sempre afixadas a (*sic*) raízes verbais e, anaforicamente, estabelecem concordâncias de gênero com o referente que é o argumento do verbo.” (FELIPE, 2002, p. 10). Por essa razão, com verbos intransitivos, no caso nominativo, eles concordam com o sujeito, os transitivos – no caso acusativo – concordam com o objeto,

³⁴ “A categoria quanta especifica uma quantidade e pode ser subdividida em classificadores para coleção, volume, peso e tempo.” Felipe (2002, p.04)

caso uma configuração de mão venha representar mais de uma entidade; o verbo e o contexto impedem que se tenha uma sentença ambígua.

Com relação à classificação proposta por Supalla, Felipe (2002) afirma que os especificadores de tamanho e forma (SASS), os classificadores de corpo e parte do corpo, e os classificadores para instrumentos na realidade não são classificadores, mas itens lexicais. No caso dos SASS, eles têm as funções de adjetivos ou expressões que qualificam os nomes (sintagma adjetival); os classificadores de corpo e parte do corpo, ou itens lexicais, funcionam como argumentos dos verbos com concordância de lugar; e os classificadores de instrumentos, ou itens lexicais nominais, exercem a função de verbos que semanticamente trazem consigo o caso instrumento. A autora acredita que esses três tipos de classificadores não podem ser considerados como tal, pelo fato de a classificação por eles realizada ser de nível semântico e não morfossintático, como ocorre nos classificadores. De fato a autora está certa, mas o motivo pelo qual esses três ‘classificadores’ rotulados por Supalla não o são se dá por conta de eles funcionarem, na Libras, como itens lexicais e não por estarem em um nível semântico, como afirma Felipe. Como veremos adiante, os classificadores perdem sua autonomia e passam a ser uma forma fixa, cujo principal desencadeador desse processo é o fator semântico que será agregado a outro item lexical. Sendo assim, o nível semântico se mantém junto ao morfossintático.

Felipe (2002) conclui que, na Libras, há algumas configurações de mãos que, sendo morfemas, podem ser consideradas classificadores. Essas, segundo ela, serão consideradas como desinências de gênero, como na Figura 21.

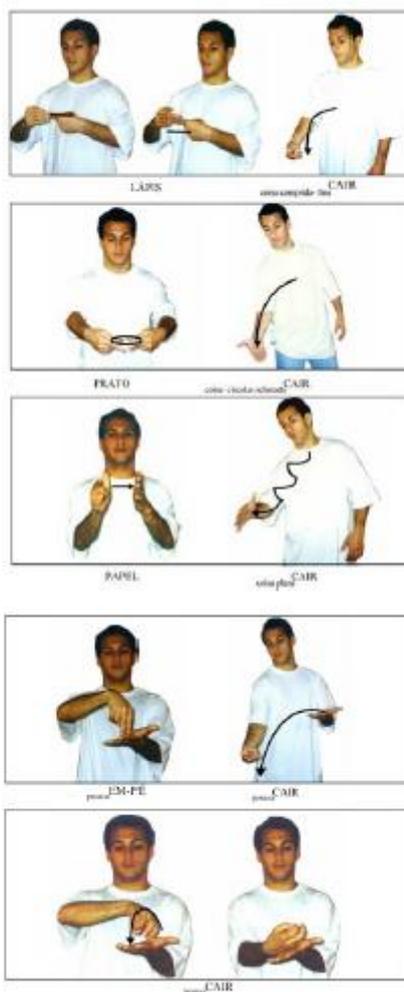


Figura 21: Verbos com flexão para gênero (FELIPE, 2002, p. 212)

Outra pesquisa que aborda o tema é a de Veloso (2005, 2008, 2010), cujo objetivo é analisar, segundo os princípios da Morfologia Distribuída de Halle e Marantz (1993) e demais autores, como Harley & Noyer (2003) e Marantz (2001), os classificadores em Libras. Como o termo ‘classificador’ vem sendo utilizado para nomear fenômenos diversos na língua e, como há uma complexidade morfológica desse fenômeno, a autora optou por usar o termo ‘construções classificadoras’.

Com esse aporte teórico, Veloso analisa as construções classificadoras com verbos de deslocamento, localização e existência; algumas considerações são apresentadas pela autora sobre os morfemas em línguas de sinais que estão presentes em construções classificadoras. Para isso, Veloso (2008, p. 89) cita uma análise de Schembri (2003) sobre os morfemas envolvidos nesse tipo de construção:

Em construções classificadoras, os traços fonológicos das configurações de mãos, o próprio arranjo das mãos, a orientação, o local em que estão e o movimento têm sido

analisados como morfemas separados que se combinam para formar polimorfêmicas complexas.

Os morfemas nesse tipo de construção são semelhantes aos das línguas em que o tom é um traço distintivo. Fazendo uso desse fator, Schembri (2003) afirma que, para se ter uma construção classificadora, é necessária a união de todos os parâmetros para que se possa 'pronunciar' o sinal; por essa razão, segundo ele, fica difícil segmentar o que é raiz ou afixo nessas construções. Levando em consideração essa análise, a autora propõe que:

A implementação da análise aqui proposta considera as unidades “configuração de mão” ou “orientação de mão” na constituição das construções classificadoras, de acordo com o modelo assumido, como feixes de traços abstratos. A inserção de uma configuração de mão com uma determinada orientação ocorrerá em Spell-Out, quando é inserido um Item de Vocabulário (VELOSO, 2008, p. 90)

A respeito das construções classificadoras, Veloso considera que nem todos os fenômenos que contém esse rótulo devem ser analisados da mesma forma, e a sua realização está ligada a verbos com marcadores de concordância.

Em um estudo lexicográfico sobre a Libras, feito por Faria-Nascimento (2009), o classificador é morfologicamente semelhante a uma unidade lexical (UL) da Libras, pois ambos são constituídos de Configuração de Mão, Orientação da Palma da Mão, Ponto de Articulação, Movimento e Expressões não-manuais. Os classificadores, diferentemente das ULs, são de caráter descritivos e especificadores dentro do discurso. Já sintaticamente, eles podem representar uma sentença, ou somente parte dela; em ambos os casos, eles se manifestam como classificadores nominais ou verbais. Com respeito ao uso da configuração de mão como classificador, Faria-Nascimento (2009, p. 117) argumenta que:

As CMs determinam os referentes principais a serem classificados. Entretanto, elas, por si só, não constituem o CLASSIFICADOR. O componente semântico completo só é interpretado a partir do momento em que a CM se articula como UL. Elas são lingüisticamente definidas e estão intimamente relacionadas à entidade que descrevem por meio de relações icônicas e/ ou metafóricas, cognitivamente determinadas pelos falantes da LSB.

Segundo ela, pesquisas recentes têm demonstrado que há prefixos em Libras e que as incorporações³⁵ de origem morfológica são infixos

A modalidade visuo-espacial da LSB favorece a incorporação de várias funções ao CLASSIFICADOR, pois os CLs, de acordo com a forma e a posição que assumem no discurso, preenchem estruturas sintáticas com associações que vão de SUJEITO-

³⁵“Os termos incorporar/ incorporação devem ser entendidos nesse estudo como simultaneidade/ sobreposição de informações sintático-semânticas” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 117), nota de rodapé número 138 da própria autora.

VERBO a SUJEITO-VERBO-OBJETO-INSTRUMENTO-MODO-ASPECTO-LOCATIVO. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 118)

A autora divide os classificadores em:

1. Classificadores nominais são subdivididos em: Classificadores nominais descritivos e Classificadores nominais especificadores. Os descritivos (Quadro 2), como o próprio nome diz, descrevem entidades, ou partes delas, que sejam indivíduos³⁶ animados ou inanimados, superfícies, paisagens, sentimentos e lugares. Caso o classificador seja de pessoa, e essa se encontra no plural, ele se modifica a depender da quantidade de pessoas no discurso. Caso ele represente qualquer outra das categorias já mencionadas, a forma de plural terá a noção de coletivo/ coleção, volume, peso e tempo.

CLASSIFICADORES NOMINAIS DESCRITIVOS
ATRIBUTOS PASSÍVEIS DE DESCRIÇÃO
- <i>forma</i> : estrutura (unidimensional, bidimensional e tridimensional), plana, silhueta, perfil, reta, curva, ondulada, “esburacado”, espiralada, helicoidal, zigzagueada, geométrica (quadrada, redonda, arredondada, triangular, oval) etc.
- <i>tamanho</i> : comprimento (comprido e curto), largura (largo e estreito), altura (alto e baixo), todas as dimensões (grande, pequeno, microscópico) etc.
- <i>textura</i> : macia, áspera, etc.
- <i>consistência</i> : líquida, pastosa, cremosa, compacta (maciça), espumante, flexível (mole), rígida (dura), espessa etc.
- <i>espessura</i> : grossa, fina, oco/ vazia
- <i>tonalidade</i> : clara, escura, desbotada, viva
- <i>odor</i> : perfumado, fétido
- <i>paladar</i> : doce, salgado. Amargo, azedo/ ácido
-etc

Quadro 2: Classificadores Nominais Descritivos (tipos de atributos) (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p.119)

³⁶“O termo indivíduo está concebido nessa pesquisa com a seguinte aceção: “o exemplar de uma espécie qualquer orgânica ou inorgânica, que constitui uma unidade distinta” (AURÉLIO, 2004)” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p, 118), nota de rodapé número 139 da própria autora.

Os classificadores nominais especificadores (Quadro 3), diferentemente dos descritivos, não descrevem atributos dos referentes, mas suas funções são de:

a *localização* de elementos 'de' ou 'em' um referente (números, símbolos etc); ou (ii) o *modo* como os referentes “arranjam-se”, dispõem-se, distribuem-se ou espalham-se no espaço; o modo como os referentes estão dispostos em dado lugar ou contexto, por exemplo: enrolados, em círculos, empilhados, enfileirados, espalhados etc. (cf. ALLAN, 1977) (FARIA-NASCIMENTO, 2009, 121).

ESPECIFICADORES DE LOCALIZAÇÃO
NÚMERO- -EM-CAMISA-DE-FUTEBOL -EM-RESIDÊNCIA -EM-TELEFONE -DE-CANAL-DE-TV -DE-CELULAR
NOME-EM-CAMISA
TÍTULO-EM-LIVRO
INSIGNA-EM-BONÉ
SIGLA-ESCRITA-EM-PORTA
ESPECIFICADORES DE MODO
FUMAÇA- -DE-CIGARRO-ESPALHANDO -DE-CHURRASCO-SUBINDO -DE-CHAMINÁ-ESPALHANDO
LIVROS- EMPILHAD@ ENFILEIRAD@ ESPALHAD@
CADEIRAS- -EM-CÍRCULO -ENFILEIRAD@
POTE(S-LADO-A-LADO
QUADRO(S) -ESPALHAD@ (EM ORDEM) -ESPAHAD@ (SEM ORDEM)
PRATO(S)-ENCAIXAD@-NO-ESCORREDOR
TALHERE(S-POSTOS-NA-MESA

Quadro 3: Classificadores Nominais Especificadores (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p.121)

2. Classificadores verbais, ou verbos manuais, constituem os predicados complexos, podendo ocorrer sozinhos ou com um classificador nominal; ao serem realizados nesse último caso, eles são sintagmas nominais que incorporam sintagmas verbais ou vice-versa. A incorporação se realiza quando o sintagma verbal é seguido de um argumento externo em função de sujeito.

3. Classificadores homônimos são aqueles que têm a mesma forma, mas têm significado diferente; e é por meio do contexto que se determina o significado. Como no quadro apresentado por Faria-Nascimento (2009, p.127):

CLASSIFICADORES HOMÔNIMOS
PESSOA-DEITADA x PESSOA-DORMINDO-MAL x PESSOA-SE MEXENDO-NA CAMA PESSOA-FAZENDO-EXERCÍCIO (com as pernas) x PESSOA-DEITADA-PERNAS-PARA-CIMA x PESSOA-OLHANDO-PARA-CIMA MODELO-DESFILANDO x PESSOA-PASSANDO-POR-CIMA-DA-PONTE

Quadro 4: Classificadores Homônimos (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p.127)

As considerações sobre classificadores feitas por Faria-Nascimento não divergem muito das dos demais autores, a não ser pela nomenclatura e que incorporação em Libras está relacionada à simultaneidade ou sobreposição de informações sintático-semânticas; porém a literatura tem apresentado que a simultaneidade em línguas de sinais é aquela em que os fonemas são realizados ao mesmo tempo, enquanto nas línguas orais a pronúncia dos fonemas é linear. A respeito desse assunto, nesta pesquisa, consideramos que a Libras é predominantemente simultânea e este diz respeito à sinalização (pronúncia) dos fonemas na língua, ao invés de uma sobreposição sintático-semântica.

Nota-se, assim, que contrastar duas línguas de modalidades distintas não significa encontrar nas línguas visuais as mesmas fórmulas já existentes nas línguas orais; mas compreender como funcionam, respeitando suas diversidades e analisando de que forma os fenômenos linguísticos ocorrem nas línguas. Ao contrastarmos a Libras com as línguas orais queremos analisar as suas semelhanças com as línguas orais, bem como sua diversidade no que diz respeito aos aspectos morfológicos.

2.3. Considerações do capítulo

Nesse capítulo, apresentamos os estudos que desencadearam as pesquisas linguísticas sobre classificadores na ASL e a sua influência nas análises em Libras. Com isso percebemos que, os mesmos critérios e resultados encontrados para a ASL, aparecem na Libras com um pouco de variação. Com relação à tipologia apresentada pelos autores, as análises sobre a Língua Brasileira de Sinais tendem a variar segundo o modelo teórico utilizado para a descrição de classificadores, assim como as categorias que esses representam. Porém, um ponto em comum a todos os autores aqui apresentados é a existência de classificadores verbais ou construções classificatórias em língua de sinais, que formam os predicados complexos e podem incorporar vários elementos como objeto, instrumento, locativo e outros. A seguir faremos o mesmo traçado histórico dos classificadores em línguas orais, no qual nosso estudo se baseia para fazer suas análises sobre o assunto.

CAPÍTULO 3—OS CLASSIFICADORES SOB O ENFOQUE FUNCIONAL-TIPOLOGICO

“Os classificadores oferecem uma janela única no que concerne aos estudos de como os seres humanos constroem representações do mundo e de como eles as codificam nas palavras em suas línguas”³⁷

Colette Grinevald

Os sistemas de classificação envolvem o sistema léxico-sintático das categorias nominais linguísticas, além de fatores semânticos e pragmáticos que também fazem parte do processo de classificação das línguas. Dentro, então, do sistema de classificação nominal estão os classificadores, que são *per se* parte do *continuum* do sistema de categorização nominal, resultado de um processo cognitivo de categorização, podendo exercer funções de interação social.

Neste capítulo, apresentaremos os estudos linguísticos sobre classificadores e o aporte teórico que norteará as nossas análises na Libras. Aqui trataremos dos estudos sobre iconicidade, tipologia morfológica e o *continuum* de gramaticalização dentro do funcionalismo-tipológico, a relação entre os classificadores e os fatores sociais, a semântica cognitiva e os classificadores, qual o *status* dos classificadores dentro do *continuum* de gramaticalização e a tipologia dos classificadores. E, embora estejam dispostos separadamente nesta seção dentro da teoria, o fizemos simplesmente por questões metodológicas; pois dentro do nosso aporte teórico eles estão entrelaçados.

3.1. O estudo funcional-tipológico: iconicidade, tipologia morfológica e o continuum de gramaticalização

O funcionalismo, como diz Givón (1995), é a corrente linguística que se atém a interpretar a língua como um sistema não-autônomo, em outras palavras, um conjunto de parâmetros que envolvem a cognição, a interação social e cultural. Sob essa óptica, a língua não é só um conglomerado de orações estruturadas logicamente pelos falantes, mas é por

³⁷ Tradução nossa

meio dela que se fazem várias interpretações das expressões linguísticas, interagimos, revemos conceitos e construímos o mundo a nossa volta.

As generalizações e explicações linguísticas, nos estudos funcionalistas, são baseados em dados contextualizados, no uso da língua em diferentes interações sociais; pois “a) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si; b) as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico.” (FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 158). Tal posicionamento deriva do fato de a língua ser um instrumento pelo qual os seres humanos se relacionam, questionam e subvertem. Não estudar as condições em que são constituídos os enunciados é analisar apenas parte da língua.

A linguagem, então, significa gerar instrumentos pelos quais os homens conscientemente e com intenção de representar o seu pensamento até o fim, principalmente de torná-lo conhecido a outros homens; é a expressão por causa da comunicação³⁸ (WHITNEY 1897:1 *apud*. DELANCY, 2000). (Tradução nossa)

Diante da diversidade de correntes funcionalistas, o funcionalismo ao qual nos referimos nesta pesquisa segue os teóricos norte-americanos que surgiram na década de 1970 na Califórnia. Para eles, a sintaxe está em constante mudança em decorrência do discurso e as estruturas são moldadas a partir da interação discursiva dos falantes. Os autores que adotam essa tese como Talmy Givón, Charles Li, Sandra Thompson, Wallace Chafe e Paul Hopper, são rotulados como funcionalistas-tipológicos. Dentre as características desse grupo de estudiosos, destaca-se o fato de retomarem conceitos sincrônicos e diacrônicos do século XIX, propostos por William Dwight Whitney, Georg von der Gabelentz e Hermann Paul; a fim de explicar a estrutura linguística em termos funcionais, cognitivos e psicológicos.

Ao refutarem a tese de uma gramática autônoma e defenderem uma gramática do uso, esses funcionalistas reabrem a discussão da iconicidade das línguas; ou seja, nem tudo é arbitrário, como apregoam os estruturalistas e os gerativistas. Postulam que há uma correlação entre o conceito e a sua representação linguística, ao menos em turnos diagramáticos.

³⁸ Language, then, signifies rather certain instrumentalities whereby men consciously and with intention represent their thought, to the end, chiefly, of making it known to other men; it is expression for the sake of communication. (WHITNEY 1897:1 *apud*. DELANCY, 2000).

3.1.1. Iconicidade

No que concerne à iconicidade, ela é definida como a relação da forma com a função, sendo essa uma relação natural e motivada; pois “como a linguagem é uma faculdade humana, a suposição geral é a de que a estrutura lingüística revela o funcionamento da mente, bem como as propriedades da conceitualização humana do mundo.” (FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 167).

Ao retomarem essa questão, os autores sempre remetem à taxonomia de Peirce (1932 *apud* HAIMAN 1980, p.513), que distingue a iconicidade em dois tipos: a ‘imagética’ e a ‘diagramática’. A primeira diz respeito à semelhança sistemática entre o item e o seu referente; enquanto a segunda é o arranjo sistemático do item, sem necessariamente ter alguma semelhança com o referente. Isso, segundo Haiman (1980, p. 513) refletirá na língua de duas maneiras: i) o isomorfismo, relação biunívoca entre o morfema e o significado e ii) a motivação, a quantidade de informações, a sua organização sequencial e o grau de interatividade entre os constituintes.

Nas línguas de sinais, a relação imagética ainda se mantém em decorrência do canal da língua ser visual, o que explicaria a motivação informacional dos constituintes ser em maior quantidade em relação às línguas orais. Se assim for, enquanto o canal oral não possibilita, em alguns casos, o estreitamento entre a forma e o seu significado; o canal visual deixa bem nítida essa relação, em vários itens lexicais.

Mesmo assim, estudos lingüísticos têm demonstrado que um sinal possui outros significados segundo os contextos em que eles são realizados. Em outras palavras, a iconicidade imagética perde seu isomorfismo quando o item é usado discursivamente em outras situações e seu significado se expande, o que só é possível quando o falante motiva cognitivamente a reelaboração da gramática, com o objetivo de satisfazer suas necessidades interacionais.

Por isso, a relação entre cognição e gramática, como veremos mais adiante, resulta na classificação de membros de uma categoria segundo o seu grau de semelhança, que é assentada nas noções de iconicidade. Considera-se “que a estrutura da língua reflete a estrutura da experiência, ou seja, a estrutura do mundo (geralmente inclusa a perspectiva imposta sobre o mundo pelo falante)”. (CROFT, 1990 *apud* NEVES, 2004, p. 21)

Já a motivação icônica por trás dos sinais nas línguas de sinais não é um assunto novo, mas talvez esquecido por alguns estudiosos. Wescott (1971), no artigo intitulado “Linguistic Iconism”, faz uma análise da iconicidade nas línguas humanas e não-humanas e ressalta que dos três tipos de linguagem humana - a fala, a escrita e a língua de sinais - a última é a que mais apresenta sinais icônicos. O autor, ao se deparar com o dicionário da ASL (Stokoe, 1976 [1960]), conclui que:

Em suma, a maioria dos sinais da Língua Americana de Sinais parece ser mais ou menos versões estilizadas de sinais originalmente icônicos. Essa questão permanece em aberto, se a minoria dos sinais cuja natureza icônica não é de todo evidente é porque são apenas ícones antigos cuja prolongada estilização tem efetivamente disfarçado-os, ou se eles são símbolos genuinamente manuais que nunca foram e provavelmente nunca serão icônicos. (WESCOTT, 1971, p.418) (Tradução nossa)³⁹

Para Wescott (1971) não há língua que não tenha iconicidade. Na fala, por exemplo, das línguas Congo-Cordofanas do sudeste da Nigéria, todos os significados de alto têm o tom alto, já em palavras como pequeno, curto e leve o tom é baixo; e o mesmo ocorre com algumas línguas indígenas, cujos verbos são oriundos de sons onomatopaicos, segundo Christiane Cunha de Oliveira⁴⁰. Na modalidade escrita da língua, temos os hieróglifos, ideogramas, a escrita cuneiforme, os caracteres japoneses e chineses. Por fim, Cuxac (1998) afirma que na língua francesa de sinais há iconicidade nos componentes constitutivos dos sinais.

Ao optarmos pelas motivações imagéticas e diagramáticas nas análises dos dados, não negamos a arbitrariedade do signo postulada por Saussure, mas

A noção de arbitrariedade observa exclusivamente a relação existente entre o som e o sentido da palavra, já a noção de motivação ou iconicidade leva em conta o fato de o falante, de algum modo, fazer corresponder a forma da palavra com o significado que ela expressa (WILSON e MARTELOTTA, 2008. p. 77).

³⁹ In short, most of the signs of American Sign Language appear to be more or less stylized versions of originally iconic signs. It remains an open question whether the minority of signs whose iconic nature is not at all evident are merely old icons whose prolonged stylization has effectively disguised them, or whether they are genuine manual symbols, which never have been and presumably never will be iconic (WESCOTT, 1971, p.418)

⁴⁰ Comunicação pessoal ocorrida durante o Evento de extensão realizado na UnB, nos dias 13 e 14 de abril de 2011, intitulado Pesquisa em Línguas Indígenas.

3.1.2. Tipologia Morfológica

E é em decorrência da diversidade linguística que o termo *tipologia* é inserido pelo funcionalismo com a finalidade de estudar os diversos tipos de línguas, agrupando-as segundo as semelhanças de sua estrutura fonológica, morfológica ou sintática; sem perder de vista as diversidades entre elas. Ao agruparem as línguas de acordo com suas características, os funcionalistas não o fazem com a intenção de afirmarem os universais linguísticos, mas para investigar como os fenômenos linguísticos ocorrem nas línguas.

Linguística Tipológica: Ramo da linguística que estuda a estrutura e similaridade entre línguas, independente da sua história, como parte da tentativa de estabelecer uma classificação satisfatória, ou tipologia das línguas (...)

Uma classificação tipológica, sugerida pelo Alemão Wilhelm Von Humboldt (1786-1835) no início do século 19, estabeleceu três principais grupos de línguas por motivos estruturais: a isolante, a aglutinante e a fusional; uma quarta categoria, a polissintética, foi algumas vezes sugerida. A orientação morfológica desta abordagem é, no entanto, apenas um aspecto da análise tipológica, que é possível operar em todos os níveis linguísticos (Ex. tipologia fonológica em termos de inventário ou sistema de consoantes/ vogais, estrutura silábica, ou padrões suprasegmentais – ilustrados em noções como, “língua de tom” ou “língua de clique”). Quando se considera os muitos critérios possíveis de comparação tipológica, é evidente que nenhuma classificação simples surja, e que as diferenças entre as línguas não sejam claras, mas uma questão de grau. (CRYSTAL 2008, p.499) (Tradução Nossa)⁴¹

Trataremos aqui especificamente da tipologia morfológica. Na citação acima, Humboldt é dado como a primeira referência sobre essa temática. Em suas pesquisas com diversas línguas, ele constatou que, ao lado de uma diversidade destacável, as línguas apresentavam semelhanças estruturais em suas palavras. Segundo a tipologia morfológica clássica, são três os tipos de línguas: as isolantes, as aglutinantes e as fusionais (também chamadas de flexionais ou sintéticas); hoje, muito se fala de um quarto tipo: as polissintéticas

⁴¹ **typological linguistics** A branch of linguistics which studies the structural similarities between languages, regardless of their history, as part of an attempt to establish a satisfactory classification, or **typology**, of languages. (...)

One typological classification, proposed by the German linguist Wilhelm von Humboldt (1768–1835) in the early nineteenth century, established three main groups of languages on structural grounds: isolating, agglutinative and fusional; a fourth category, polysynthetic, has sometimes been suggested. The morphological orientation of this approach is, however, only one aspect of typological analysis, which can operate at all linguistic levels (e.g. a phonological typology in terms of consonant/vowel inventories or systems, syllable structure, or suprasegmental patterns – as illustrated in such notions as ‘tone language’ or ‘click language’). When one considers the many possible criteria of typological comparison, it is plain that no simple classification is likely to emerge, and that differences between languages are not clear-cut, but matters of degree. (CRYSTAL 2008, p.499)

ou incorporantes. Com base em Comrie (1989, p. 42-43), apresentamos a seguir definições e exemplos de cada tipo:

i) línguas isolantes: línguas em que para cada palavra se tem um único morfe que carrega apenas um morfema. Nesse tipo de língua, não há processos morfológicos. O vietnamita é um exemplo:

(1) khi toi den nha ban toi chung toi batdau lam bai

(quando eu vir casa amigo eu plural eu começar fazer lição)

'Quando eu vim para a casa do meu amigo, eu comecei a fazer as lições'.

ii) línguas aglutinantes: línguas em que as palavras são constituídas de mais de um morfe e para cada morfe há apenas um morfema. Nessas línguas, portanto, as fronteiras entre os morfemas são sempre claras; como no Turco, em que a marca de nominativo singular é o morfema zero, o plural é marcado pelo sufixo {-lar}, e para cada caso há um sufixo específico:

(2)	Singular	Plural
Nominative	<i>adam</i>	<i>adam-lar</i>
Accusative	<i>adam-i</i>	<i>adam-lar-i</i>
Genitive	<i>adam-in</i>	<i>adam-lar-in</i>
Dative	<i>adam-a</i>	<i>adam-lar-a</i>
Locative	<i>adam-da</i>	<i>adam-lar-da</i>
Ablative	<i>adam-dan</i>	<i>adam-lar-dan</i>

iii) línguas fusionais (ou flexionais ou sintéticas): como as aglutinantes, cada palavra pode ser constituída de mais de um morfe, mas nessas línguas os morfemas se fundem em um mesmo morfe; logo, nesse tipo de língua, a delimitação de certos morfemas não é possível nem mesmo pelo método da comutação. É o caso do português que tem, nas conjugações verbais, um único morfe para os morfemas de tempo, aspecto e modo ({-va} 'pretérito imperfeito do indicativo'), e também um único morfe sintetizando os morfemas de número e pessoa, por exemplo {-mos} '1ª pessoa do plural':

(3) cant-á-va-mos

raiz-vogal temática-tempo.modo.aspecto-número.pessoa

iv) línguas polissintéticas: como o Bella-Coola, o Esquimó e o Mundurukú (Tupí) combinam vários morfemas, gramaticais ou lexicais, para formar uma única palavra; elas recebem o nome de polissintéticas ou incorporantes. Um exemplo desse tipo de língua é o Mundurukú (GOMES, 2006, p. 188):

(4) O'= **SU-BU-DAKAT-∅** [uma única palavra]
 (3ªSING.SUJ= **3ªSING.OBJ-DEDO-CORTAR-PERFECTIVO**)
 'Ele cortou o dedo dela.'

Embora uma língua seja classificada em um desses grupos, não significa que os demais processos não estejam presentes, mas que há uma predominância de um tipo.

3.1.3 O *continuum* de gramaticalização

As noções de *continuum* e de gramaticalização adotadas pelo funcionalismo são complementares. Ambas entendem que as línguas estão sempre em um processo, as categorias estanques não existem, e as mudanças não são abruptas (HOPPER and TROUGOTT, 2000 p.6). Como alguns autores defendem, elas tendem a deslizar de suas posições para outras gradualmente. Sendo assim, a gramaticalização é um processo unidirecional, em que um item lexical ou estrutura gramatical começa a se gramaticalizar. Eles tomam novas funções que estão sujeitas a alterações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas em decorrência do uso e do discurso.

De acordo com Hopper e Traugott (2000), se de um lado persiste a dicotomia entre a diacronia e a sincronia, por outro as análises à luz da gramaticalização estabelecem um paralelo entre ambas; repensando que na língua as formas linguísticas são maleáveis e descontínuas.

A gramaticalização foi estudada a partir de duas perspectivas. Uma delas é a histórica, que investiga a origem das formas gramaticais e os percursos típicos de mudanças que as afetam. A partir dessa perspectiva, gramaticalização é, geralmente, considerada como um subconjunto das mudanças linguísticas que pensa que um item gramatical se torna mais gramatical. A outra perspectiva é mais sincrônica, olhando a gramaticalização como, primariamente, a sintaxe, um fenômeno discursivo pragmático, a ser estudado do ponto de vista dos padrões fluidos do uso da linguagem. (HOPPER & TROUGOTT, 2000, p.2) (Tradução nossa)⁴²

Na proposta de Hopper & Trougott (2000, p. 7), os componentes lexicais ou de conteúdo se encontram mais à esquerda e ao deslizarem para a direita, tornam-se mais sintáticos, até se tornarem afixos flexionais.

Item de conteúdo > item gramatical > clítico > afixo⁴³

Esquema 1: Cline de gramaticalidade

Como postulado pelos autores, a sistematização desse processo se dá por meio de cinco parâmetros que acentuarão o grau gramatical dos elementos, a fim de verificar se são ou não da gramática. São eles: i) a especialização, que consiste na escolha dos falantes entre duas formas concorrentes e, devido à sua grande frequência, uma delas é selecionada, sendo essa considerada a mais gramaticalizada; ii) a persistência, em que os traços semânticos são mantidos, mesmo que a estrutura seja alterada; (iii) a estratificação, em que o resultado de um processo sincrônico no qual formas emergentes, sucessivas gramaticalmente, contribuem para o mesmo domínio, não impedindo a coexistência das formas emergentes com as mais antigas; (iv) a divergência, que ocorre quando um item lexical, autônomo, passa a ser um afixo ou clítico perdendo, assim, sua autonomia para exercer outras funções gramaticais; e (v) a descategorização, em que há perda de propriedades morfológicas e sintáticas dos itens, típicas dos nomes e verbos, para exercerem funções de categoriais secundárias, como preposições, conjunções, verbos auxiliares, pronomes e demonstrativos.

Em contrapartida, para Lehmann⁴⁴ o processo de gramaticalização não está, necessariamente, relacionado com a diacronia, pois as mudanças realizadas no decorrer

⁴² Grammaticalization has been studied from two perspectives. One of these is historical, investigating the source of grammatical forms and the typical pathways of change that affect them. From this perspective, grammaticalization is usually thought of as that subset of linguistic changes thought of which a grammatical item becomes more grammatical. The other perspective is more synchronic, seeing grammaticalization as primarily a syntactic, discourse pragmatic phenomenon, to be studied from the point of view of fluid patterns of language use. (HOPPER & TROUGOTT, 2000, p.2)

⁴³ Tradução nossa

histórico são próprias das línguas. Com isso, o autor propõe uma análise sincrônica que é composta de seis parâmetros baseados nos eixos paradigmático e sintagmático e das formas autônomas das línguas que têm um peso, uma coesão e uma variabilidade. À medida que avançam no *continuum*, essas propriedades mudam e passam por uma gradação de gramaticalização.

Os parâmetros propostos por Lehmann (1985, p.5) para o eixo paradigmático são: a integridade (*integrity*), que se refere às matrizes semântica e fonológica do signo, pois quanto mais frequente, mais erosão fonológica (*attrition*) e dessemantização (*bleaching*); a paradigmaticidade (*paradigmaticity*), que é o grau de coesão de um item em relação a outro no paradigma, quanto mais gramaticalizado menor ele é; ou no caso dos verbos, que podem funcionar como verbos auxiliares ou não (*paradigmaticization*) e a variação paradigmática (*paradigmaticity variability*), em que há uma obrigatoriedade (*obligatorification*) de uso de um item em lugar de outro que pode ser mais gramaticalizado; nesse caso é a liberdade de escolha do usuário que rege esse parâmetro.

No eixo sintagmático, temos escopo (*scope*) quando um item perde a sua ‘predicabilidade’, capacidade da estrutura de ser um predicado; a conexidade (*bondedness*), a forma como os signos se relacionam; seja independentemente justapostos ou afixados (*coalescence*) e a variação sintagmática (*syntagmatic variability*), quando o item tem um alto grau de morfologização e ocupa uma posição fixa (*fixation*) no sintagma.

⁴⁴Apresentação de Lehmann no workshop de gramaticalização realizado pela UFMS nos dias 23 a 24 de maio de 2011.

parâmetro ⁴⁵	Gramaticalização fraca	___ processo	Gramaticalização forte
integridade	feixe de traços semântico; possivelmente polissilábico	___ <i>atrito</i> →	poucos traços semânticos: poucos ou monosssegmenta
paradigmaticidade	o item participa de campos semânticos dispersos	___ <i>paradigmatização</i> →	um paradigma estreitamente integrado
variação paradigmática	a livre escolha do item de acordo com as intenções discursivas	___ <i>torna-se mais obrigatório</i> →	escolha sistematicamente restringida e uso fortemente obrigatório
escopo	o item se relaciona ao constituinte de certa complexidade	___ <i>aderência</i> →	o item modifica a palavra ou o radical, raiz ⁴⁶
(in)dependência lexical	o item é independentemente justaposto	___ <i>condensação</i> →	o item é um afixo ou até mesmo um suporte de traço fonológico
variação sintagmática	o item pode ser mudado de lugar livremente	___ <i>fixação</i> →	o item ocupa um lugar fixo

Tabela 3: Parâmetros de processos de gramaticalização (LEHMANN, 1985, p. 05)

Mesmo sendo visões distintas de gramaticalização, ambas, a nosso ver, são complementares nas pesquisas sobre classificadores; a primeira resgata o processo de gramaticalização pelo qual os classificadores passaram e essa última demonstra o processo que está acontecendo. Se tomarmos como princípio os postulados de Lehman, perceberemos a gramaticalização sincronicamente e como os deslizamentos das categorias estão ocorrendo; porém, caso o estágio de gramaticalização já esteja finalizado, uma perspectiva diacrônica, como a de Hopper e Traugott, consegue detalhar o processo de gramaticalização.

Sendo assim, nesta pesquisa, esses dois modelos teóricos serviriam para analisarmos a existência de ‘classificadores’ em Libras; porém, como não dispomos de uma literatura diacrônica da Libras, esse trabalho fica inviável. Sendo assim, analisaremos os nossos dados com o modelo proposto por Lehmann.

A proposta adotada aqui permite que contrastemos a Libras com as demais línguas orais e analisemos quais fenômenos linguísticos são comuns, sem deixar de lado suas

⁴⁵ Tradução nossa (cf. Apêndice D)

⁴⁶ Embora o autor só considere o radical, aqui consideramos também a raiz (rot)

singularidades. Assim, os estudos tipológicos nos auxiliarão a contrastar a Libras e as demais línguas orais, mesmo sendo de modalidades distintas. O contraste que faremos entre os classificadores em línguas orais e em Libras tem como foco estabelecer critérios descritivos; da mesma forma como nas línguas orais, que evidenciem ou não esse fenômeno na língua. Lançamos um novo olhar sobre o assunto e inserimos a Libras nas seguintes discussões: (i) como se configura o sistema de classificação nominal em Libras? e (ii) como é possível contrastar uma língua de modalidade visual com línguas orais, respeitando sua natureza?

3.2. O sistema de classificadores e o social

Parece redundante dizer que a função dos classificadores é a de classificar, organizar ou categorizar algo em uma língua; contudo, a função de classificar vai além de uma simples organização de itens lexicais. Ela está intrinsecamente correlacionada a fatores socioculturais e históricos em uma comunidade.

Segundo Foley (1997, p. 232), os classificadores tendem a fortalecer a descrição dos referentes, pois muitas vezes os nomes têm uma vaga pista de seus referentes, cabendo aos classificadores a missão de dar informações adicionais a esses nomes. Sendo assim, um nome pode coocorrer com diferentes classificadores para destacar diferentes aspectos, a princípio.

Havendo, então, essa possibilidade de vários classificadores se agregarem aos nomes, é necessário estabelecer critérios de agrupamento. Para tanto, a escolha do classificador é determinada pelo discurso e pelos desejos do falante; pois, quando a vontade do falante é de destacar alguma propriedade semântica e/ ou de especificar o nome em um contexto, os classificadores serão o mecanismo linguístico que ele faz uso para atender ao seu ‘capricho’.

Ao optarem pelo uso do morfema classificador em seu sistema de classificação nominal, as línguas recorrem, especificamente, a um recurso linguístico que as auxiliará em vários tipos de atos discursivos e interacionais. É o caso da língua Tailandesa (5), em que o uso dos classificadores reflete um *status* social e uma diferença estilística do interlocutor; por isso eles não podem ser limitados simplesmente a expressarem as propriedades semânticas dos nomes, visto que são algumas das formas que a língua tem para deixar transparecer significados sociais.

(5) Tailandês (HUNDIUS and KÖLVER 1983 *apud* FOLEY, 1997, p.235)

chǎak classificador para elefante doméstico na fala formal⁴⁷

tua classificador para elefante e demais animais na fala informal

buy classificador para ovos na fala informal

lǎuk classificador para frutas na fala informal

fǎəŋ classificador para ovos na fala formal, diante da realeza

phǎn classificador para frutas na fala formal, diante da realeza

Para o Tailandês, é relevante a informação para quem se fala, porque implicará uma dada relação social – ora assimétrica ora simétrica – e religiosa da pessoa. Nessa cultura, a filosofia de vida está bem explicitada na língua, deixando saliente o aspecto cultural pelo uso de classificadores, que deixa transparecer uma escala de divindade entre os nomes classificados.

⁴⁷ Tradução nossa

(6) Tailandês (HUNDIUS and KÖLVER, 1983 *apud* FOLEY, 1997, p. 237)

sagrado	<i>phrǎ'oj</i>	Para Buda, divindades, realza
	<i>'oj</i>	Para Buda, divindades, realza e macacos (variação, menos usual, de <i>phrǎ'oj</i>)
	<i>rûup</i>	Para sacerdotes, monges e ídolos
	<i>thân</i>	Para pessoas de posição social elevada, por exemplo, professores, ministros e baixa nobreza
	<i>naay</i>	Para alguns homens de posição social
	<i>naaŋ</i>	Para algumas mulheres de posição social
	<i>khon</i>	Para as demais pessoas
	<i>ton</i>	Para os seres de faculdades sobrenaturais (implicação sinistra)
	<i>chǎak</i>	Para elefantes domesticados
	<i>tua</i>	Para qualquer tipo de animal ou ave
profano		

Tabela 4: Escala do sistema de classificadores em Tailandês

Por outro lado, o *Birmanês*⁴⁸, que reflete as mesmas estratificações sociais baseadas em fatores religiosos, abstrações cosmológicas; também as exibe por meio de classificadores.

⁴⁸ É a língua oficial de Mianmar, antiga Birmânia, essa língua também é falada na Tailândia, Cingapura e Malásia.

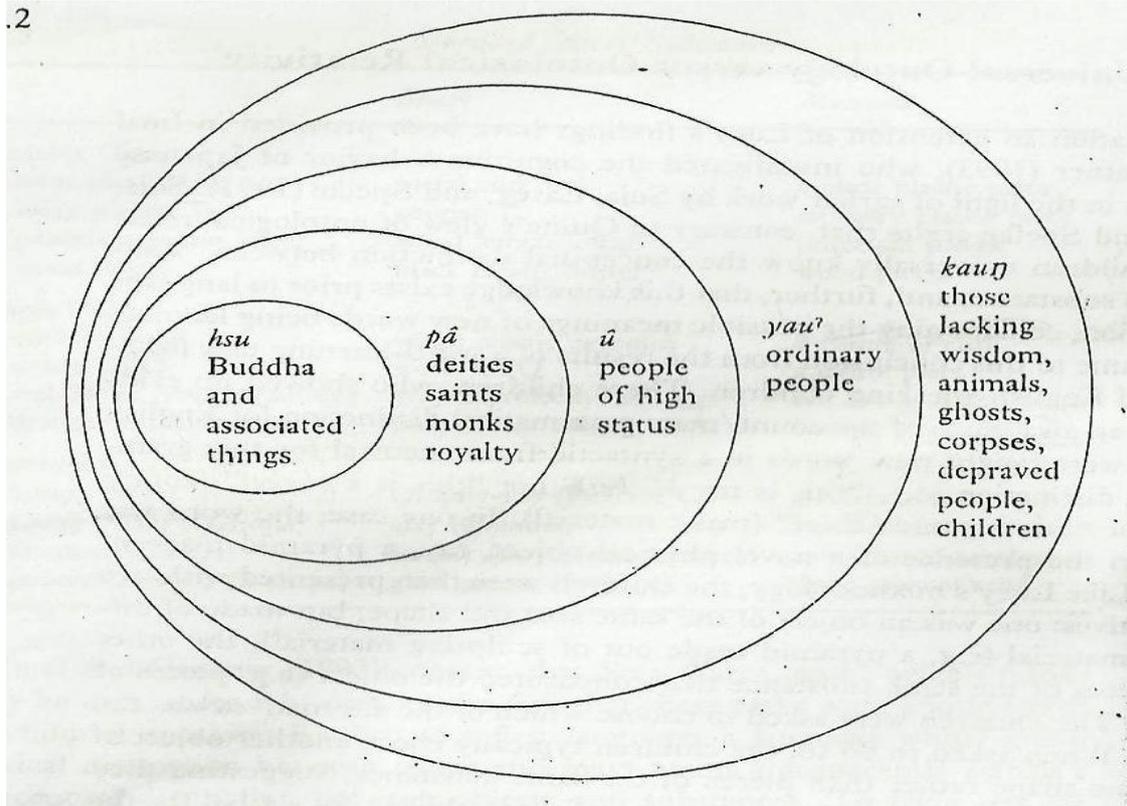


Figura 22: Os círculos concêntricos (FOLEY, 1997, p. 238)

Sendo os aspectos sociais indispensáveis a um sistema de classificação, levaremos esse fator em consideração nas análises sobre os possíveis classificadores em Libras; a fim de compreendermos como são as interações sociais estabelecidas pelos surdos e, ao mesmo tempo, como é a relação deles com o mundo à sua volta.

3.3. A semântica cognitiva e os classificadores

Quando falamos em classificadores dentro dos estudos funcionais tipológicos, estamos analisando um fenômeno que mantém uma relação, como já vimos anteriormente, com fatores sociais, pragmático-discursivos e semântico; porém, dentre os variados estudos semânticos que podem explicar esse fenômeno, a semântica cognitiva tem contribuído significativamente, pois suas análises entrelaçam os aspectos sensoriais, culturais e cognitivos no estudo do sistema de classificadores.

Denny (1976 *apud* LAKOFF, 1986, p.47) afirma que “(...)A função semântica dos classificadores nominais é a de colocar os objetos dentro de um conjunto de classes diferentes e adicionais àquelas dadas pelos substantivos. Essas classes estão interessadas com os objetos que entram em interação humana” (Tradução nossa)⁴⁹. Denny, assim como Lakoff, compreendem que a função semântica e a categorização estão atreladas à interação motora, quando o nosso corpo interage com o meio ambiente.

Essa, então, é a base teórica da semântica cognitiva, que nasceu nos anos de 1980 com Paul Postal, George Lakoff, Háj Ross, James McCawley, Ronald Langacker e Gilles Fauconnier, em que o significado é motivado pelas interações físicas e/ou corpóreas com o meio ambiente dos indivíduos. Seus autores, ao romperem com a semântica formal, inserem-se dentro das pesquisas funcionalistas por considerarem que a significação está além de um fator de associações de símbolos com o mundo, mas na relação do ser humano com o mundo.

Assim sendo, o significado linguístico não é arbitrário, porque deriva de esquemas sensório-motores. São, portanto, as nossas ações no mundo que nos permitem apreender diretamente esquemas imagéticos espaciais e são esses esquemas que dão significado às nossas expressões linguísticas. (OLIVEIRA, 2006, p.34)

A classificação do mundo, via esquemas imagéticos e motores, faz com que as categorias linguísticas não sejam fixas, mas interseccionadas; por isso, as noções de esquema e protótipos, propostos pela semântica cognitiva, e o sistema de classificadores estão intimamente associados no processo de categorização. O esquema de imagem é o construto conceitual básico gerador de conceitos mais abstratos, porém as abstrações são decorrentes de percepções físicas. Os conceitos abstratos são estruturados de forma gradual em categorias, um conjunto de propriedades que estabelece limite das classes; o elemento que reúne o maior número de propriedades de uma categoria é denominado protótipo. Por exemplo, o esquema de trajetória consiste em um movimento de uma fonte para um alvo. Em japonês a palavra *hon* é usada para objetos como paus, bastões, lápis, velas, árvores, cordas, cabelo etc.; ou seja, coisas longas e finas. Contudo, esse sentido é estendido e passa a classificar outros itens lexicais da língua:

⁴⁹ “ (...) the semantic function of noun classifiers is to place objects within a set of classes different from and additional to those given by the nouns. These classes are concerned with objects as they enter into human interaction”

- competição de artes marciais, com equipes ou espadas (que são longas, finas e rígidas)
- rebatidas (e às vezes arremessos) no baseball (em trajetórias retas, formadas pelo movimento enérgico de um objeto sólido, associado com taco de beisebol, que é longo, fino e rígido)
- sinais sonoros em baskeball, serve no vôlei, e em competições de ping pong
- partidas de judô (uma competição de artes marciais, mas sem uma equipe ou espada)
- uma disputa entre um mestre Zen e aluno, em que cada uma tenta tocar o outro com koans zen
- de rolos de fita (que desenroladas são longas e finas)
- chamadas telefônicas (que vêm através de fios e que são instâncias da metáfora do conduto, como descrito por Reddy 1979 e Lakoff e Johnson 1980)
- programas de rádio e de TV (como chamadas telefônicas, mas sem os fios)
- letras (outro exemplo de comunicação, além disso, no Japão tradicional, as cartas eram pergaminhos e, portanto, sticklike)
- filmes (como o rádio e a TV, além disso, eles vêm em rolos, como rolos de fita)
- injeções médicas (feito com uma agulha, que é longa e fina) (Tradução Nossa)⁵⁰

Como *hon* reúne as características da categoria à qual pertence, ele é o protótipo de sua categoria, ou um classificador. Mas é importante lembrar que nem todo protótipo é um classificador, mas todo classificador é um protótipo. Neste caso o *hon*, de alguma forma, tem sentido com aquilo que ele classifica; seja pela trajetória da bola de beisebol, voleibol, passando pelos fios de transmissões de rádio ou TV, até as competições com um mestre Zen. Assim, comprova-se que uma transformação de esquemas de imagem motiva a extensão das categorias na língua.

Como o ser humano a todo o momento – por fatores sociais, culturais e físicos – interage com o mundo, é habitual que os esquemas ganhem novas formas ou estendam seus significados, como é o caso da metonímia e da metáfora. O importante é não considerá-los como um mecanismo linear, mas interseccional.

A “lógica básica” de esquemas de imagem é devido a suas configurações de gestos – As estruturas como um todo onde são mais que meras coleções de partes. Sua estrutura básica é uma consequência de sua própria configuração. Este processo de

⁵⁰ -martial arts contest, with staffs or swords (which are long, thin, and rigid)
 -hits (and sometimes pitches) in baseball (straight trajectories, formed by the forceful motion of a solid object, associated with baseball bat, which is long, thin, and rigid)
 -shots in baskeball, serves in volley ball, and rallies in ping pong
 -judo matches (a martial arts contest, but without a staff or sword)
 -a contest between a Zen master and student, in which each attempts to stump the other with Zen koans
 -rolls of tape (which unrolled are long and thin)
 -telephone calls (which come over wires and which are instances of the CONDUIT metaphor as described by Reddy 1979 and Lakoff and Johnson 1980)
 -radio and TV programs (like telephone calls, but without the wires)
 -letters (another instance of communication; moreover, in traditional Japan, letters were scrolls and hence sticklike)
 -movies (like radio and TV; moreover, they come in reels like rolls of tape)
 -medical injections (done with a needle, which is long and thin)

entendimento de imagem é irredutivelmente cognitiva. É um pouco diferente da maneira de entender a estrutura lógica que nós fomos criados, com a lógica formal que crescemos a aprendemos e amamos. Na forma lógica não há configurações tais gestos. O que chamamos de “lógica básica” de um esquema seria representado de forma lógica por postulados (LAKOFF, 1990, p 272)⁵¹

Nesse caso o conceito de categoria surge de um conjunto de aspectos perceptivos, históricos, culturais e antropológicos; e não é taxinomista. Cada língua escolhe, a depender de sua comunidade e de suas interações, a maneira de expressar a sua relação com o mundo. Segundo Lakoff (1990, p. 45):

A Categoria de estruturas desempenha um papel no raciocínio. Em muitos casos o protótipo do ato de referencia cognitiva aponta varias formas de base para interferências (Rosch 1971, a 1981). O estudo da interferência humana é parte do estudo do raciocínio e da estrutura conceitual do homem, estes protótipos usados em realizações de interferências devem ser parte da estrutura.⁵²

O grau de parentesco dos membros de uma categoria é determinado pelo grau de similaridade com o protótipo (LAKOFF, 1990, p. 137), o que reflete a não fixidez das categorias. Vejamos, então, como a relação cíclica entre o esquema, a categoria e o protótipo recaem no sistema de classificadores.

Em 1982, Dixon descreveu o processo de classificação em uma língua aborígena da Austrália chamada Dyirbal. Segundo ele, os objetos são organizados em quatro categorias. Os classificadores são, se podemos assim dizer, os protótipos da classe e devem ser usados antes dos nomes, são eles:

- I. Bayi: homens, cangurus, gambás, morcegos, a maioria das cobras, a maioria dos peixes, algumas aves, a maioria dos insetos, a lua, as tempestades, o arco-íris, bumerangues, algumas lanças, etc
- II. Balan: mulheres, bandicoots, cães, ornitorrinco e equidna, algumas cobras, alguns peixes, a maioria pássaros, vagalumes, grilos, escorpiões, o grub mary peludo, água ou qualquer coisa relacionada fogo, sol e estrelas, escudos, algumas lanças, algumas árvores, etc
- III. Balam: todas as frutas comestíveis e as plantas de sustentação, tubérculos, samambaias, mel, cigarros, vinho, bolo.

⁵¹ The “basic logic” of image schemas is due to their configurations as gestalts – as structures wholes which are more than mere collections of parts. Their basic logic is a consequence of their configurations. This way of understanding image schemas is irreducibly cognitive. It is rather different from the way of understanding logical structure that those of us raised with formal logic have grown to know and love. In formal logic there are no such gestalt configurations. What I have called the “basic logic” of a schema would be represented in formal logic by meaning postulates. (LAKOFF, 1990, p 272)

⁵² Category structure plays a role in reasoning. In many cases, prototype act as *cognitive reference points* of various sorts and form the basis for inferences (Rosch 1975a, 1981). The study of human inference is part of the study of human reasoning and conceptual structure; hence, those prototypes used in making inferences must be part of structure.

IV. Bala: partes do corpo, carne, abelhas, o vento, yamsticks, algumas lanças, a maioria das árvores, grama, lama, pedras, ruídos e linguagem, etc. . (DIXON, 1982 *apud* LAKOFF, 1990, p. 92-93) (Tradução nossa)⁵³

Lakoff (1990), em suas análises sobre o que Dixon disse, fala que no Dyirbal as categorias expressam as funções que cada elemento tem. Elas, então, são arbitrárias e os nativos não têm consciência dos princípios que embasam essa organização.

Contrapondo Dixon, Lakoff explica que as metonímias e as transformações de esquema de imagem podem provar que a motivação se estende para as categorias. Por isso, as transformações de esquema de imagem, imagens mentais convencionais e a metonímia fazem parte da categorização por meio do classificador, que reflete os aspectos vivenciais, imaginativo e ecológica da mente. No Dyirbal o esquema de uma categoria é representado por um classificador, em outras palavras, em um protótipo, que estenderá suas características para os demais membros de seu esquema; as motivações advêm das interações do povo Dyirbal com o ambiente. O fator interação é tão presente nessa organização que os jovens dessa comunidade, ao entrarem em contato com o inglês, o estão recategorizando:

- I. Bayi: machos humanos e não humanos, animais
- II. Balan: fêmeas humanas
- III. Bala: as outras coisas (LAKOFF, 1990, p. 98) (Tradução nossa)⁵⁴

Assim como Lakoff, assumimos que as categorias linguísticas provenientes de classificadores são categorias que fazem parte do aparato cognitivo, que é motivado pela manifestação dos aspectos criativos da mente e não meras palavras. As categorias se interseccionam por meio dos esquemas e ocasionam a mudança dos protótipos. Não se considera a cognição, e também a gramática, como um organismo independente; logo, como

⁵³ I *Bayi*: men, kangaroos, possums, bats, most snakes, most fishes, some birds, most insects, the moon, storms, rainbows, boomerangs, some spears, etc.

II *Balan*: women, bandicoots, dogs, platypus, echidna, some snakes, some fishes, most birds, fireflies, scorpions, crickets, the hairy mary grub, anything connected water or fire, sun and stars, shields, some spears, some trees, etc.

III *Balam*: all edible fruit and the plants that bear them, tubers, ferns, honey, cigarettes, wine, cake.

IV *Bala*: parts of the body, meat, bees, wind, yamsticks, some spears, most trees, grass, mud, stones, noises and language, etc. (DIXON, 1982 *apud* LAKOFF, 1990, p. 92-93)

⁵⁴ I *Bayi*: human males and nonhuman animates

II *Balan*: human females

III *Bala*: everthing else (LAKOFF, 1990, p. 98)

diz Lakoff (1990, p. 182), “ É estranho supor que a linguagem ignore o aparato cognitivo, especialmente quando se trata de algo tão básico como a categorização”⁵⁵. (Tradução nossa)

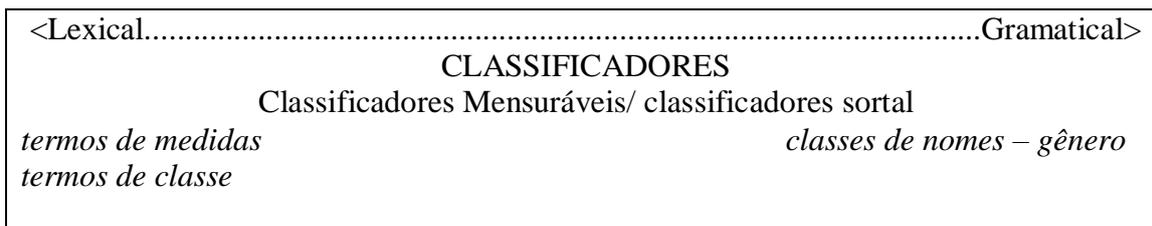
Se o Dyirbal e o japonês são capazes de apresentar uma complexidade em seu sistema de classificação, a Libras têm motivações gestálticas que são nitidamente perceptíveis no sistema linguístico, favorecendo, assim, uma classificação nominal da língua baseada em motivações imagéticas, como veremos no próximo capítulo. Mas antes, vejamos como o sistema de classificação nominal é complexo, sendo os classificadores parte dele. É também com base nisso que voltaremos ao tema ‘classificadores em Libras?’, no capítulo 4.

3.4. O *continuum* de gramaticalização dos classificadores

Os classificadores são o resultado tanto de fatores sociais como semânticos, que se encontram formalizados na língua por meio do processo de gramaticalização. Entrelaçar todos esses pontos é compreender, minimamente, parte do universo de uma comunidade. Segundo Grinevald (2001, p. 1016), os classificadores estão no meio do sistema léxico-gramatical da categorização nominal das línguas. Eles têm sua origem no sistema lexical e podem ter função mais ou menos sintática ou gramatical; esse fator depende da forma como as motivações semânticas e discursivo-pragmáticas, que emergem de vários tipos de interação social, física e funcional do ser humano com o mundo, serão decodificadas pelo sistema linguístico.

Por serem itens lexicais utilizados em construções morfossintáticas, com a finalidade de organizar determinadas categorias lexicais, eles chegam ao final de seu processo de gramaticalização sem materiais morfológicos e sintáticos, princípio da descategorização, desempenhando funções gramaticais distintas de sua origem. Como isso ocorre de forma gradual, Grinevald (2000, p. 61) propõem o seguinte esquema, do sistema de classificação nominal, em que a representação da posição dos classificadores, no *continuum* de gramaticalização, é intermediária:

⁵⁵ “It is bizarre to assume that language ignores general cognitive apparatus, especially when it comes to something as basic as categorization”



Esquema 2: Sistema de classificação nominal⁵⁶

No esquema acima, encontram-se, no lado dos itens mais lexicais, os termos de medidas (*measure terms*) que exprimem a noção de quantidade, medida de massa ou medidas para nomes contáveis. Em muitas línguas, são itens lexicalizados que, por si mesmos, são quantificadores. No português os termos ‘um punhado de (sal)’, ‘um copo d’ (água)’ e ‘uma xícara de (açúcar)’ são exemplos de termos de medidas. Ainda no extremo lexical, os termos de classes (*class terms*) “são morfemas de classificação nominal de origem **nitidamente lexical** [grifo nosso] e que manifestam graus de produtividade no léxico de uma língua” (GRINEVALD 1999, p. 107)⁵⁷ e não devem ser confundidos com processo de derivação. Como exemplo, temos no inglês a classe de termos que designam frutas e tem o morfema -*berry* como agrupador: ‘*strawberry*’, ‘*blueberry*’, ‘*raspberry*’ etc. Também o item lexical *tree*, para designar as árvores como em ‘*Apple tree*’, ‘*banana tree*’, ‘*orange tree*’ entre outros, ou *man* como , ‘*mailman*’, ‘*policeman*’, ‘*garbage man*’.

Ao final do *continuum* de gramaticalização, temos o gênero (*gender*) e a classe de nomes. A noção de gênero nas línguas está vinculada a uma categorização e a uma marca morfológica que distingue, a depender da língua, os nomes em três classes: a masculina, a feminina e a neutra (GRINEVALD, 1999, p. 102). A sua motivação semântica nem sempre está relacionada com o sexo do objeto, como no Tamil, da família linguística Dravidianas (CORBETT 1991 *apud* GRINEVALD 2000, p.56), em que se marca o gênero racional *versus* não-racional, segundo uma hierarquia de castas e de divindades.

O sistema de classe de nomes (*noun classes*) é encontrado em línguas do tronco Níger-congo, mais especificamente na família Bantu. Essas línguas chegam a possuir de doze a vinte classes morfológicas, que combinadas às marcas de singular e plural também carregam a noção de gênero, resultando em uma forma mais ou menos padronizada de concordância, com o sintagma nominal perpassando pelo predicado. É o caso do Sesotho:

⁵⁶ Tradução nossa

⁵⁷ Tradução nossa

(7) Sesotho (DEMUTH, FARACLAS and MARCHESE 1986, 456 *apud* GRINEVALD, 200, p. 57)

<i>m̩-tho</i>	<i>é--m̩-h̩l̩l̩</i>	<i>̩-rata</i>	<i>∅-ntjá</i>	<i>é-ntl̩</i>	<i>eá-ha̩</i>
1	1 1	1	9 9	9	9 1
peessoa	grande	ele/ela-gostar	cachorro	bonito	de- seu

‘O/ A homem / mulher idoso (a) gosta do seu bonito cachorro’

<i>ba-th̩</i>	<i>bá-ba-h̩l̩l̩</i>	<i>ba-rata</i>	<i>li-ntjá</i>	<i>ts̩-ntl̩</i>	<i>tsá-bona</i>
2	2 2	2	10	10	10 2
peessoas	grande	eles-gostar	cachorro	bonito	de-seus

‘As pessoas antigas gostam de seus bonitos cachorros’

Em Sesotho, os nomes, os adjetivos, os verbos e os possessivos recebem marcas que correspondem a uma classe de argumento, os números 1 e 2, respectivamente, são singular e plural para a classe do gênero humano; já 9 e 10 também indicam singular e plural, mas para a classe do gênero animal. A função desse tipo de sistema é o de estabelecer a relação entre o sujeito e o verbo, e entre o nome e seu modificador. Para Grinevald (2000, p. 57):

Elas representam um sistema morfossintaticamente complexo com muitas irregularidades: nem todas as classes têm um marcador de classe aberta, o argumento nem sempre é um sistema de concordância aliterativo com marcadores de classes nominais e, alguns gêneros, parecem uniões compostas arbitrarias dos marcadores de singular e plural, provavelmente como resultado da perda de algumas classes

58

Essa complexidade morfossintática demonstra a necessidade que algumas línguas têm de estender suas marcas nominais, alocando outro item lexical junto ao nome afim de completar seu significado segundo motivações socioculturais e semânticas; exibindo padrões mais ou menos generalizados de concordância no sintagma nominal e no predicado

Na intersecção, os classificadores são caracterizados pelo seu alto grau de motivação semântica, que é produto de fatores sociointeracionais, e a sua clara origem lexical. Apresentam um comportamento morfossintático maleável; pois eles transitam dentro do *continuum*, passando do que é mais lexical, indo em direção ao que é mais gramatical na língua; daí se diz que os classificadores são um sistema léxico-gramatical. E, ao contrário do sistema de classes, não classificam todos os nomes, é um sistema aberto; não se funde com

⁵⁸ “ They represent complex morphosyntactic systems with many irregularities: not all classes have an overt class marker, the agreement is not always an alliterative concord system with markers of agreement resembling markers of classes on nouns, and some genders seem composed of arbitrary matchings of singular and plural markers, probably as a result of the loss of some classes”

outras categorias gramaticais e varia. Por isso, os sistemas de classificadores são heterogêneos, não-hierárquicos e de organização não-taxológica, que variam idiossincraticamente de língua para língua e de cultura para cultura. O grau de complexidade desse sistema é amarrado à sua própria capacidade de classificar qualquer nome, incluindo os abstratos, que expressam a noção de tempo e atividades.

Tendo em vista isso, Dixon (1982b, 1986 *apud* GRINEVALD 2000, p. 62) discute, então, os critérios que auxiliam na distinção dos classificadores das classes de nomes e do sistema de gênero e chega à seguinte generalização:

Sistema de classe de nomes – gênero ⁵⁹	Sistema de classificadores
a) classifica <i>todos</i> os nomes	a) não classifica todos os nomes
b) em pequeno número de classes nominais	b) em maior número de classes
c) um sistema <i>fechado</i>	c) um sistema aberto
d) se funde com outras categorias gramaticais (número, caso)	d) constituinte independente
e) pode marcar o substantivo	e) não se afixa ao nome
f) participa de concordância / não participa do sistema concordância	f) só marca o nome uma vez
g) N atribuídos a uma classe / pode ser atribuído a muitas classes	g) N que possibilitam atribuir várias classes segundo o falante
h) não há variação	h) possível variação
i) não há registro de variação	i) usado formal/ informal

Quadro 5: Gênero vs. Sistema de classificadores (DIXON, 1982b, 1986, *apud* GRINEVALD, 2000, p. 62)

Podemos afirmar, então, que as línguas que fazem uso farto do sistema de classificadores têm a necessidade de colocar em uma categoria os nomes, pois as raízes desses carecem de fatores semânticos que serão encontrados nos classificadores.

Assume-se que os itens classificados por classificadores estão à margem das categorias, pelo fato de seus traços semânticos estarem mais apagados, o que justifica a utilização de nomes prototípicos para implementá-los e colocá-los em uma categoria.

⁵⁹ Tradução nossa

Nesse caso, não se trata nem de um processo de flexão, nem de derivação; mas um processo intermediário, tendo em vista que a distinção entre as duas reside em uma gradação. Aqui os classificadores não são fruto do sistema flexional e nem derivacional de uma língua, como alguns autores têm argumentado em suas análises em língua de sinais; mas um processo morfológico que, combinado às interações sociais, fatores culturais resulta em uma significação cognitiva do mundo e que exerce funções não sintáticas, mas morfossintáticas.

3.5. A tipologia dos classificadores

No que concerne aos tipos de classificadores nas línguas orais, Grinevald (2000, p. 63-68) afirma que há prototipicamente quatro tipos de classificadores: os genitivos, os numerais, os nominais e os verbais

3.5.1. Os **classificadores genitivos** possuem várias designações como atributo (BENTON 1968): genitivo (CARLSON e PAYNE 1989), possessivo (HARRISON 1989) ou relacional (LICHTENBERK 1983); e as diversas nomenclaturas indicam que esse tipo de classificador aparece em construções possessivas. Esses classificadores marcam semanticamente quem é o possuído e, dentre os demais classificadores, eles são os que mais expressam as noções culturais de uma comunidade, de forma que os nomes que levam esse classificador se tornam alienáveis de acordo com a necessidade dos falantes.

(8) Ponapean (REHG, 1981: 184 *apud* GRINEVALD, 2003, p.92)

- | | | | |
|----|---------------|---------------|-----------------------------|
| a. | <i>kene-</i> | <i>mwenge</i> | ‘minha (comestível) comida’ |
| | CL-Gen. 1 | comida | |
| b. | <i>were-i</i> | <i>pwoht</i> | ‘meu (transporte) barco’ |
| | CL-Gen. 1 | barco | |

3.5.2. Os **classificadores numerais** são os mais produtivos em línguas do sudeste e leste asiático. Eles recebem esse rótulo por serem morfemas que têm sentido de quantificação. Podem ocorrer com adjetivos ou demonstrativos. Normalmente, aparecem nas línguas como morfemas livres, presos ou oriundos de um processo de reduplicação.

(9) Chinês (LI e THOMPSON 1981: 105 *apud* GRINEVALD, 1999, p.111)

- a. *san-ge* *ren* ‘Duas pessoas’
 duas-CL pessoa
- b. *nei-tiao* *niu* ‘Essa vaca’
 DEM-CL vaca
- c. *nei-leiu – ben* *shu* ‘Seis livros’
 DEM-seis-CL livros

(10) Japonês (MATSUMOTO, 1993 *apud* GRINEVALD, 1999, p.111)

- a. *enpitsu ni-hon* ‘dois lápis’
 lápis dois-CL
- b. *hon ni-satsu* ‘dois livros’
 livro dois-CL

Esse tipo de classificador é semanticamente proveniente de dois subtipos: o sortal, ou classificadores; e o mensural, ou quantitativo. O sortal categoriza pela forma inerente do referente segundo a sua textura ou material, sendo considerado redundante semanticamente; e remete ao núcleo nominal, que pode ser contável, como em Tzotzil:

(11) Tzotzil (MAYAN; DE LEÓN, 1988: 68 *apud* GRINEVALD, 2000, p. 64)

- j-p’ej* *k’na-al* *alaxa*
 Um-CL(redondo) amarelo-ATTR laranja
 ‘Uma redonda laranja amarela’

Enquanto o mensural diz respeito a medidas, mas não são termos lexicalizados como os termos de medidas, como no português ‘duas sacolas de laranjas’, ‘cinco grupos de três’.

3.5.3. Os **classificadores nominais** podem ser morfemas livres que acompanham os substantivos, ou ocorrem dentro de um sintagma nominal, ou morfemas presos aos substantivos. Sua principal função é a de ser elemento fórico.

(12) Jakaltek (CRAIG, 1986, p.264)

- a. *xil* *naj* *xuwan* *no7* *lab’a*
 ver.PAST CL.homem João CL.animal cobra
 ‘(homem) João viu a (animal) cobra’

- b. *xil* *naj* *no7*
 ver.PAST CL (homem) CL (animal)
 ‘ele (não-parente) viu-o (animal)’

Em Jakaltek, os classificadores *naj* e *no7* (em a) (em c) acompanham os substantivos *xuwan* e *la'a* (em b), respectivamente, dentro do sintagma nominal; e ao classificarem os nomes as quais estão ligados, os classificadores são retornados no discurso com função de pronome anafórico.

Já no Mundurukú do Pará, Gomes (2006) trata os classificadores nominais como Nomes em Função Classificadora, justamente por serem usados também como itens lexicais plenos na língua; além de acumularem a função classificadora com dados itens lexicais, em dadas circunstâncias. Assim, *dup/tup* 'folha' passa a significar, por extensão metafórica, 'foliforme' em *warepupu dup* 'borboleta' (13). Em Mundurukú, também tem função fórica para o autor referido.

(13) Mundurukú do Pará (GOMES, 2006, p.178)

- warepupu dup o'=tup-'at
 borboleta R1.NFC 3S=R2.NFC-cair.PERF
 ‘A borboleta caiu.’

3.5.4. Os **classificadores verbais** ocorrem na estrutura do sintagma verbal. Sua função não é a de classificar o verbo, mas os seus argumentos. Em algumas línguas os classificadores verbais classificam o sujeito nas orações intransitivas e objeto nas transitivas (14).

(14) Eyak (KRAUSS, 1968, p. 195 *apud* GRINEVALD, 2004, p.1023)

- a. *ʔu-d* *də-səthʔ*
 Ela CL.placa-está
 ‘Ela (placa) está lá’
síć *də-gətaʔ*
 para mim CL.placa-dar
 ‘Dê a (placa) para mim’

- b. *ʔu-d x̣x̣ədə-səth*
 Ele CL.log-está
 Ele log está lá
sič̣ x̣ədə-gəta
 para mim CL.log-dar
 ‘Dê (log) para mim’

Há dois subtipos de classificadores verbais: i) os que se originam nos processos de incorporação. Esse, por sua vez, é o processo morfológico que mais se aproxima da sintaxe; pois, “nesta construção, geralmente nos referimos como incorporação nominal (NI), a um radical N que é combinado com um radical V para obtermos um maior número de radicais V”⁶⁰ (MITHUN, 1984, p. 847) (tradução nossa). O nome que é agregado ao verbo normalmente pode ser acompanhado por um sintagma nominal externo mais específico que identifica o argumento implícito do nome incorporado, como em 15.

(15) CAYUGA (MITHUN, 1986, p. 386-388)

- a. *so:wás:s akh-náhskw-aɛ'*
 cachorro Eu-CL: animal doméstico - tenho
 ‘Eu tenho cachorro’

- b. *skitú ake'-treht-áɛ'*
 skidoo Eu-CL: veículo-tenho
 ‘Eu tenho um carro (skidoo)’

E ii) os afixos de classificação verbal, que são mais opacos semanticamente e passaram por um processo de erosão fonológica, chegando a ter uma semântica muito semelhante à dos classificadores numerais, (16).

⁶⁰ “in this construction, generally referred to as noun incorporation (NI), a N stem is compounded with a V stem to yield a larger, derived V stem”

(16) Diegueño (LANGDON, 1970, p. 80, 87; *apud* GRINEVALD, 2004, p. 1023)

- a. *tu-kaʔ* ‘para cortar com tesoura, em pedaços’
CL.redondo-cortar
- b. *tu-mar* ‘para cobrir um objeto pequeno’
CL.redondo-cobrir
- c. *a-kaʔ* ‘para cortar com uma faca’
CL.longo-cortar
- d. *a-mar* ‘para cobri um objeto longo, para enterrar alguém’
CL.longo-cobrir

De acordo com Grinevald, esses são os mais comuns classificadores, mas ela não descarta a possibilidade de haver outros. Para este estudo, ficamos com esses quatro tipos de classificadores nas análises que fizemos em Libras, pois dentre esses há um que a literatura em Libras diz que existe o ‘classificador verbal’. Como aqui a autora nos apresenta toda a metodologia de descrição desse fenômeno e como ele se formaliza nas diferentes línguas, a utilizaremos na análise dos nossos dados.

3.6. Considerações do capítulo

Nesse capítulo, percorremos os critérios necessários para descrição dos classificadores segundo a teoria funcional-tipológica. Vimos que os classificadores estão conectados a aspectos sociais, culturais e cognitivos que são refletidos na semântica e na morfossintaxe da língua. Esse processo ocorre de forma gradual ou contínua, em que percebemos os itens lexicais perdendo sua autonomia para serem afixos e itens mais gramaticalizados, que recategorizarão outros itens lexicais. Os aspectos presentes nessas descrições serão por nós considerados como um conjunto que não pode, e nem deve, ser tomado separadamente; embora tenhamos separado cada um por questões metodológicas. É esse conjunto que servirá para as nossas análises em Libras.

CAPÍTULO 4—CLASSIFICADORES EM LIBRAS?

“-O que é classificador em Libras, Cléo⁶¹?”

Professor Dionei Moreira Gomes

(em reunião de orientação 29 de novembro de 2008)

Neste capítulo, analisaremos os dados que, de acordo com os estudos em Libras, se encontram os classificadores. O suporte teórico foi o que apresentamos no capítulo anterior que nos servirá para descrever esse fenômeno em Libras; além de uma análise sobre a tipologia morfológica. Veremos como os sinais se comportam no *continuum* de gramaticalização, como são formalizados e as suas motivações semânticas e sociais.

Os dados coletados tiveram como motivação vídeos. Esses vídeos escolhidos e colocados aqui são aqueles que apresentam os ditos ‘classificadores’ segundo a literatura corrente.

Para coletar os dados, apresentávamos aos nossos colaboradores esses vídeos motivadores e, em seguida, em grupo, discutia-se sobre o tema. Como parte de nossas análises, contamos com a participação dos nossos colaboradores surdos para nos explicar o uso de algum sinal ou estrutura. As opiniões expressadas pelos surdos foram importantíssimas para que chegássemos às nossas considerações; por isso, em alguns momentos colocamos nas análises a opinião dos colaboradores.

Nos textos sobre línguas de sinais, cada autor estudado por nós apresentava uma forma de glosa, por isso optamos pela forma como são glosadas as línguas orais, agregando as seguintes modificações:

dact.	É usado quando não se tem um sinal, e o colaborador digitaliza a palavra
+	Significa uma composição
O uso de setas	Indica o movimento do sinal.
()	Relembra de quem se está falando

⁶¹Esse é o apelido da pesquisadora.

Dividimos em linhas os quadros. Cada filmagem deu em torno de 5 a 6 mil quadros, por isso só colocaremos dos quadros que analisamos a parte introdutória e a final. Entre as linhas, após as glosas, colocamos as traduções.

4.1. Os itens lexicais e os termos de classes em Libras

O termo ‘classificador’ será tratado aqui como a linguística funcional-tipológica o define: como um item lexical que, em um dado momento no *continuum* de gramaticalização, passa a ser um afixo e que segue fatores semânticos, cognitivos e socioculturais. Adotaremos o proposto por Grinevald (1983, 2000, 2001, 2002, 2003) quanto aos classificadores. Mais adiante, na seção 4.3, proporemos que a unidade mínima de significado em Libras é o sinal e que, tipologicamente, ela é uma língua que apresenta característica predominantemente isolante.

Para realizar nossas análises, partimos de dados recolhidos de duas filmagens. Na primeira filmagem fizemos a seguinte pergunta: “Daqui a mais ou menos 5 anos, qual o seu projeto para o futuro?”. Neste exemplo, a expressão de futuro foi sinalizada no começo da história, embora os verbos na glosa estejam no infinitivo.

(17) “No futuro quando eu casar e já tiver comprado a casa, o carro e tiver meus filhos

17.1)



1.p.sg



decidir



comprar

Eu penso em comprar uma

17.2).



boi

+



casa



plana

fazenda de terreno plano

17.3)



terra



colocar



árvore

colocarei árvores

17.4)



maça

+

coisa
frutas variadas

diferentes

17.5)



colocar



bonito



também

colocarei lá, bem bonito. Também

17.6)



família



visitar



crescer/ brotar

a família visitará. Tudo crescendo bem

17.7)



bem



também



colocar

Também colocarei

17.8)



animal



em primeiro



boi

animais, como, primeiro boi

17.9)



em segundo



cachorro



em terceiro

em segundo um cachorro, terceiro

17.10)



gato



em quarto



ave

gato e aves

De acordo com Ferreira-Brito (1995), a configuração de mão em forma de ‘Y’ do sinal para boi, como no exemplo em 17.2 e 17.8, seria um classificador de X-tipo de objeto. Ela se baseia em premissas de Allan (1977) de que “um classificador é concatenado com um quantificador, demonstrativo ou predicado para formar um elo que não pode ser interrompido por um nome que ele classifica”. (ALLAN, 1977, p. 288). Para Allan, o CI [classificador] tem significado, posto que denota características percebidas ou imputadas da entidade à qual o nome associado se refere. O CI é, pois, um morfema afixado a um item lexical, atribuindo-lhe, assim, a propriedade de pertencer a determinada classe. (FERREIRA-BRITO 1995, p. 102).

Na compreensão de Ferreira-Brito, as configurações de mãos, que são fonemas da língua, seriam classificadores que teriam em si as “características percebidas ou imputadas da entidade”. Todavia, o que percebemos é que, sendo o canal visual o usado na Libras, fica evidente uma motivação imagética na composição dos sinais, pois a forma como cada constituinte fônico é organizado deixa visível a verossimilhança entre o sinal e o objeto o qual ele representa, em muitos casos.

Se as configurações de mão são de caráter fônico, como elas seriam morfemas afixados a um item lexical? Reanalizando, junto aos nossos colaboradores, percebemos que os sinais que foram agrupados por Ferreira-Brito em x-tipo de coisas e segurar x-tipos de objetos, na realidade, são itens lexicais plenos; já que a configuração de mão não está afixada a nenhum item lexical, mas faz parte de um arranjo fonológico.

Como vimos antes, o sinal boi (17.2) é uma unidade formal, oriunda de um conjunto harmônico de fonemas. Como em (17.8), ele se une a outro sinal para compor o sinal fazenda ou chácara.

(17.8)



boi
Fazenda ou chácara

+

casa

Ou

(18)



Boi
Fazenda ou chácara

+

arar

O interessante é que, em Libras, existem três possibilidades para o sinal fazenda/chácara; dois deles por composição, como em (17.8) e (18), e o outro como veremos em (19). É fato que essas três formas coexistem e em nenhum momento houve estranhamento ou falta de compreensão por parte dos colaboradores ao serem indagados pela pesquisadora sobre o uso delas. De acordo com eles, as formas compostas são mais comuns quando os surdos conversam ou ensinam a Libras aos ouvintes; mas “quando o ouvinte já sabe Libras, pelo contexto ele sabe se é fazenda ou boi” (fala de Lucas), por exemplo:

(19) “O que você vai fazer no fim de semana?”



1.p.sg.



Ir

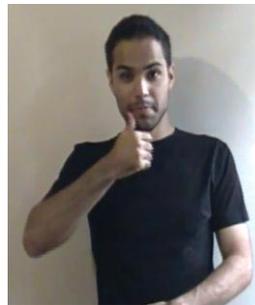


boi

“Eu vou para a fazenda/chácara da



gen.1.p.sg.



mulher



benção

+
minha mãe”

Da mesma forma, encontramos ainda nos nossos dados os sinais abaixo, em que também são considerados pela literatura como classificadores. Os três primeiros como X-tipo de coisa e os dois últimos como segurar X-tipo de objeto, exercendo a função de itens lexicais e não apresentando nenhuma das características semânticas e morfossintáticas típicas dos classificadores.



avião



salto alto



carro



mala



cesto

Passemos agora ao segundo texto. Ele foi extraído de um conversa em que um dos colaboradores estava contando sobre um acidente que havia ocorrido com ele e ocasionou uma torção no pé. Pedimos, então, que ele contasse como tudo aconteceu.

(20) “Acho que no mês passado, eu fui..

20.1)



quadrado



treinar



Judô



entrar

Para a academia de judô, entrei

20.2)



antes



ir



1p. sg



arrumar

antes, fui me arrumar

20.3)



Quimono. dact.
vestir o Quimono, terminado, andei



vestir

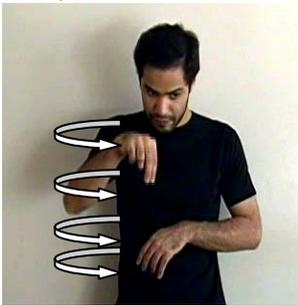


terminar



andar

20.4)



descer



entrar



Professor



idoso

desci e entrei (no tatame), professor de judô⁶²

20.5)



andar



saudar



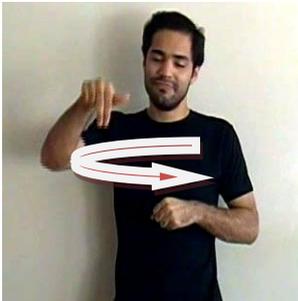
começar



treino

andei e saudei o Sensei, começou, então, o treino

20.6)



correr



pedir



junto



aquecer

a correr, Sensei pediu para que juntos aquecemos

⁶² Sensei

20.7)



treinar

em par
treinamos em pares, por uma hora

tempo



um hora

20.8)



acabar



depois



água



descansar

quando acabou, tomei água e descansei

20.9)



voltar



professor



falar



treinar

voltei e o professor falou que treinasse

20.10)



mais



outra



coisa



1p.sg.

mais outra coisa, eu

20.11)



ok



treinar



aquecer



repetir

Ok, treinei, aqueci várias vezes

20.12)



acabar



voltar



água



descansar

acabei, voltei, bebi água e descansei

20.13)



quatro



cinco



minuto



1p.sg.

mais ou menos uns quatro a cinco minutos

20.14)



voltar



esperar



descansar



falar

voltei, esperei e descansei, falou o

20.15)



professor



competição



treinar



lutar

Professor: competição, treino de luta

20.16)



ir



lutar



precisar



tudo bem

vão, precisam lutar. Tudo bem!

20.17)



em fila



competição



começar



derrubar

Em fila, começou a competição e as derrubadas.

20.18)



treinar



lutar



cair



primeiro

Treinamos lutas, o primeiro caiu

20.19)



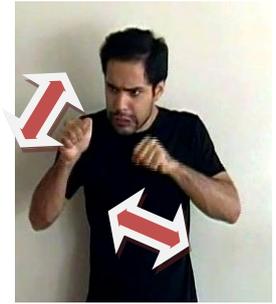
lutar



segundo
lutei com o segundo, terminei de lutar



acabar

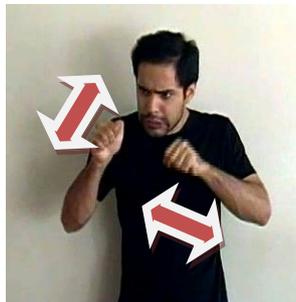


lutar

20.20)



terceiro



lutar

lutei com o terceiro e no quarto eu já estava cansado

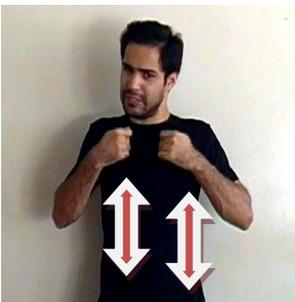


quarto



cansar

20.21)



Precisar

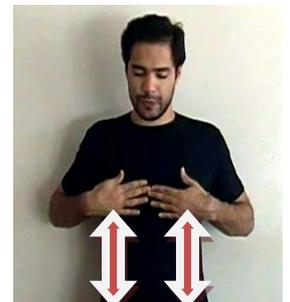


descansar

precisava descansar, sentei no tatame e descansei



sentar (no tatame)



descansar

20.22)



tempo



um

Por um tempo,



esperar

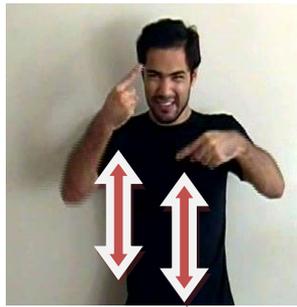


um

20.23)



os outros



competir



continuar



1 p.sg.

os outros continuavam competindo. Eu

20.24)



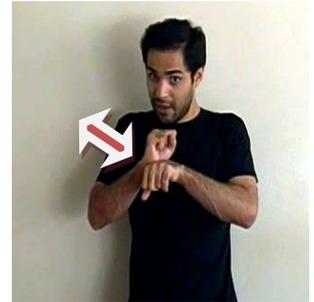
esperar



mais



dois



esperar

Esperarei mais dois minutos,

20.25)



homem



lutar



fazer



nada

o homem que lutava, sem fazer nada!

20.26)



olhar



vir



1 p. sg.



esperar

que homem olhou para mim. Vem! Eu, espera!

20.27)



cansado

(homem) não
Estou cansado. O homem: não, vem. Eu: não

vir



(1p.sg.) não

20.28)



cansado

(homem) pegar
estou cansado. Ele me pegou. Eu: como? Pegou-me

(1p.sg.) como?



pegar.

20.29)

(1p.p.sg.) levantar
Eu ia levantando, quando eu fiquei de pé. Eles que estavam competindo

de pé



3 p.pl.



competir

20.30)



intensamente



lutar



vir



bater.

lutavam intensamente, vieram e bateram

20.31)



cair



dor



pé



dor

Cai, doeu o meu pé, doía

20.32)



esmagar (pé)



(homem) levantar



colocar ombro



ambos andar.

esmagou o meu pé, ele me levantou, colocou nos ombros e andamos

20.33)



ambos sentar



homem



pegar



gelo dact.

Sentamos. O homem pegou gelo e

20.34)

colocar em pé
Colocou no meu pé

Em 20.1, o sinal de “quadrado” aparece associado com outros sinais, designando academia, ou tatame de judô. Segundo a literatura em língua de sinais, esse sinal é considerado como classificador descritivo ou SASS, cuja função é descrever um objeto ou, em alguns casos, é usado quando não há um sinal específico para aquilo que se quer dizer. É comum encontrarmos na literatura em línguas de sinais a ideia de descrição relacionada com o classificador, o fato de descrever algo não significa tratar-se de um processo de classificação.

De acordo com a literatura funcional, mais especificamente a perspectiva de Grinevald (1983, 2000, 2001, 2002, 2003), os classificadores não ficam restritos a uma função descritiva, mas têm uma função morfossintática e uma recategorização de itens lexicais.

20.1)



Quadrado



treinar

+



Judô

Sala de treino ou Tatame

21)



Quadrado



cozinhar

Cozinha

Percebemos em 20.1 e 21 que o sinal ‘quadro’ parece estar compondo os sinais Tatame ou Cozinha; contudo, diferentemente dos sinais que apresentamos nos dados anteriores, esse sinal se comporta como **termo de classe**, pois ele se apresenta preso a uma

forma livre, sendo um morfema “de classificação nominal de origem nitidamente lexical e que manifesta [alto] graus de produtividade no léxico de uma língua” (GRINEVALD, 1999, p.107). Os termos que esse morfema agrupa designam tudo o que é ‘quadrado’, como os sinais para ‘quarto, sala de aula, sala de estar, etc.’. Há quem possa pensar que, na realidade, estaríamos diante de um classificador; entretanto, a diferença principal entre um termo de classe e um classificador é que esse tem características morfossintáticas, enquanto aquele não; sendo de natureza mais lexical e implicando composição e/ ou sintagmas nominais.

Da mesma forma, encontramos os sinais de animais – como zebra, tigre e onça – e roupas – como roupa listrada ou com bolinhas –, como nos exemplos abaixo. Para os sinais ‘tigre’, ‘onça’ (22 e 23), primeiro vem o sinal ‘leão’ e em seguida o sinal ‘listra’ e ‘bolinha’, respectivamente; no sinal ‘zebra’ primeiro temos o sinal ‘cavalo’ com ‘listra’ (24). O mesmo ocorre para dizermos ‘blusa listrada’ (25) ou ‘de bolinhas’ (26). Dois fatos interessantes percebemos nesses dados: o primeiro diz respeito à colocação dos morfemas dos termos de classes em Libras. Nos exemplos 20.1 e 21 eles estão antes do sinal; enquanto em 22, 23, 25 e 26 eles estão depois. Essa maleabilidade em Libras da ordem dos sinais ainda precisa ser pesquisada, mas até agora a explicação que encontramos é que para os surdos “é pelo contexto que compreendemos a frase” (surdos Lucas e Arthur).

O segundo é que o sinal ‘leão’, dentre os sinais para animais, virou um protótipo para a categoria de animal. Quando composto com os sinais listra e bolinha, formará ‘tigre’ e ‘onça’, respectivamente. O mesmo ocorre com o sinal para fruta que é composto dos sinais ‘maçã’ e ‘coisa’, como vimos em 17.4. Nesses dois casos, a composição é feita por um sinal prototípico. Esses sinais reúnem os principais aspectos de suas categorias.

(22)



leão

+



listras

Tigre

(23)



leão

+



bolinhas

onça

(24)



cavalo

+



listras

zebra

(25)



blusa



listras

Blusa listrada ou blusa de listras

(26)



blusa



bolinhas

Blusa de bolinhas

Concluimos, portanto, que temos aí termos de classe e não classificadores; pois são itens lexicais que agrupam os demais substantivos em classes que, além de serem altamente produtivos na língua, fazem parte do sistema fechado da língua.

Como já apontado por Felipe (2002), seguindo a tipologia de Suppalla (1986), os Especificadores de tamanho e forma traçados (SASS), classificadores de corpo e parte do corpo e os de instrumento não se configuram como classificadores; além desses, incluímos os ‘classificadores de textura’, porém a justificativa de Felipe é que esses se encontram no nível semântico e não morfossintático. Em parte, a afirmação da autora é apropriada ao não considerá-los como classificadores. Contudo, o critério por ela apresentado, centrado apenas no caráter morfossintático em detrimento do semântico, é insuficiente. Como a literatura nos mostra, para se ter um classificador, na realidade, os aspectos semânticos, cognitivos e socioculturais devem ser levados em conta.

Analisando, então, os dados dentro do *continuum* de gramaticalização proposto por Lehmann (1985), temos que, no eixo paradigmático, não há perda de integridade fonológica e nem dessemantização: os sinais ‘boi’, ‘quadrado’, ‘listra’ e ‘bolinha’ não têm perda fonológica e nem semântica. No eixo sintagmático, os sinais de ‘quadrado’, ‘listra’ e ‘bolinha’ modificam outros sinais e têm certo grau de morfologização; enquanto o sinal de ‘boi’ não apresenta essas mesmas características. Verificando essas características dentro do esquema 2 (página 79) de Grinevald (2000, p. 61)⁶³, perceberemos que esses se encontram mais à esquerda:

⁶³ Tradução nossa

<Lexical.....gramatical>

CLASSIFICADORES

Classificadores Mensuráveis/ classificadores sortal

termos de medidas

classes de nomes – gênero

termos de classe

Logo, propomos que esses sinais são termos de classe e não classificadores. Desse modo, não negamos a existência de classificação nominal em Libras, mas não a entendemos como centrada em classificadores.

Por fim, mas não menos importante, enquanto aos classificadores se associam a funções socioculturais – como estratificação social, ou as interações religiosas de uma comunidade (como vimos na seção 3.2) – os denominados ‘classificadores’, que nos foram apresentados na literatura sobre Libras, em nenhum momento se relacionam com comportamentos socioculturais. Como os dados coletados e analisados não apresentaram esse tipo de comportamento, não podemos constatar que esses sinais de fato são classificadores.

4.2. Os Ideoqueremas em Libras versus os predicados complexos

Os dados a seguir foram coletados da seguinte forma: pedimos aos colaboradores que assistissem ao filme “The Pear” e depois contassem a história que viram. A seguir, apresentamos o filme em Libras:

27) The Pear film

27.1)



homem



trabalhar



árvore



colher

O homem trabalhava colhendo da árvore

27.2)



homem



trabalhar



subir em árvore



pegar

O homem que estava trabalhando subia na árvore e pegava

27.3)



colocar (avental)



pegar



colocar



descer

Colocava no avental, colhia e colocava no avental. Ele estava descendo

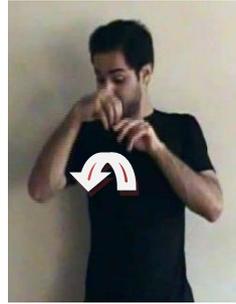
27.4)



fruta



pêra dact.



cair



um

Quando uma pera caiu

27.5)



tirar (as peras)



colocar



cesto



ver

Ele tirava as peras e colocava-as no cesto, quando viu a que tinha caído

27.6)



lenço



vermelho



tirar



pegar (fruta)

Tirou o lenço vermelho do pescoço e pegou a fruta

27.7)



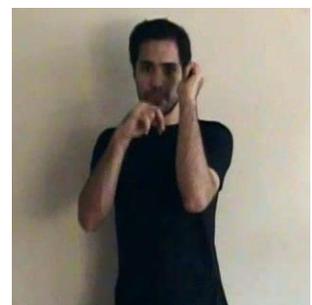
limpar



colocar (no cesto)



amarrar



subir (na árvore)

Limpou-a e colocou-a no cesto, amarrôu o lenço no pescoço e subiu na árvore

27.8)



colher



tirar do avental



homem



outro

Colhia e coloca no avental, outro homem

27.9)



homem



burro



3 p.sg.(burro)



puxar

Puxava um burro⁶⁴

27.10)



andar



lá



árvore



(homem) trabalhar

Ele estava andando e lá em cima na árvore o homem continuava trabalhando

27.11)



colocar (pera)



continuar



andar



puxar (burro)

Colocando as pernas. O homem andava puxando o burro

⁶⁴ Alguns dos nossos colaboradores disseram que o animal era um burro, um boi, uma cabra ou simplesmente animal.

27.12)



puxar



ir



outro

Puxou e foram.

27.13)



homem

+



criança



bicicleta



vir

Outro, um menino veio de bicicleta

27.14)



deitar (bicicleta)



olhar



lá



homem

Deitou-a e olhou para cima onde

27.15)



trabalhar



lá



(menino) ver



pegar (cesto)

O homem trabalha lá. O menino viu e pegou o cesto

27.16)



colocar. (bicicleta)

levantar

bicicleta

ir

Coloco-o na bicicleta levantou-a e foi pedalando

27.17)



Pedalar

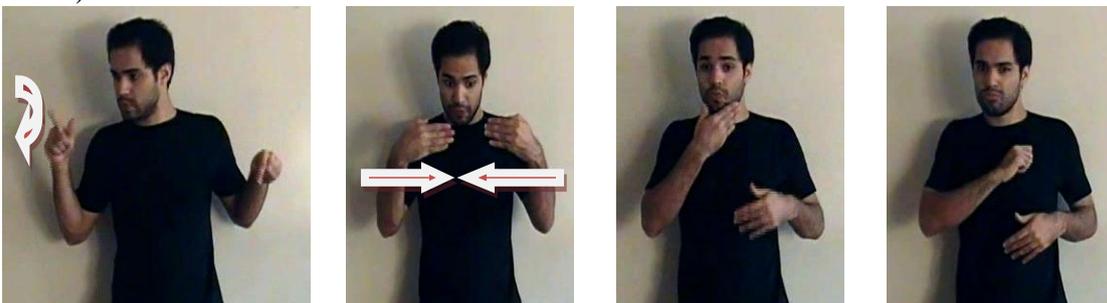
homem

pedalar

3.p.sg

Outro homem⁶⁵ pedalando também (ele)

27.18)



outro (pessoa)

passou

homem (outro)

malvado

(o outro homem) passou pelo menino. Esse homem era malvado

27.19)



Pegar

Chapéu (menino)

bicicleta

bater

Pegou o chapéu do menino. A bicicleta bateu

⁶⁵ Nessa cena os colaboradores disseram que era um homem que vinha pedalando, só um disse que era uma menina.

27.20)



pedra



bater



cair



fruta

Na pedra e caiu, as frutas

27.21)



espalhar



(menino) cair



machucar



dor

Se espalharam. O menino caiu e se machucou, doía muito

27.22)



conjunto



três



homem

+



criança

Um grupo de três meninos

27.23)



andar



ver



3.p.pl.



ajudar

Andaram e viram, eles ajudaram (o outro menino)

27.24)



pegar



acabar



cesto



dar

Eles pegaram as frutas quanto terminaram, deram o cesto para o menino

27.25)



homem



3.p.sg.



agradecer



pegar (cesto)

O menino agradece-os e pegou

27.26)



levantar (bicicleta)



homem



conjunto



três



ir



ver



chapéu



pegar

Iam e viram o chapéu, pegaram-no

27.28)



ao encontro de



entregar



colocar chapéu



receber

E foram ao encontro do menino e entregaram a ele o chapéu. O menino recebeu e colocou-o na cabeça

27.29)



pegar



fruta



três



dar

O menino pegou e deu para cada um dos três menino uma frutas

27.30)



3 p.pl. receber



3 p. pl. agradecer

chapéu⁶⁶

bicicleta

Eles receberam e agradeceram. O menino pegou o chapéu e a bicicleta

27.31)



andar



3 p.pl



três (meninos)



ir

E andou. Eles, os três meninos foram

⁶⁶ Constantemente em Libras o narrador assume o papel dos personagens

27.32)



homem



trabalhar



árvore



colocar

O homem que trabalhava na árvore colhendo

27.33)



descer



colocar (cesto)



homem



ver

Desceu e colocou no cesto as frutas, o homem viu

27.34)



três (cestos)



interjeição/ hã?



duas



homem

Três cestos, agora dois? O homem

27.35)



ver



homem



três



comer

Viu os três homens comendo

Na literatura em Libras, assim como nas demais línguas de sinais, encontramos os chamados classificadores verbais, ou predicados complexos⁶⁷ ou verbos manuais⁶⁸. De acordo com Quadros & Karnopp (2007, p. 205):

Assim como mencionado por Lillo-Martin, esse tipo de construção parece romper com todas as regras na língua de sinais em todos os níveis de análise (sintático, morfológico e fonológico), uma vez que apresenta um comportamento completamente incomum, considerando as análises clássicas de um item lexical.

Na visão de Veloso (2008), os classificadores verbais só ocorrem com verbo de concordância, além de classificar os próprios verbos. Já em Faria-Nascimento (2009), temos que os classificadores verbais podem se realizar sozinhos ou junto com classificadores nominais. Os classificadores “agregam ao verbo: sintagmas nominais adjetivos, na posição de SUJEITO ou de OBJETO, de INSTRUMENTO, de LOCATIVO; Adjuntos adverbiais de MODO; adjuntos adverbiais consecutivos e marcação de ASPECTO”. (FARIA-NASCIMENTO, 2009. p. 122).

Segundo a literatura, os classificadores em Libras são complexos por terem a capacidade de incorporarem seus complementos e classificar os verbos, ao mesmo tempo em que desestruturam os níveis sintáticos, morfológicos e fonológicos da Libras.

Dentro das explicações dos estudos em Libras, temos dois fenômenos associados: o primeiro é o conceito de classificador verbal, algo que classifica os verbos; e o segundo incorporação, o ato de absorver os complementos verbais. Vejamos, então, os sinais que são considerados pelas autoras como ‘classificadores verbais’.

27.2)



subir em árvore

⁶⁷ Termo usado por Liddell (1980).

⁶⁸ Termo usado por Quadros & Karnopp (2007).

27.5)



descer

27.11)



andar



puxar (burro)

27.13



bicicleta



vir

27.16

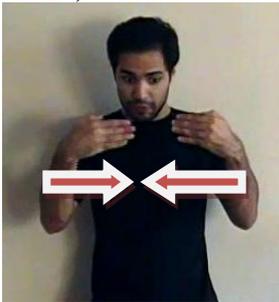


bicicleta



ir

27.18)



passou

27.28)



ao encontro de

Para Grinevald (2004, p. 1021), o classificador verbal consiste na união do verbo com o nome, contudo esse nome fará referências semânticas ao sujeito, no caso dos verbos intransitivos, ou ao objeto, nos verbos transitivos; por isso a sua principal função é ser um termo fórico. Não é função desse tipo de classificador classificar os verbos, como alega a literatura. Para dizermos, então, o que esses sinais estão classificando, é necessária uma análise da transitividade dos verbos e dos alinhamentos sintáticos em Libras, o que ainda não temos descrito.

No sinal em 27.2, temos uma mão que corresponde ao sinal ‘árvore’ e a outra ‘imita⁶⁹’ as pernas de uma pessoa subindo na árvore, enquanto em 27.5 a pessoa já desceu da árvore. Um enunciado muito comum dos nossos colaboradores é o seguinte “os surdos **veem, sentem e percebem** o que **veem** e **transformam em sinais**” [grifo nosso]. Em outras palavras, os sinais são motivações imagéticas do que é visto pelos surdos; essas motivações, que os surdos chamam de ‘percepção’, são decorrentes da interação dos falantes surdos com o mundo a fim de expressar em sinais suas experiências.

27.2)



subir em árvore

27.5)



descer

Anteriormente, na narrativa os surdos sinalizaram ‘homem’ e ‘árvore’. Em seguida, ‘subir’ e ‘descer’, na tradução para o português temos ‘o homem subiu’ e ‘o homem desceu’;

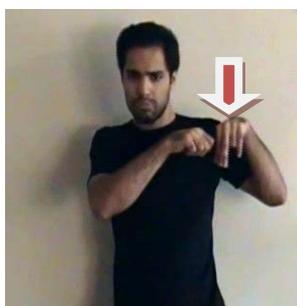
⁶⁹ O termo usado tem o sentido de que o sinal é a reprodução fielmente do que é visto.

mas para os surdos é ‘subir’ e ‘descer’. O fato das mãos representarem o homem não quer dizer que o estão classificando, pois em 27.11 temos as mesmas configurações de mão, mas usos distintos: uma representa o homem que está puxando o animal enquanto a outra representa o ‘burro’. Dando voz de novo aos colaboradores, eles nos disseram que como foi sinalizado antes ‘burro ou cabra ou animal’, pode-se usar a estrutura de 27.11, uma vez que o contexto permite a interpretação de que ‘o homem puxava o burro’. Nesse caso ele não classifica nem o sinal para homem e nem para o de ‘burro’. Em 27.28 temos um exemplo em que essa configuração de mão representa duas pessoas.

27.11)



andar



puxar (burro)

O mesmo encontramos nos exemplos abaixo. De acordo com a literatura a configuração de mão no sinal ‘vir’ e ‘ir’ se refere ao sinal de bicicleta e por isso seria um classificador; já que o surdo, ao sinalizar como em 27.18, diz que duas bicicletas passaram uma pela outra.

27.13



bicicleta



vir

27.16

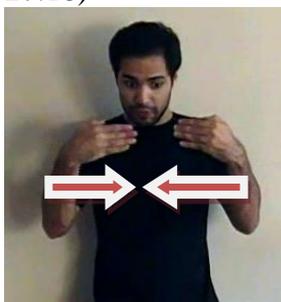


Bicicleta



ir

27.18)



passou

Porém, nas filmagens obtivemos a seguinte construção:



Bicicleta



passou



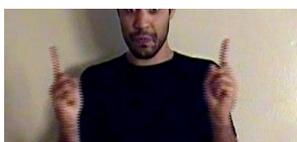
tirou (chapéu)

Tal construção seria, segundo autores, indevida; já que a configuração de mão aqui representada diz respeito a ‘classificador’ de pessoa e não de objeto, no caso bicicleta. Contudo, como no exemplo 27.11, essa estrutura é possível por conta do termo bicicleta, que

foi sinalizado anteriormente. Para os surdos os sinais



ou



se equivalem e fica por conta do contexto dizer o que está se entrecruzando.

Configurados como verbos plenos em Libras, os sinais de ‘subir’, ‘descer’, ‘cair’ entre outros, que têm uma motivação icônica muito expressiva e se traduzem como verbos, na realidade se assemelham com ideofones que, em línguas orais, são utilizados nas narrativas enfatizando as ações na história; sendo usados em lugar de verbos.

Os estudos em línguas orais apontam uma complexidade ao se definir os ideofones. Voeltz e Kilian-Hatz, citando Dorke (1935: 118), (2001 *apud* BODOMO, 2008, p.2), consideram que os ideofones são “Uma representação de uma ideia em som. Uma palavra, geralmente onomatopaica, que descreve um predicado, qualificativo ou advérbio com respeito à maneira, cor, som, cheiro, ação, estado ou intensidade” (Tradução de FERREIRA, 2011, p. 405)⁷⁰. Enquanto para Crystal (2008 p.235)

Termo utilizado às vezes pela linguística e a fonética, de qualquer representação (ideofônica) vivida de uma em som, como é o caso das onomatopeias. Em Bantu, é o nome de uma determinada classe de palavra que contém sons simbólicos das palavras, muitas vezes acompanhadas por efeitos extralinguísticos (ou ‘miméticos’) como, assobios ou bate de palmas⁷¹

De acordo com Crofts (1984, p. 1), “Há um grupo de fenômenos fonéticos extra-sistêmicos que se encontra somente nesta classe de palavras [Ideofones]. Há outros tipos de palavras que apresentam estes fenômenos, mas são poucos; em geral, estes fenômenos são característicos dos ideófonos.”. Embora sejam de natureza fonética e onomatopaica, eles desempenham as mesmas funções que os verbos, por exemplo, em Mundurukú há três tipos de verbos com esse fenômeno (CROFTS 1984, p. 3):

- (28) Em que o ideofone é o radical do verbo expressado: ka³bi²a³ ‘amanheceu’ do verbo intransitivo -ka³bi²a²
- (29) Os que compõem o radical do verbo com alguma alteração fonética: a³daaaah¹ que vem do verbo -a²da³ ‘ficar melhor’
- (30) E os que não têm semelhança com o radical do verbo: bak⁴ para -at² ‘cair’

Da intersecção dessas definições podemos conceituar que os ideofones nas línguas são um arranjo fonético que se origina das interações e percepções dos falantes como o seu ambiente. Cada comunidade faz uso deles segundo as suas necessidades discursivas e enunciativas. O objetivo desse tipo de verbo é trazer para o sistema linguístico o resultado das motivações sofridas pelos falantes, já que o intuito é o de aproximar os dois elementos

⁷⁰ “ a vivid representation of an idea in sound. A word, often onomatopoeic, which describes a predicate, qualificative or adverb. In respect to manner, colour, sound, smell, action, state or intensity”

⁷¹ “ A term sometimes used in linguistics and phonetics for any vivid (ideophonic) representation of an idea in sound, such as occurs through onomatopoeia. In Bantu linguistics, it is the name of a particular word-class containing sound-symbolic words, often accompanied by such extralinguistic (or ‘mimetic’) effects as whistles or clapping”.

constitutivos do signo linguístico; é um nítido estreitamento entre o significado e o significante.

Em Mundurukú, os ideofones são verbos que, ao serem utilizados pelo narrador, transformam a narrativa em algo mais verossimilhante e conseqüentemente mais real. Esta pesquisa considera que, em Libras, os ideoverbos⁷² também são verbos refletidos em sinais que surgem de características imagéticas do mundo. Todo o conjunto fônico forma um sinal que se traduz em uma ação verbal, tanto os ideofones em língua orais como em Libras são fruto da iconicidade.

20.21



sitar (no tatame)

20.29



(1p.p.sg.)levantar



de pé

⁷² Uma analogia a Ideofone

20.30



vir
27.2



bater.



subir em árvore

27.3



descer

27.13



bicicleta

27.14



deitar (bicicleta)

Por fim, como apresentamos antes, se diz que os ‘classificadores verbais’ desarticulam os níveis sintáticos, morfológicos e fonológicos e incorporam os seus complementos; todavia, em nenhum momento observamos na literatura funcional-tipológica esse tipo de comportamento por parte dos classificadores verbais.

O conceito apresentado de incorporação de elementos, ou supressão, talvez decorra de uma compreensão parcial do fenômeno. De acordo com Mithun (1984, p. 847) “Dos processos morfológicos, a incorporação nominal é, **talvez**, o mais **próximo** da **sintaxe**” (Tradução nossa)⁷³ [grifo nosso]; ela é caracterizada como um processo morfológico em que a raiz do nome é combinada com a raiz do verbo, derivando, assim, um verbo.

Para a autora, por se tratar de um fenômeno morfológico, ele se apresenta de quatro tipos distintos, mas correlacionados hierarquicamente. São eles: (i) composição lexical, processo de derivação e composição de novos itens lexicais; (ii) manipulação de caso, esse reduz a valência do verbo; (iii) manipulação das estruturas discursivas, assim se sabe se as informações são reais ou acidentais, nesse caso os falantes criam novos itens lexicais segundo necessidades pragmáticas; e (iv) incorporação nominal com classificador, em que o nome é usado para retomar informações antigas do discurso. Vejamos, então, os processos de incorporação iv que se assemelham ao que os autores em línguas de sinais chamam de incorporação dos elementos.

Para Mithun (1984), a incorporação com classificador é aquela em que a raiz do nome é incorporada e restringida ao escopo do verbo, mas o componente da raiz pode ser acompanhado por um NP (sintagma nominal) externo mais específico, que identifica o argumento implícito do nome incorporado.

⁷³ “noun incorporation is **perhaps** the most **nearly syntactic** of all morphological processes”

Em Mohawk, os nomes genéricos podem ser incorporados para qualificar o verbo e o sintagma nominal externo, mais específico, identifica os pacientes. No texto abaixo o tema é ‘bullhead’, argumento externo ‘rabahbót’ que é acompanhado pelo classificador –itsy. No decorrer da história, sempre que o narrador se refere ao peixe bullhead, ele o faz usando o classificador, por esse ser mais específico.

31) Mohawk, Língua do noroeste de Quebec, Ontário, New York, Wisconsin e Oklahoma (MITHUM, 1984, p.870)

a. Tohka niyohserá:ke tsi nahe' sha'té:ku
 vários apenas.o.ano.número apenas o.ir oito
 nikú:ti rabahbót wahu-tsy-ahní:nu ki rake'níha
 de.lhes bullhead ele-peixe-comprar esse meu.pai
 Há vários anos, meu pai comprou oito bullheads⁷⁴

b. Saháhkete' kí:kv rakenuhá:'a
 voltar.ele.retornar este meu.tio
 s-a-h-vtsy-ahsheruny- à:na-'. Yusà :rawe
 voltar-PAST-ele-peixe-tratar-ir.para-PUNC voltar-ele-chegar
 ki' óksa'k wa-h-vtsy-ahserú:ni tanu
 apenas rápido PAST-ele-peixe-tratar(PUNC) e
 wa-h-vtsy-akeri:tahw-e. Tsi n-a-hó-tsy-ari-hs-e
 PAST-ele-peixe-fritar-PUNC tão tão-PAST-lhe-peixe-fritar-acabar-PUNC
 ki' kí:kv wahv:ru, "Tho yukyatv:ro
 apenas este ele.falar lá nós.dois.amigos.ser
 rinu-tsy-anut-ÿ-:ra.
 Eu/dele-peixe-alimentar-por-ir.para
 “Meu tio voltou para limpá-los (os peixes) Em casa, ele limpou e fritou-os
 (os peixes), e quando eles (os peixes) estavam prontos, ele decidiu levá-los (os peixes)
 para o seu amigo como um tesouro especial”

De acordo com Mithun (1984), os processos de incorporação nominal, em que o nome e o verbo criam um novo item lexical, são constantemente confundidos e relacionados a algum fenômeno sintático; contudo, esse processo não visa formar novas estruturas sintáticas, mas novos itens lexicais, em que o verbo passa por uma reconfiguração da sua transitividade; resultando em uma mudança do alinhamento sintático. A principal característica da incorporação nominal é que ela serve para propósitos discursivos. Como a própria autora nos argumenta, quando um falante faz uso de recurso morfológico ele o faz com alguma finalidade.

⁷⁴ Espécie de peixe ou peixe gato.

Incorporar, segundo a literatura, não tem relação necessária com supressão dos argumentos verbais ou a desarticulação da língua, mas uma sequência mórfica com finalidade discursiva. Em Libras, em contrapartida, alguns verbos têm características mais imagéticas, eles demonstram a ação *ipsis litteris*, assim como nas línguas orais com os sons onomatopaicos. Aqui também os estudos em Libras argumentam que seria uma descrição, em alguns casos, pela falta de um verbo tem-se que descrever uma ação e outros, por conta de sua iconicidade, são denominados de verbos classificadores.

20.3)



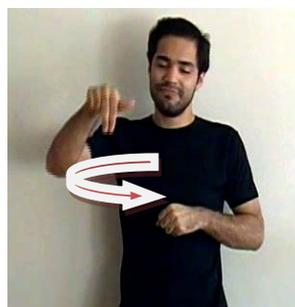
andar

20.4)



descer

20.6)



correr

Nos exemplos apresentados pela literatura, como os acima, não notamos em Libras a formação de novos itens lexicais, mas a representação da própria ação verbal decorrente da motivação visual da língua. Se os sinais, como em 20.4 20.6, são traduzidos em ‘descer a escada’ e ‘correr em círculo’, respectivamente, não significa dizer que estamos diante de um processo de incorporação; porém, estamos diante de uma motivação visual própria da língua.

4.3. Esboçando uma tipologia morfológica para Libras

No capítulo 3, vimos como são os estudos da tipologia morfológica. Embora seja um esboço, o que faremos aqui é importante para tratarmos desse assunto; visto que, com uma noção da tipologia morfológica da Libras, poderemos ter uma melhor clareza sobre as conclusões sobre o sistema de classificação nominal nessa língua.

Segundo a tipologia morfológica, temos quatro tipos de línguas: as línguas isolantes, aglutinantes, fusionais (flexionais) e polissintéticas. Esses agrupamentos organizam as línguas de acordo com características morfológicas semelhantes, mas sem deixar de lado a diversidade presente nelas. Aqui, vamos esboçar um quadro tipológico sobre a morfologia em Libras; é claro que esse tipo de estudo carece de mais análise, mas o que apresentaremos neste trabalho são resultados percebidos e discutidos no decorrer das nossas análises sobre os dados coletados. Para se chegar a uma descrição sobre o uso de classificadores em uma língua, é necessário um conhecimento morfológico dela. Em Libras tivemos que fazer o mesmo, para compreender como esse fenômeno se dá.

No caso da Libras, não encontramos um estudo focado só na morfologia, mas pequenas análises sobre esse assunto, como em Ferreira-Brito (1995), Felipe (2002), Quadros & Karnopp (2007) que demonstramos no capítulo 2. Encontramos frequentemente a afirmação de que Libras é uma língua em que há flexão, ou como em Felipe (2006), uma língua aglutinante; muito embora não se discutam claramente os parâmetros usados para se chegar a essas classificações. Além disso, não fica claro se estaríamos diante de uma tipologia morfológica efetivamente. A seguir, alguns excertos sobre esse assunto:

_____hs
 (39) a. NEGtenso aAJUDAR1 IX1
 fn
 ‘Ninguém me ajuda.’

_____hs
 b. * NEGtenso CONHECER IX1
 fnAparentemente, NEGtenso corresponde a um determinante. Uma possível explicação para a assimetria apresentada em (39) seria assumir que o determinante acompanha uma categoria vazia na posição de sujeito em (39a) e que esta categoria vazia pode ser licenciada pela **flexão** do verbo. (ARROTÉIA 2005, p.58) [grifos nossos]

Os verbos com concordância na língua de sinais brasileira **flexionam** em pessoa e número, podendo também apresentar a **flexão** de aspecto. [...]

Na língua de sinais brasileira, além dos verbos que marcam a concordância, há uma classe de verbos que não se **flexionam** em pessoa e número e não incorporam afixos locativos. Alguns desses verbos apresentam **flexão** de aspecto. (LOPES & QUADROS 2005, 92-93) [grifos nossos]

Portanto, em relação aos seus processos de formação de palavra, a Libras é uma língua **flexional**, embora tenha também características de **língua aglutinante**, que podem ser percebidas a partir da formação de sinais pelos processos de composição e incorporação. (FELIPE 2006, p. 199)[grifos nossos]

Por outro lado, os verbos com concordância são os que **flexionam** em pessoa, número e aspecto. (QUADROS E KARNOPP 2007, p. 201)

Nessas citações, ao que nos parece, os argumentos usados para dizer que Libras é uma língua flexional estão baseados na ausência ou presença de argumentos internos, externos e concordância com os verbos. Aqui analisaremos o gênero, a pessoa e número em Libras, normalmente chamados de flexão.

Nos nossos dados, percebemos que o sinal é um item lexical constituído por cinco elementos, denominados de parâmetros pela literatura, a saber: Configuração de Mão, Ponto de Articulação ou Localização, Movimento, Orientação da(s) Mão(s) e Expressões Faciais. Como já vimos, alguns autores os dividem em primeiro e segundo parâmetros, mas aqui não discutiremos isso; sabemos que em alguns sinais encontramos as expressões faciais e a orientação de mãos e em outros não.

Cada sinal corresponde a uma forma livre, são formas livres aquelas que “(...) constituem uma seqüência que pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente” (BLOOMFIELD, 1933, p. 33 *apud* CAMARA, 1976, p.59). Em Libras, se sinalizarmos “O que é isso? (apontando para um animal)”, “Você vai para onde?” e “Eu esqueci o sinal, qual o sinal daquilo? (apontando para uma árvore); teremos como resposta as seguintes formas livres, aqui denominadas de ‘sinais’:

(32)

“O que é isso? (apontando para um animal)”

“Você vai para onde?”

“Eu esqueci o sinal, qual o sinal daquilo? (apontando para uma árvore)”



Boi



Casa



Árvore

Os sinais, então, são as unidades formais da Libras e essas podem se combinar para formar novas unidades, por exemplo, os sinais de ‘boi e arar’ juntos formam o sinal ‘fazenda’. O mesmo ocorre com os sinais ‘mulher e benção’, que formam o sinal ‘mãe’:

(33)



(34)



Já as marcas de gênero masculino e feminino dizem respeito ao sexo do que está sendo enunciado; ou seja, só pode levar essa marca seres humanos, pois em Libras os sinais como casa, árvore, mesa, cadeira, animais entre outros não são especificados para gênero. O mesmo também ocorre com os sinais como criança e filho⁷⁵; mas, quando usados os sinais de gênero masculino e feminino antes deles, passam a ser menino, menina e filho, filha.

⁷⁵ Não usaremos nesta dissertação o símbolo @ para representar os sinais de gênero neutro, visto que esse símbolo não é usado em descrições linguísticas com línguas orais, indo de encontro com as regras de notações científicas. Na tradução da Libras para o português, as palavras que não são marcadas com o gênero ficam no masculino.

(35)



Homem

+



Criança
Menino

(36)



Mulher

+



Criança
Menina

(37)



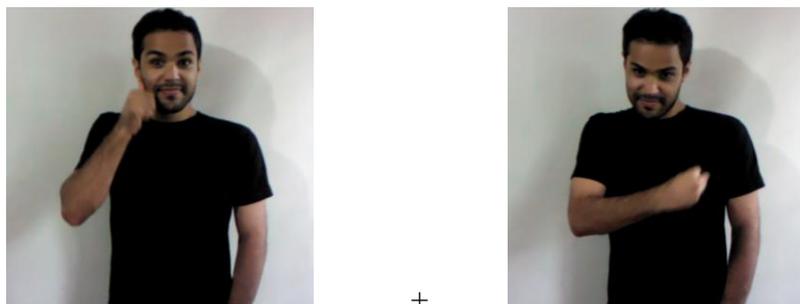
Homem

+



Filho
filho

(38)



Mulher

Filha

filho

Já a indicação de singular e plural pode, a depender do que está sendo sinalizado, ter duas formas: (i) há se tem um sinal para o plural, que pode ser um numeral ou um sinal que indique quantidade como:

(39)



Dois



Policial

Dois policiais

(40)



Grupo



três

Um grupo de três

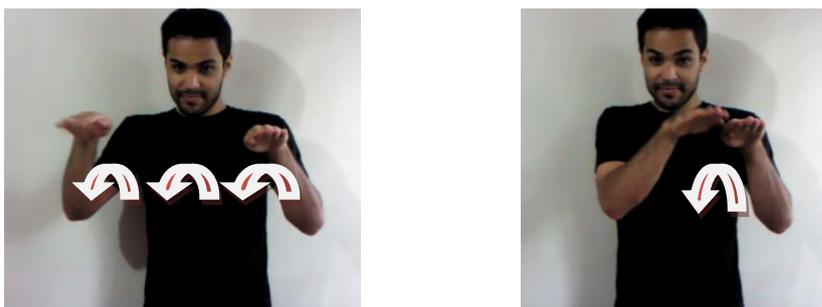
Homem
Meninos

Criança

Em 39 e 40, há um sinal com significado de plural, como dois ou grupo, e logo após o substantivo. Esse, esteja no singular ou plural, não se altera indicando singular ou plural; portanto, o substantivo não se flexiona para número.

(ii) por reduplicação⁷⁶ o movimento é reduplicado, como em:

(41)



Fila de carros

Em 41, temos uma reduplicação do movimento, indicando o plural. Ocorre aí mudança morfológica

Analisando esses sinais, percebemos que Libras está mais próxima de ser uma língua isolante, em que para cada morfe temos um morfema, do que uma língua com morfologia fusional (flexional), como o próprio nome sugere, em que há uma fusão de morfemas em um morfe.

Mas, o que encontramos na literatura para afirmar que a Libras é uma língua flexional, é o seguinte caso:

(42)



pegar

fruta

três

dar

“...ele pegou as frutas e as deu para os três meninos...”

⁷⁶ Para um estudo detalhado sobre o assunto ver a dissertação de Pagy intitulada Reduplicação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) a sair, até o fechamento dessa dissertação.

Nesse trecho, temos o menino que caiu de bicicleta agradece aos três outros meninos que o ajudaram a recolher as peras do chão, dando-lhes uma pera para cada um. Se a Libras apresentasse características de uma língua flexional o verbo, ao se flexionar para a marca número, teria que haver uma alteração no movimento indicando isso. Por exemplo, em 42 o falante, ao dizer que eram três meninos, deveria, ao sinalizar, rodopiar três vezes para indicar o plural, o que não ocorre. Em outras palavras, há um único movimento indicando o singular



e para marcar o plural o movimento



.

Se em 43 tivéssemos



indicando o plural teríamos um caso de flexão verbal; contudo, isso não ocorre.

O movimento em 42 e 43 sai do enunciador em direção a outra pessoa do discurso. Em ambos os exemplos o movimento indica a orientação das pessoas dos discursos e, em nenhum momento, demonstra a quantidade de pessoas que estão recebendo ou dando as frutas.

(43)



3.p.pl



dar

“Eles me deram” ou “Os três me deram”

Segundo os nossos colaboradores, ao sinalizar essa frase em 43, entende-se que três meninos, cada um deles, me deram algo. Há também a opção de que, para cada dedo, eu repita o movimento três vezes; porém, os nossos colaboradores disseram que é desnecessário, pois é “perda de tempo”; e, mesmo assim, essa reduplicação do movimento não indica um processo de flexão. Nos exemplos abaixo, encontramos a mesma situação.

(44)



ver
“Eu vi”



3.p.sg.
“Ele/ ela me viu”



ver.

(45)



3.p.pl.



ver

“Eles/ elas me viram” ou “Os/ as três me viram”

Sendo assim, se o movimento, orientação da mão, ou qualquer outro constituinte, não flexiona o verbo para concordar com o sujeito, mas indica os referentes na sinalização, não se trata de uma flexão verbal.

Por essa razão, nesta pesquisa, trataremos a Libras como uma língua de tipo mais isolante; pois os sinais equivalem aos morfemas na língua e são representados por apenas um morfe, e os verbos não se flexionam. O que ocorre é o uso de sinais que indicarão se o sujeito está no singular ou plural. Essa mesma situação percebemos nas marcas de tempo: quando os

surdos situavam a história ou fato eles usavam sinais como:



passado



mês

Ou



passado

Mesmo tendo considerado, nesse primeiro momento, a Libras como uma língua mais isolante do que flexional, isso não significa que não haja nela alguma flexão ou aglutinação; até porque, segundo a tipologia morfológica, nenhuma língua contém apenas um aspecto morfológico. Porém é necessário que tenhamos um estudo mais aprofundado sobre o assunto.

Aparentemente, os classificadores, segundo a linguística funcional-tipológica nos apresenta, são menos comuns em línguas isolantes; o que não significa dizer que não haja uma língua isolante sem classificadores.

4.4. Considerações do capítulo

Neste capítulo, analisamos os dados segundo o funcionalismo-tipológico e constatamos que, em Libras, as configurações de mão, que comumente são intituladas de classificadores, se comportam como itens lexicais e termos de classes; já os verbos que encontramos em nossos dados, e que são denominados classificadores verbais, se assemelham aos ideofones na medida em que trazem à tona características dos seus referentes. Ao que parece os verbos ideoquemáticos apresentam uma iconicidade acentuada. Também refletimos sobre alguns aspectos morfológicos que nos levam a crer que a Libras seja uma língua, predominantemente, isolante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo”.

Albert Einstein

A frase de Einstein resume o propósito desta pesquisa, quando a iniciamos, em 2008, nos propusemos a olhar de outra forma sobre a Libras e enriquecer o quadro descritivo dessa língua. Embora tenham sido quase quatro anos de pesquisa, as conclusões a que chegamos é que ainda há muito que ser analisado quanto ao sistema de classificação nominal da Libras e, em especial, ao que a literatura em língua de sinais vem denominando de classificadores.

Mesmo assim, podemos depreender dos dados analisados neste trabalho, segundo os critérios funcionais-tipológicos, que os denominados classificadores em Libras – como os classificadores de X-tipo de objeto e segurar- X tipo de coisa de Ferreira-Brito (1995) – dentro do *continuum* de gramaticalização de Grinevald (2000) são itens lexicais, estão mais à esquerda do *continuum* e se comportam de duas maneiras: (i) sinais que são itens lexicais plenos e (ii) sinais que são termos de classes. E, ao que tudo indica, os ‘classificadores’ que a literatura em Libras identifica de SASS, os classificadores semânticos, de corpo ou parte de corpo, instrumental, de textura - de acordo com a tipologia de Suppla (1986) –, também são itens lexicais; visto que a literatura usa o mesmo critério, a configuração de mão, para argumentar que sejam classificadores. Já os sinais que funcionam como termos de classes têm uma característica peculiar, eles podem vir antes ou depois dos sinais lexicais, segundo os nossos colaboradores. Tal fato deve ser analisado, pois percebemos que, em Libras, não há uma ‘rigidez’ quanto à ordem dos sinais; o que nos leva à conclusão de que precisamos de um estudo morfológico focado na tipologia da Libras, no processo de composição e no processo de flexão, que precisa ser revisto.

A respeito de os verbos rotulados pela literatura como complexos ou manuais ou como classificadores, especialmente aqueles presentes no nosso *corpus*, compreendemos que eles não são classificadores verbais se contrastados com os que a literatura funcional nos apresenta. Eles não apresentam, de fato, um processo de incorporação nominal e aqui compreendamos que incorporação é um fenômeno morfológico, e não sintático, em que o

nome incorporado ao verbo forma outra palavra ou um verbo, e não um conglomerado de informações sintáticas, que, nesse último caso, ocasionaria um rebaixamento da valência do verbo, restringindo o escopo do verbo. Sobre esse assunto, notamos também que não temos uma pesquisa cujo foco seja a valência verbal em Libras e os alinhamentos sintáticos dessa língua.

Nos nossos dados, percebemos que os verbos, por estreitarem seus componentes fonológicos com o mundo, acabam se comportando como os ideofones em línguas orais. O que não significa que essa língua seja menos complexa, mas que, enquanto nas línguas orais os ideofones são utilizados em situações discursivas específicas, como narrativas ou demonstrações de afeto entre outros, os ideoqueremas nada mais seriam que a expressão natural da iconicidade da Libras; o que não diminui o seu *status*, mas mostra o quão é rica a língua no quesito interação dos surdos com o mundo.

Constatamos que as características semânticas e os aspectos socioculturais foram deixados de lado por parte da literatura sobre línguas de sinais quando essa se propôs a analisar os chamados classificadores. Essa desvinculação não pode ser feita, visto que é por meio dela que temos um sistema de classificadores. Da mesma maneira, foi tratado o *continuum* de gramaticalização e o caráter morfossintático foi o único critério considerado válido nas análises. Em contrapartida, vimos que a literatura funcional trata de forma homogênea todos esses aspectos na descrição do classificador e que esses não foram percebidos nos dados. Sendo assim, não queremos dizer que a Libras não possa ter classificadores; mas, atualmente, o que vem sendo considerado como classificador ou construções classificatórias não se configura como tal.

Em suma, é necessário que alcemos novas perspectivas de análises sobre as línguas de sinais: se outrora o desafio era provar que eles eram Línguas, a linguística de hoje deve vencer sua timidez ao se deparar com uma língua de modalidade visual e propor teorias e análises para ela. Com este trabalho, queremos, então, contribuir com a linguística em língua de sinais e, assim, propor novos olhares sobre essa língua; sempre tendo em mente as propriedades funcionais dos elementos linguísticos.

REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, A. Y. “Unusual classifiers in Tariana.” In: SENFT, G. (ed.). *Systems of Nominal Classification*. CUP, 2000b.
- AIKHENVALD, A. Y. *Classifiers: A Typology of noun categorization devices*. UK: Oxford, 2000.
- ALLAN, K. “Classifiers”. In: *Language*. 53: 284 – 310, 1977.
- ARONOFF, M.; Meir, I.; Padden, C.; Wendy, S. “Classifier constructions and morphology in two sign Languages”. In: EMMOREY, K. *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.
- AARONS, D.; BAHAN, B.; KEGL, J. NEIDLE, C. “Lexical tense markers in American sign Language”. In: EMMOREY, K.; REILY, J.S. (Ed.). *Sign, gesture and space*. Hillside, New Jersey: LEA, 1992.
- ARROTEIA, J. *O papel da marcação não - manual nas sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB)*. 2005. 131f. Dissertação (Mestrado em linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005
- ARROTEIA, J. “Uma explicação sintática para a necessidade da negação facial (mente expressa) na língua de sinais brasileira.” In: *Revista dos cursos de Pós – Graduação*. Campinas, vol.11, p. 64 – 76, 2006.
- BARNES, J. “Classifiers in Tuyuca”. In: PAYNE, D. L. (org.) *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, pp. 273-292, 1990.
- BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BASSO, I. M. de S. *Educação de pessoas surdas: novos olhares sobre as questões do ensinar e do aprender língua portuguesa*. 2003. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- BENTON, R. “Numeral and attributive classifiers in Trukese.” In: *Oceanic Linguistics* 7: 104-146, 1968.
- BONI, V. & QUARESMA, S. J. “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.” In: *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. vol. 2 nº 1 (3), , p. 68-80, janeiro-julho, 2005.
- BODOMO , A. *A corpus of Cantonese ideophones (2000-2008)*. Disponível em: <http://www.hku.hk/linguist/research/bodomo/ideophones/Ideophones_corpus_030608.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2010.
- BRASIL. Resolução 196/1996. Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde. Diretrizes Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. De 10 outubro de 1996. Disponível em < <http://www.cepih.org.br/pesquisador.htm>> Acesso em: 20 de fevereiro de 2010.

BRASIL. Lei nº. 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a oficialização da Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <http://www.dji.com.br/leis_ordinarias/l-010436-24-04-2002.htm> Acesso em: 20 de novembro de 2008.

BRASIL. Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: <<http://www.dji.com.br/decretos/2005-005626/2005-005626.htm>> Acesso em: 20 de novembro de 2008.

BRINTON, L. J.; TROUGOTT, E. C. *Lexicalization and Language Change*. USA: Cambridge University Press, 2005.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALVET, L. J. *As políticas lingüísticas*. São Paulo: Parábola e IPOL, 2007.

CAMARA Jr, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.

CARLSON, R. and. PAYNE. D. L. "Genitive classifiers." In: CARLSON, R.; DELANCEY, S.; GILDEA, S.; PAYNE. D. L. and. SAXENA, A. *Proceedings of the fourth meeting of the Pacific linguistics conference*, pp.87-119, 1989.

COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology: Syntax and morphology*. Chicago: UCP, 1986 .

COROA, M. L. In: Programa Gestão da Aprendizagem Escolar-Gestar II. Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 3 – TP3: gêneros e tipos textuais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

CORREA, R. B. de. S. *A complementaridade entre línguas e gestos nas narrativas de sujeitos surdos*. 2007. 166f. Dissertação (Mestrado em linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CRAIG, C (org.). "*Noun Classes and Categorization*." Amsterdam and Philadelphia: J. B. Publishing Company, 1986.

CREISSELS, D. "Lês systèmes de classes nominales dès langues Niger-Congo: prototype et variations." In: *Linx*. 45, 2001.

CREVELS, M. "Classifier systems in Itonama." *Colloque DDL-ISH*. Lyon, november 30, 2001.

CROFTS, M. "Repeated Morphs in Mundurukú" In: *Estudos sobre Línguas e Culturas Indígenas*. Brasília: SIL, 1971.

CROFTS, M. "Ideófonos na narração Mundurukú". In: DOOLEY, R. A. *Estudos sobre Línguas Tupí do Brasil*. Brasília: SIL, 1984.

CROFTS, M. *Aspectos da Língua Mundurukú*. Brasília: SIL, 1985.

CRUZ, C. R. *Proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão, para crianças surdas utentes da Língua de Sinais Brasileira*. 2008. 198f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008.

CRYSTAL, D. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. Blackwell Publishers, 6ed, 2008.

CUXAC, C. “Construções de referências em língua des signes française: les voies de l’iconicité”. In: *Sémiotiques* 15, 1998.

CUXAC, C. “Les langues des signes: analyseurs de la faculté de langage”. In : *Acquisition et interaction en langue étrangère*, 2005. Disponível em: <http://aile.revues.org/document536.html>. acessado em: 25 agos. 2009.

CUXAC, C. “Compositionnalité sublexicale morphémique iconique em língua des signes française”. In: *Recherches linguistiques de Vincennes* 29, p. 55-72, 2000.

DAMÁZIO, M. F. M. *Educação escolar de pessoa com surdez: uma proposta inclusiva*. 2005. 119. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

DELANCEY, S. *Lectures on functions syntax*. U.S.A: University of Oregon, 2000. Disponível em: www.ddl.ish-lyon.cnrs.fr/Fulltext/Grinevald/LANGUAGE_M1/DeLancey_Unpl.pdf> Acesso em: 30 jul. 2008.

DEMUTH, K, FARACLAS, N and MARCHESE, L. “Niger-Congo noun class and agreement systems in language acquisition and historical change” In: CRAIG, C (org.). “*Noun Classes and Categorization*.” Amsterdam and Philadelphia: J. B. Publishing Company, 1986

DERBYSHIRE, D. C. & PAYNE, D. L. "Noun classification systems of Amazonian Languages." In: Payne. D. L. (org.) *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, pp. 242-271, 1990.

DIXON, R. M. W. "Noun Classes and Noun Classification in Typological Perspective". In: CRAIG, C. (org.). *Noun Classes and Categorization*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, pp. 105-112, 1986.

DUBOIS, J.; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J. B.; MEVEL, J. P.: *Dicionário de Lingüística*. Tradução Izidoro Blikstein. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

EKMAN, P. “Facial signs: facts, fantasies and possibilities”. In: SEBEOK, T. (Ed.). *Sight, sound and sense*. Bloomington, Ind.: Indiana University Press, 1978.

ELAN. In: The institute: *Max Planck Institute for Psycholinguistics, Nijmegen, The Netherlands*. Language Archiving Technology, 2005. Disponível em: < <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>> Acesso em: 20 de novembro de 2010

ELSON, B.; PICKETT, V. *Introdução à morfologia e à sintaxe*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1978.

ERICKSON, F. ‘Ethnographic description.’ In: *Sociolinguistics*. Berlin e New York: Walter de Gruyter, 1081-1095, 1988.

FABRI, A. de E. *O papel desempenhado pela língua brasileira de sinais na produção escrita de alunos surdos*. 2001. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

- FARIA-NASCIMENTO, S. P. “Metáfora na LSB: debaixo dos panos ou a um palmo de nosso nariz?.” In: *Estudos Lingüísticos Grupo de Estudos Surdos e Educação*. Campinas, jun. 2006.
- FARIA-NASCIMENTO, S. P. *Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica*. 2009. 290f. Tese (Doutorado em Linguística) Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- FAVERO, M. H.; PIMENTA, M. L. “Pensamento e linguagem: a língua de sinais na resolução de problemas.” In: *Psicologia Reflexão e Crítica*. V. 19. pp. 225-236, 2006.
- FELIPE, A. T. “O sistema de flexão verba na LIBRAS: Os Classificadores enquanto Marcadores de Flexão de Gênero”. In: *Anais do I Congresso Internacional do INES VI Seminário Nacional do INES*. Rio de Janeiro: Edição INES, 2002. p. 37-58.
- FELIPE, A. T. “Os processos de formação de palavras na Libras”. Artigo. *Estudos lingüísticos Grupo de Estudos Surdos e Educação*. Campinas, jun. 2006.
- FELIPE, A. T. < http://www.ines.org.br/ines_livros/37/37_PRINCIPAL.HTM>. Acesso em: 10 jul. 2008.
- FELIX, A. *Surdos e ouvintes em uma sala de aula inclusiva: interações sociais, representações e construções de identidades*. 2008. 212f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- FERREIRA, M. “Como são apresentados sons e imagens em parkatêjê.” In: *Signótica*, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 403-414, jul./dez. 2011
- FERREIRA-BRITO, L. “Estrutura Linguística da Libras”. [s.d] Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/2538359/lucinda-ferreira-britoFerreira-Brito-estrutura-linguistica-da-Libras>> Acesso em 02 de jun. 2008.
- FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FOLEY, W. “Classifiers”. In: *Anthropological Linguistics*. 1997.
- FRISHBERG, N. “Arbitrariness and Iconicity”. In: *Language*, 51: 696-719, 1975.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. “Funcionalismo”. In: MARTELOTTA, M. E. *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.. “O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação”. *DELTA* [online]. 2001, vol.17, n.1, pp. 1-30. ISSN 0102-4450. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000100001&script=sci_arttext> Acesso em 12 de julho de 2011.
- GESUELI, Z. M. *A criança surda e o conhecimento construído na introdução em língua de sinais*. 1998. 172f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam and Philadelphia: JBPC, 1995.
- GIVÓN, T. *Syntax: a Functionl – Typological Introduction*. Vol. I e II. Amsterdam and Philadelphia: JBPC, 2001.

- GOMES, D. M. *Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupí)*. 2006. 320f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- GRINEVALD, C. "Typologie des systèmes de classification nominale", In: *Faits de langues*, 14. La catégorisation dans les langues, pp.101-123, 1999.
- GRINEVALD, C. "A morphosyntactic typology of classifiers". In: SENFT, G. (ed.). *Systems of Nominal Classification*. Cambridge University Press, 2000.
- GRINEVALD, C. "Classifiers, Linguistics of". In: SMELSER, N. J. & BALTES, P.B. *International Encyclopedia of the Social Behavioral Sciences*. UK: Oxford, 2001.
- GRINEVALD, C & SEIFART, F. "Noun classes in African and Amazonian languages: towards a comparison". In: *Linguistic Typology* 8, pp. 243 – 285, 2004.
- GRINEVALD, C. "Making sense of nominal classification systems: noun classifiers and the grammaticalization variable." In: WISCHER, I. & DIEWALD, G. (eds.). *New Reflections on Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.
- GRINEVALD, C. "Classifier systems in the context of a typology of nominal classification". In: EMMOREY, K. *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.
- GRINEVALD, C. & SEIFART, F. "Noun classes in African and Amazonian languages: towards a comparison." *Linguistic Typology* 8, pp. 243-285, 2004.
- GRINEVALD, C. "Classifiers". In: Lehmann, C., Booij, G., J. Mugdan, J. *Morphology: a Handbook on inflection and Word Formation*. vol. 2, Article 97, Berlin: Walter de Gruyter, 2004.
- GRINEVALD, C. "Classifiers". In: *Morphology: a Handbook on inflection and Word Formation*, Vol 2, Article 97, Lehmann, C., Booij, G., J. Mugdan, J. (eds), Berlin, Walter de Gruyter, 2004.
- HAIMAN, J. "The Iconicity of Grammar: Isomorphism and Motivation." In: *Language* 56: 515-540, 1980.
- HAIMAN, J. "Iconic and Economic Motivation". In: *Language* 59: 781-819, 1983.
- HALLE, M. & MARANTZ, A. "Distributed Morphology and the pieces of Inflection." In: HALE, K. & KEYSER, S. J. (eds.) *The view from building 20*. Cambridge, MA, MIT Press, 1993.
- HARLEY, H. & NOYER R. "Distributed Morphology." In: Cheng, L. & R. Sybesma (Eds.). *The Second Glot International State-of-the-Article Book*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.
- HARRISON, S.P. "A plausible history for Micronesian possessive classifiers". In: *Oceanic Linguistic* 27: 63-66, 1989.
- HARVEY, M. & REID, N.: *Nominal Classification in Aboriginal Australia*, Amsterdam: John Benjamins, 1997.
- HOPPER, P. J.; TROUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. USA: Cambridge University Press, 2000.

- HUTTAR, G. L. "Sources of creole semantic structures." *Language* 51:684-695, 1975
- KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of Language*. Massachusetts: University Press, 1979.
- LACERDA, C. B. de. *Os processos dialógicos entre aluno surdo e educador ouvinte: conhecimentos*. 1996. 165f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- LAKOFF, G. "Classifiers as a reflection of mind". In: CRAIG, C. *Noun classes and categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1986.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- LEITE, T. A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. 280f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LEHMANN, C. "Grammaticalization: Synchronic variation and diachronic change". In: *Lingua e Stile*: 20:303-318, 1985.
- LEHMANN, C. "Thoughts on grammaticalization". Erfurt: Seminar für Sprachwissenschaft der Universität, Second, revised edition, (ASSidUE, 9), 2002.
- LICHTENBERG, F. "Relational classifiers." In: *Lingua* 60: 147-176, 1983.
- LIDDELL, S. K. & JOHNSON, R. E. "American sign Language: the phonological base." In: VALLI, C. & LUCAS, C. *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. Washington, D.C: Clerc Book / Gallaudet University Press, 2000[1989].
- LIDDELL, S. K. *American Sign Language Syntax*. Mouton Publisher: The Hague, 1980.
- LIDDELL, S. K. "THINK and BELIEVE: sequentiality in American Sign Language signs." In: *Language* 60. V. 2. pp. 372-399, 1984.
- LOPES, R. E. V.; QUADROS, R. M. "Traços semânticos na aquisição da linguagem: há efeitos de modalidade de língua?" In: *Revista da ABRALIN*. Belo Horizonte, v. 4, n. 1/2, p. 75-108, 2005.
- MARANTZ, A. "Words." In: *Paper Presented at the West Coast Conference on Formal Linguistics XX*, 2001.
- MARTELOTTA, M. E. *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINET, A. *Eléments de linguistique générale*. Paris, Armand Colin, 1967. In: DUBOIS, J.; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J. B.; MEVEL, J. P.: *Dicionário de Lingüística*. Tradução Izidoro Blikstein. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MARTINS, V. R. de O. *Educação de surdos no paradoxo da inclusão com interprete de língua de sinais: relações de poder e (re) criação do sujeito*. 2008. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MAX PLANCK INSTITUTE OF EVOLUTIONARY ANTHROPOLOGY. *Leipzig Glossing Rules: Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses*. Disponível em: < <http://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>> Acesso em 12 de outubro de 2011.

MAZZA, C. R. Z. *Análise do processamento cognitivo de leitura do surdo com o teste de nomeação de sinais por escolha de palavras nas versões 1.3 e 2.3 com 5.365 estudantes surdos de 1ª e 13ª série de 14 estados brasileiros*. 2007. 190f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo São Paulo 2007.

MITHUN, M. "The Evolution of Noun Incorporation." In: *Language*. 60: 847-94, 1984.

MITHUN, M. "The convergence of noun classification systems". In: CRAIG, C. (org.). *Noun Classes and Categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 379-397, 1986.

NEVES, M. H. de M. "Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos." In: CHRISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. (Org.). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise e ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

OLIVEIRA, R. P. "Semântica" In: MUSSALIM, F. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. Vol. 2 São Paulo: Cortez, 2001.

PADDEN, C. "The linearization of phonological tiers in ASL." In: G. COULTER, (Ed.), *Issues in Phonology and Phonetics*. New York: Academic Press, vol. 3, pp. 131-134, 1992.

PADDEN, C. & PERLMUTTER, D. "American Sign Language and the architecture of phonological theory." In: *Natural Language and Linguistic Theory*, 5, 335-375, 1987.

PATERNIO, U. *A política lingüística da rede estadual de ensino em Santa Catarina em relação à educação de surdos*. 2007. 174f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

PETTER, M, M, T. "Morfologia" In: ILARI, R.(org.). *Introdução à lingüística: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2005.

PIKE, K. L. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. The University of Michigan Press: Ann Arbor, 1971 [1947].

PIMENTA, M. L. *Produção e Compreensão do Texto Escrito: Um Estudo Comparativo junto a Surdos e Ouvintes Universitários*. 2008. 277f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PIMENTA, M. L.; FAVERO, M. H. "Psicologia do desenvolvimento humano, escolarização e língua de sinais: algumas reflexões." In: *Espaço (INES)*, v. 23, p. 75-81, 2005.

PIRES, L. C. *Aquisição da língua portuguesa escrita (L2) por sinalizantes surdos da língua de sinais brasileira (L1)*. 2005. 137f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

- PIZZIO, A.L. *A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construções com tópico e foco*. 2006. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- QUADROS, R. M. de. “*Alfabetização e o ensino da língua de sinais*”. Canoas: Textura, n.3, p.53-62, 2000.
- QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- QUADROS, R. M. de.(org.). *Estudos surdos I*. Arara azul, 2006.
- QUADROS, R. M. de.(org.). *Estudos surdos II*. Arara azul, 2007.
- QUADROS, R. M. de.(org.). *Estudos surdos III*. Arara azul, 2008.
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- RAMIREZ, H. "Order of determination, ergativity and classifier gênesis: tucanoan versus yanomaman". 49th International Congress of Americanists, Quito, 1997.
- RODRIGUES, A. “Nominal classification in Karirí”. In: *Opción*, 22:65-79, 1997.
- RODRIGUES, T. de A. *Buscando sentido para a pesquisa e o ensino de regência verbal: uma abordagem funcional-cognitiva*. 2011. 229 f., Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- SALLES, H. M. M. L. A. (org.). *Bilingüismo dos surdos: questões lingüísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.
- SALLES, H. M. M. L. A. et. al. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: MEC, SEESP, vol. 2, 2004.
- SANDLER, W. *Phonological Representation of the Sign: Linearity and Nonlinearity in American Sign Language*. Dordrecht: Foris, 1989.
- SANDLER, W. *Sign language phonology*. The Oxford international encyclopedia of linguistics: William Frawley, 2003.
- SANDLER, W. “Phonology, phonetics and the nondominant hand.” In: GOLDSTEIN, L.; WHALEN, D. H. and BEST, C. (Eds). *Papers in Laboratory Phonology: Varieties of Phonological Competence*. Berlin: Mouton-de Gruyter, pp.185-212, 2006.
- SCHEMBRI, A. “Rethinking “classifiers” in signed languages.” In: EMMOREY, K. (Ed.), *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística geral*. São Paulo:Editora Cultrix, 2006.
- SCHIMITT, D. *Contextualização da trajetória dos surdos e educação de surdos em Santa Catarina*. 2008. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciência em Educação, Florianópolis, 2008.
- SENFT, G. (ed.). *Systems of Nominal Classification*. Cambridge University, Press, 2000.

- SENF, G. "What do we really know about nominal classification systems?". In: SENFT, G. (ed.). *Systems of Nominal Classification*. Cambridge University Press, 2000.
- SILVA, I. R. *As representações do surdo na escola e na família: entre a (in) visibilização da diferença e da "deficiência"*. 2005. 274f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- SILVA, I. R. *O uso de algumas categorias gramaticais na construção de narrativas pelo sujeito surdo*. 1998. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- SILVA, S. G. de L. da. *Ensino de língua portuguesa para surdos: das políticas as práticas pedagógicas*. 2008. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciência em Educação, Florianópolis, 2008.
- SILVEIRA, C. H. *O currículo de língua de sinais na educação de surdos*. 2006. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciência em Educação, Florianópolis, 2006.
- STOKOE, W. C. Jr. *Semiotics and human sign languages*. The Netherlands: Mouton, 1972.
- STOKOE, W.C. et al. *A dictionary of American Sign Language on linguistic principles*. Silver Spring, Md: Linstok Press, 1976[1960].
- STROBEL, K. L. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. 2008. 176f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciência em Educação, Florianópolis, 2008.
- STUMPF, M. R. *Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema Sign Writing: línguas de sinais no papel e no computador*. 2005. 277f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Faculdade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- SUPALLA, T. "The classifiers system in American Sign Language." In: Craig, C. *Noun classes and categorization: Typological studies in language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1986.
- TALMY, L. "The representation of spatial structure in spoken and signed language". In: EMMOREY, K. *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.
- TUMTAVITIKUL, A, NIWATAPANT, C and DILL, P. "Classifiers in Thai Sign Language" In: SKASE Journal of Theoretical Linguistics, vol. 6.1, 2009.
- VELOSO, B. "Classificadores e Estrutura Argumental na Língua de Sinais Brasileira." In: *Estudos linguísticos Grupo de Estudos Surdos e Educação*. Campinas, v. 34, p. 521 – 526, 2005.
- VELOSO, B. *Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de sinais brasileira*. 2008. 172f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- VELOSO, B. "Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de Sinais Brasileira." In: SALLES, H. M. M. L. A.; NAVES, R. R. (Org.). *Estudos Gerativos da língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010.
- WEISS, H. E. *Fonética articulatória: guia e exercícios*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1988.
- WESCOTT, R. "Linguistic iconism". In: *Language*. 47: 416-28, 1971.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. “Arbitrariedade e iconicidade” In: MARTELOTTA, M. E. *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.

XAVIER, A. N. *Descrição fonético – fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LIBRAS)*. 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

ZESHAN, U. ‘Classificatory’ constructions in Indo-Pakistani sign language: grammaticalization and lexicalization processes”. In: EMMOREY, K. (Ed.), *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

APÊNDICE A

Termo de compromisso

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa "Documentação e descrição dos classificadores na língua brasileira de sinais (Libras)", sob a responsabilidade da mestrandia Cleomasina Stuart Sanção Silva Mendonça e orientação do Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes, ambos do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB). A pesquisa tem como finalidade coletar dados para a dissertação de mestrado ora em construção.

A metodologia adotada na pesquisa é de caráter descritivo, e os dados serão obtidos da seguinte forma: 1) aplicação de um questionário, 2) distribuição de imagens aos participantes e 3) gravações em vídeo. A coleta de dados será feita por filmagem dos participantes, e o tempo destinado para as gravações deverá variar de acordo com a necessidade de cada colaborador. Esse processo não causará nenhum desconforto, risco ou constrangimento aos participantes.

Esta pesquisa será bastante importante para os estudos linguísticos sobre Libras e sobre línguas naturais em geral. Também será importante para os estudos educacionais e, sobretudo, dará mais visibilidade aos surdos brasileiros, que tem a Libras como língua plena, funcional e culturalmente motivada.

Durante a pesquisa, você terá e poderá solicitar, quantas vezes achar necessário, informações do que está sendo ou será realizado. Se, por acaso, você não quiser responder a qualquer uma das perguntas feitas, não quiser ser filmado ou desistir de participar da pesquisa, você não sofrerá nenhum constrangimento ou cobrança de nenhuma natureza; Além disso, você não terá nenhum tipo de despesa, nem receberá pagamento ou qualquer gratificação por sua participação. Asseguramos-lhe que, sem sua expressa permissão, nenhuma das gravações feitas será publicada em meios impressos ou virtuais, assim como as informações obtidas pelo questionário sociolinguístico serão confidenciais. Logo, asseguramos o total sigilo da sua participação, pois todos os dados ficarão sob a guarda do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), situado no ICC Norte Subsolo, Módulo 20 na Universidade de Brasília – UnB. Esta pesquisa conta com a aprovação e supervisão do Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.

Esse termo de compromisso será impresso em duas vias, uma para você e outra para o pesquisador.

Tenho consciência do que foi exposto e aceito participar voluntariamente da pesquisa.

Assinatura do Colaborador: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

Brasília, ____ de _____ de 20__.

APÊNDICE B

Termo de compromisso

Senhores pais ou responsáveis o seu (sua) filho (a) está sendo convidado a participar da pesquisa "Documentação e descrição dos classificadores na língua brasileira de sinais (Libras)", sob a responsabilidade da mestrandia Cleomasina Stuart Sanção Silva Mendonça e orientação do Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB). A pesquisa tem como finalidade coletar dados para a dissertação de mestrado ora em construção.

A metodologia adotada na pesquisa é de caráter descritivo, e os dados serão obtidos da seguinte forma: 1) aplicação de um questionário, 2) distribuição de imagens aos participantes e 3) gravações em vídeo. A coleta de dados será feita por filmagem dos participantes, e o tempo destinado para as gravações deverá variar de acordo com a necessidade de cada colaborador. Esse processo não causará nenhum desconforto, risco ou constrangimento aos participantes.

Esta pesquisa será bastante importante para os estudos linguísticos sobre Libras e sobre línguas naturais em geral. Também será importante para os estudos educacionais e, sobretudo, dará mais visibilidade aos surdos brasileiros, que tem a Libras como língua plena, funcional e culturalmente motivada.

Durante a pesquisa, você e/ou seu (sua) filho (a) terá e poderá solicitar, quantas vezes achar necessário, informações do que está sendo ou será realizado. Se, por acaso, seu (sua) filho (a) não quiser responder a qualquer uma das perguntas feitas, não quiser ser filmado (a) ou desistir de participar da pesquisa, ele (a) não sofrerá nenhum constrangimento ou cobrança de nenhuma natureza. Além disso, ele (a) não terá nenhum tipo de despesa, nem receberá pagamento ou qualquer gratificação pela participação. Asseguramos-lhe que, sem sua expressa permissão, nenhuma das gravações feitas será publicada em meios impressos ou virtuais, assim como as informações obtidas pelos questionários sociolinguísticos serão confidenciais. Logo, asseguramos o total sigilo participação dele (a), pois todos os dados ficarão sob a guarda do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), situado no ICC Norte Subsolo, Módulo 20 na Universidade de Brasília – UnB. Esta pesquisa conta com a aprovação e supervisão do Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.

Esse termo de compromisso será impresso em duas vias, uma para você e outra para o pesquisador.

Tenho consciência do que foi exposto e aceito que meu (minha) filho (a) a participar voluntariamente da pesquisa.

Assinatura do Responsável: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

Brasília, ____ de _____ de 20__.

APÊNDICE C

Questionário de pesquisa: Perfil sociolinguístico de falantes surdos de Libras⁷⁷

Data: ____/____/20____.

Número: _____

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

01. Quantos anos você tem? _____ anos.

02. Sexo: () masculino () feminino

03. Qual sua escolaridade? _____

04 a. Você tem algum parente surdo na sua família?

() sim () não () não sei

Caso a resposta seja sim, quem é surdo na sua família? _____

04 b. Seus pais são surdos?

() não () sim Quem? _____

05 a. Onde você nasceu? _____

05 b. Com quantos anos você mudou para o Distrito Federal? _____ [caso venha de outro estado]

DIAGNÓSTICO DA SURDEZ

06. Com que idade a sua família percebeu que você era surdo? _____ anos

() bebe até os 02 anos () 06 aos 09 anos () 16 aos 20 anos

() 02 aos 05 anos () 10 aos 15 anos () 20 em diante

07. Qual a natureza da sua surdez?

Genética: () sim () não

Congênita: () sim () não

Na gravidez minha mãe pegou?

() rubéola () catapora () sarampo

Eu ao nascer peguei?

() rubéola () catapora () sarampo

() outros: _____

08. Qual o seu grau de surdez?

Ouvido direito: () leve () moderada () severa () profunda

Ouvido esquerdo: () leve () moderada () severa () profunda

ESCOLA

09. Qual língua você aprendeu primeiro quando tinha 04 anos?

() só Libras () só Português (oralização)

⁷⁷ Adaptação do **QUESTIONÁRIO DE HABILIDADES, USOS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS EM COMUNIDADES MUNDURUKÚ DO PARÁ. Projeto “Dicionário Terminológico Escolar Bilingue Português – Mundurukú/ Mundurukú – Português: Agroecologia, Enfermagem e Magistério”** do Prof. Dr. Dione M. Gomes.

- () com amigos surdos fora da escola
 () na igreja com instrutor e/ ou professor surdo
 () outros: _____

24. Qual língua você usa para conversar com os seus pais, irmãos, avós e outros parentes da família?
 () só Libras () só Português (oralização)
 () Português mais Libras () não converso com meus familiares com frequência

25. Tem alguém na sua família que sabe falar Libras?

- () não
 () sim Quem? _____
 () Um pouco. Quem? _____

26. Que língua você usa em uma roda de amigos ou colegas?

- () só Libras () só Português (oralização)
 () Português mais Libras

TRABALHO

27. Qual língua você usa com seus amigos e/ ou colegas de trabalho, durante o trabalho?

- () só Libras () só Português (oralização)
 () Português mais Libras () não converso com meus colegas de trabalho com frequência

28. Você já foi ou é instrutor de Libras?

- () não () sim. Onde? _____

RELIGIÃO

29. Qual língua você usa quando ora/reza? [se não reza, pule a pergunta]

- () só Libras () só Português (oralização)
 () Português mais Libras

30. Qual é a língua mais usada no sermão (pregação, missa) da igreja?

- () só Libras () só Português (oralização)
 () Português mais Libras

APÊNDICE D

Parâmetros de processos de gramaticalização (LEHMANN, 1985, p. 05)

parameter	weak grammaticalization	___process	strong grammaticalization
integrity	bundle of semantic features; possibly polysyllabic	___attrition→	few semantic features; oligo- or monosegmental
paradigmaticity	item participates loosely in semantic field	___ <i>paradigmaticization</i> →	small, tightly integrated paradigm
paradigmatic variability	free choice of items according to communicative intentions	___ <i>obligatorification</i> →	choice systematically constrained, use largely obligatory
scope	item relates to constituent of arbitrary complexity	___ <i>condensation</i> →	item modifies word or stem
bondedness	item is independently juxtaposed	___ <i>coalescence</i> →	item is affix or even phonological feature of carrier
syntagmatic variability	item can be shifted around freely	___ <i>fixation</i> →	item occupies fixed slot



ANEXO A

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Campus Universitário Darcy Ribeiro

ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto: CLASSIFICAÇÃO NOMINAL: UM ESTUDO SOBRE OS CHAMADOS CLASSIFICADORES EM LIBRAS SEGUNDO A TEORIA FUNCIONAL-TIPOLOGICA

Pesquisador Responsável: Cleomasina Stuart Sanção Silva Mendonça

Com base nas Resoluções 196/96, do CNS/MS, que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, após análise dos aspectos éticos, resolveu **APROVAR** o projeto intitulado “CLASSIFICAÇÃO NOMINAL: UM ESTUDO SOBRE OS CHAMADOS CLASSIFICADORES EM LIBRAS SEGUNDO A TEORIA FUNCIONAL-TIPOLOGICA”.

O pesquisador responsável fica notificado da obrigatoriedade da apresentação de um relatório final sucinto e objetivo sobre o desenvolvimento do Projeto, no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (itens VII.13 letra “d” e IX.2 letra “c” da Resolução CNS 196/96).

Brasília, 16 de junho de 2010.

Debora Diniz

Coordenadora do CEP/IH